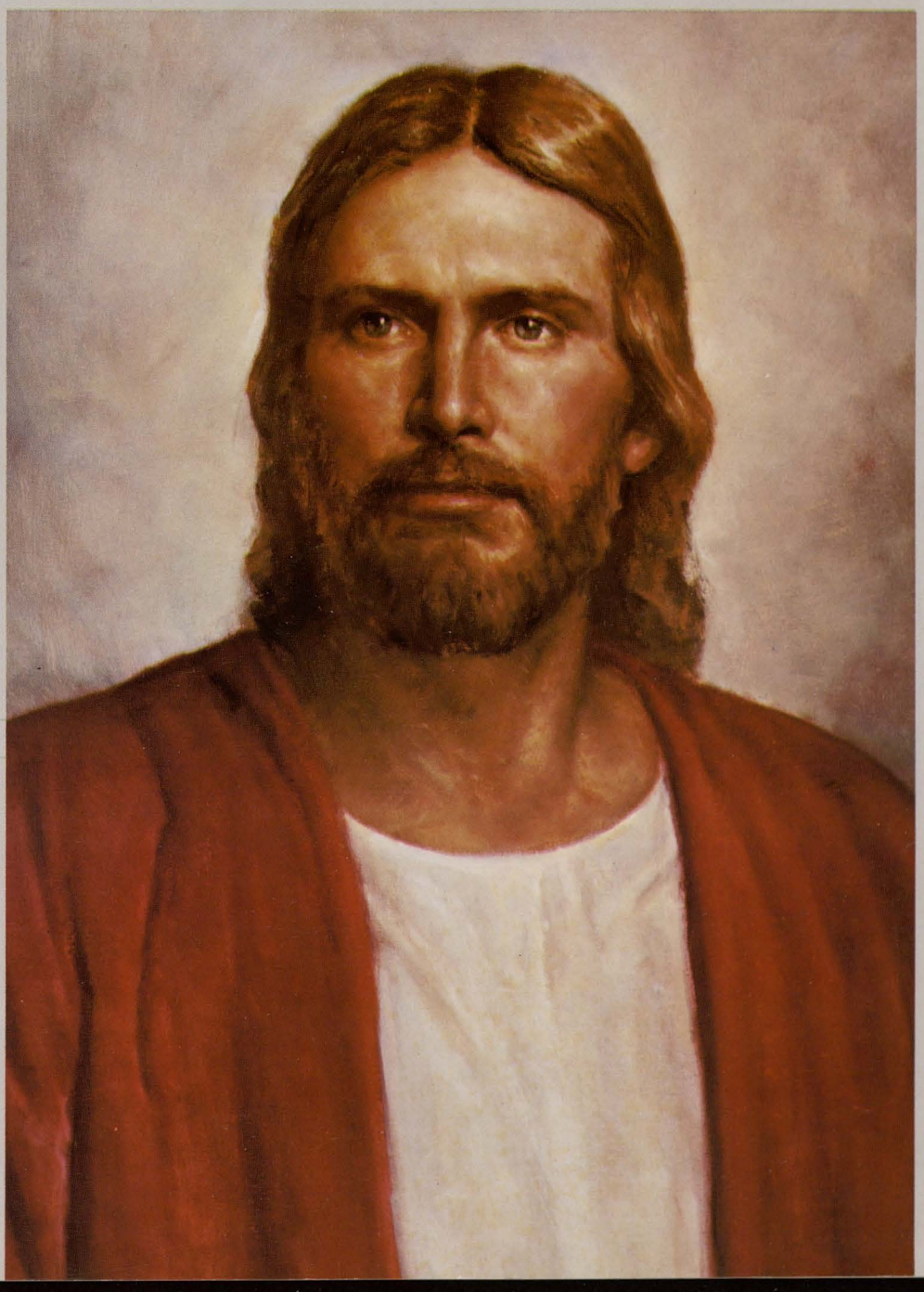
A Liahona

Volume 38 - Número 3
ABRIL/MAIO DE 1985



A Liahona

Abril/Maio de 1985
Volume 38 - Nº 3
PBMA0562PO
São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney, Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, Bruce R. McConkie, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks.

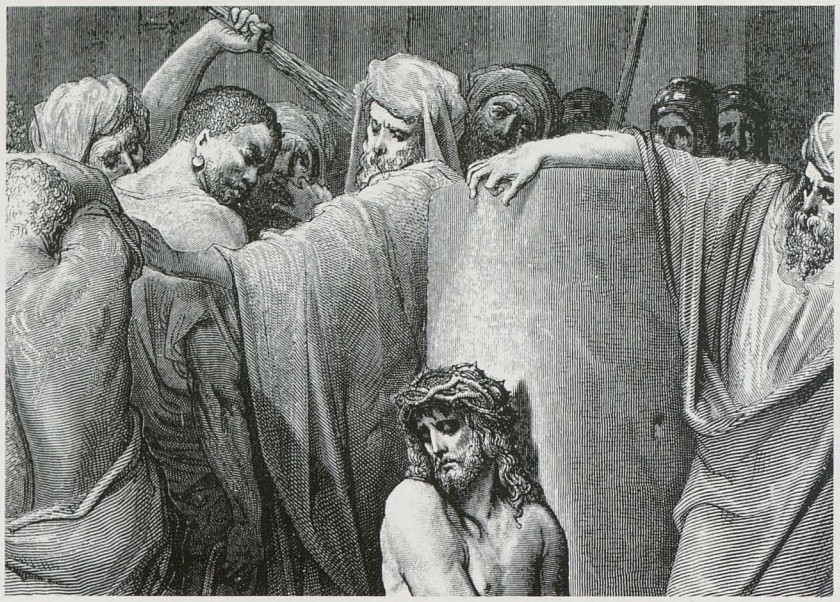
Comitê de Supervisão: M. Russell Ballard, Loren C. Dunn, Rex D. Pinegar, Charles Didier, George P. Lee.

Editor:
M. Russell Ballard

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller
Editor Associado: David Mitchell
Seção Infantil: Lois Richardson
Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto
Editor: Paulo Dias Machado
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires
Supervisor de Produção: Elias Nelson Munhoz

Capa: "O Senhor Jesus Cristo", pintura a óleo sobre tela, de Del Parson.
Última Capa: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá." (João 11:25.)



1 Mensagem da Primeira Presidência: Jesus de Nazaré, *Presidente Spencer W. Kimball*
6 Pesquisa sobre o Livro de Mórmon, 2ª parte *John L. Sorenson*
13 Ensinar pelo Espírito, *Élder Loren C. Dunn*
16 Fechado aos Domingos, *Quinten e LaRae Warr*
19 O Melhor Presente na Vida, *Floy Daun Mackay*
21 Coloquemos em Ordem a Nossa Casa, *Presidente Marion G. Romney*
26 "Segundo o Seu Desejo", *Élder Dean L. Larsen*
29 Perguntas & Respostas: Arrependimento, *Jerry Taylor Bishop*
30 Perguntas & Respostas: As Limitações de Satanás, *Lawrence R. Peterson Jr.*
31 As Regras de Fé na Noite Familiar, *Elizabeth Martinsen*
32 Ser um Membro Missionário, *Lindsay R. Curtis*
34 O Lugar Certo no Momento Certo, *Kirsten Christensen*
36 O que se Vê Hoje

Seção Infantil:
1 De um Amigo para Outro, *Élder James E. Faust, Janet Peterson*
3 Abraão e Sara, *Histórias das Escrituras*
5 Só para Divertir
6 A Troca, *Paula DePaolo*

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

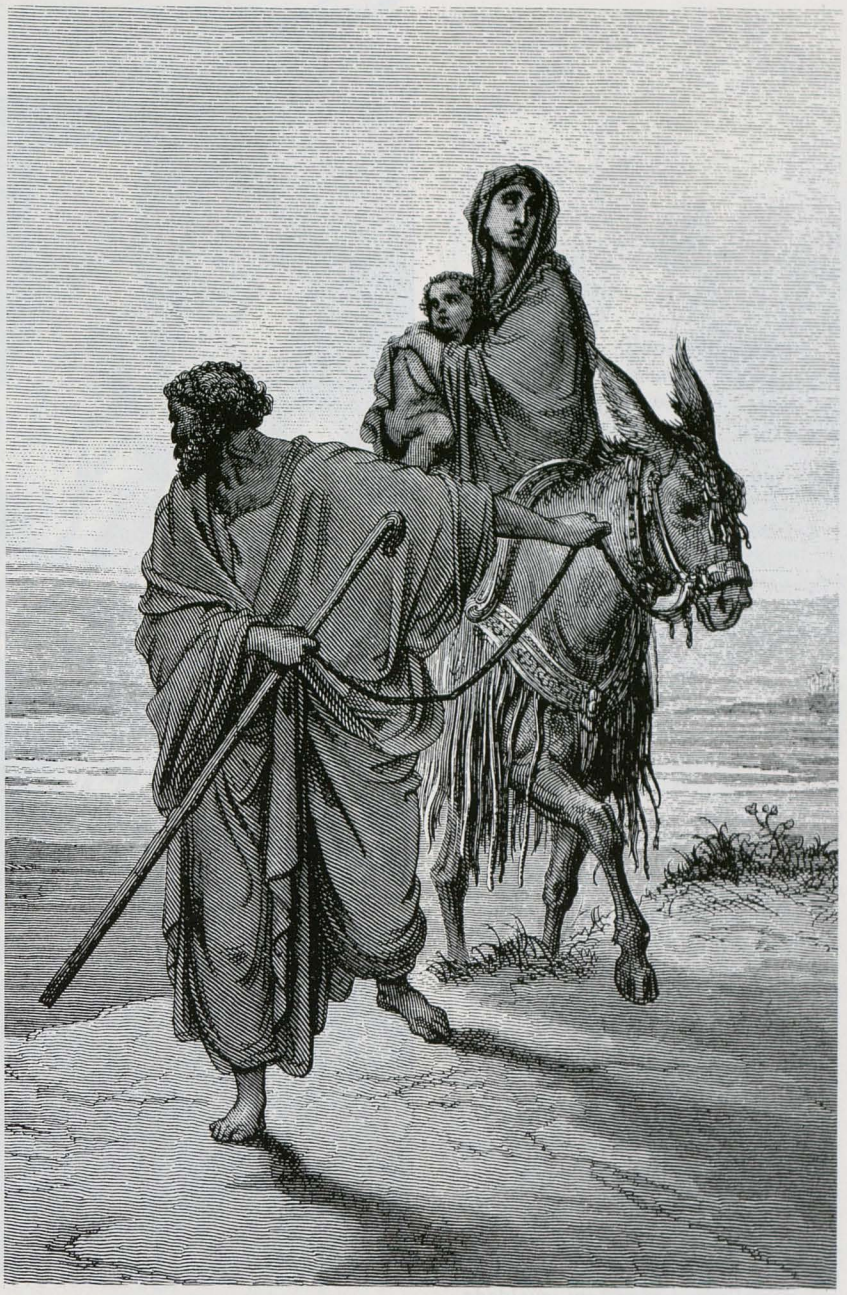
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 6.000,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 750,00**.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês.
Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

JESUS DE NAZARÉ

Presidente Spencer W. Kimball

Esta mensagem é baseada num artigo publicado em A Liahona, *de dezembro de 1981, e que está sendo reproduzido de forma abreviada, por orientação do Presidente Kimball, para uso no lar e debate em família.*



Quão gratos somos pelo Senhor Jesus Cristo. Seu nascimento, vida e morte foram os maiores de todos os acontecimentos. Jesus morreu em sacrifício expiatório por nossos pecados, abrindo o caminho para a nossa ressurreição, indicando a maneira de aperfeiçoarmos nossa vida e mostrando a senda que conduz à exaltação. Ele morreu deliberadamente, por sua própria e livre vontade. Seu nascimento foi humilde, sua vida perfeita, seu exemplo compelidor; sua morte abriu-nos portas e ofereceu ao homem todos os dons e bênçãos de real valia.

Sim, toda alma tem o livre-arbítrio. Nós podemos ter todas as bênçãos que Cristo viveu e morreu para nos dar. Entretanto, a morte e o plano de Cristo são vãos, se não tirarmos proveito deles: "Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que, arrependendo-se, não precisassem sofrer." (D&C 19:16.)

O Salvador veio para "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem" (Moisés 1.39). Seu nascimento, morte e ressurreição trouxeram a imortalidade. Nós, porém, precisamos unir nosso esforço ao dele para alcançar a vida eterna.

Ele resumiu assim o plano de exaltação eterna aos nefitas: "Portanto, que classe de homens devereis ser? Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27.)

Conduzindo a multidão à montanha, ele falou demoradamente sobre os requisitos da exaltação. Seu memorável Sermão da Montanha parece incluir todos os mandamentos e todos os requisitos, e eis sua conclusão: "Sede vós pois perfeitos" (Mateus 5:48.)

Talvez pudesse ter morrido muitos anos antes e cumprido apenas o primeiro dos requisitos — o de proporcionar a ressurreição e imortalidade. Todavia, por algum motivo, foi necessário que vivesse um pouco mais, mesmo que fosse uma existência repleta de perigos, para poder estabelecer firmemente o caminho da perfeição.

Ele viveu perigosamente por mais de três décadas. Desde o dia em que Herodes decretou e levou a cabo a terrível matança de criancinhas, até o ato impiedoso de Pilatos, entregando-o à turba sanguinária, Jesus viveu em perigo constante, chegando a ter a cabeça a prêmio; e o preço final foram trinta moedas de prata. Parece que não somente inimigos humanos desejavam complicar-lhe a vida, como também seus amigos o abandonaram; como se isto não bastasse, Satanás e suas legiões o perseguiam incessantemente. Entretanto, mesmo depois de sofrer morte prematura, parece que não pôde deixar este mundo sem antes haver instruído melhor seus discípulos. Assim, permaneceu aqui na terra por mais quarenta dias, a fim de proporcionar treinamento de liderança aos apóstolos e preparar o povo para tornar-se santo.

Ao examinarmos sua vida, vemos o cumprimento das profecias. Conforme o predito, foi um "homem de dores, e experimentado nos sofrimentos" (Isaías 53:3). Como poderia ele conduzir eficientemente seu povo — mostrar-lhe a maneira de guardar seus mandamentos — a menos que conhecesse tanto o sofrimento como a alegria? De que forma poderíamos saber que é possível alcançar a perfeição individual, ou ainda, como alguém pode ser persuadido a esforçar-se para alcançá-la, se ninguém provasse que tal meta é atingível? Por isso, ele passou por inúmeras tribulações durante toda a existência.



Desde o princípio de seu ministério, ele deu o mandamento de sermos perfeitos. Talvez já tivesse alguma idéia das provas que teria de enfrentar. Seria ele próprio capaz de viver à altura do sublime ideal da perfeição? Conseguiria suportar a constante pressão?

Entretanto, cada dia de sua vida confirmava seu poder, sua grande capacidade e energia. Desde o nascimento, sua vida foi cheia de percalços. Nascido numa manjedoura, sem gozar nem mesmo dos confortos de um lar israelita comum, foi um hóspede indesejado. Não havia lugar para ele na hospedaria.

Ainda na infância, seus pais tiveram de levá-lo às pressas para um país distante, a fim de salvar-lhe a vida, numa jornada perigosa feita com grande pressa e temor, uma viagem certamente difícil para uma criança tão pequena, possivelmente ainda sendo amamentado pela mãe. A viagem de volta do Egito para Nazaré foi ainda mais longa e árdua, novamente para fugir à sanha de um governante desalmado.

Suas tribulações foram contínuas. Talvez Lúcifer, seu irmão, tenha ouvido Jesus dizer, quando ainda era apenas um garoto de doze anos: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios da casa de meu Pai?" (Lucas 2:49.) Então chegou o momento em que Satanás procurou fazê-lo cair em tentação. A batalha dos dois na vida pré-mortal fora travada em igualdade de condições; mas agora, Jesus não passava de um jovem, enquanto Satanás era um espírito experiente. Com sutilezas e desafios, tentou destruir o Salvador. Jesus fizera menção de seu relacionamento filial com o Pai, e Lúcifer decidiu pô-lo à prova nesse particular. Faminto após um longo jejum, Jesus precisava de alimento, e então lhe foi lançado o cruel desafio: "Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães." (Mateus 4:3.) Um pão seria tão saboroso naquele momento!

Depois, no pináculo do templo, plantou um pensamento feio: "Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seu anjos dará ordens a teu respeito: e tomar-te-ão nas mãos." (Mateus 4:6.) O Senhor, possivelmente, tinha consciência plena de seu poder ilimitado, mas, usá-lo em proveito próprio e para satisfazer o desafio demoníaco de Satanás, seria errado.

E, finalmente, no topo da alta montanha de onde podia contemplar a riqueza das nações, o poder de reis e imperadores, a glória da abundância, a satisfação de cada impulso, desejo e paixão, ouviu a tentadora promessa: "Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares." (Mateus 4:9.)

A cada insinuação do adversário, porém, ele respondeu com categórica recusa: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás." (Mateus 4:10.)

Que existência solitária ele deve ter levado! Já nem mesmo podia viver sua própria vida. Muitas vezes pedia à pessoa curada: "Não digas nada a ninguém." (Marcos 1:44.) Os aflitos, porém, os enfermos que haviam sido alvo de seu poder e bondade, iam por toda parte e propagavam o que havia acontecido, "de sorte que Jesus já não podia entrar publicamente na cidade, mas conservava-se fora, em lugares desertos". (Marcos 1:45.)

Seus pronunciamentos eram contestados; era obrigado a defender os princípios que ensinava. "Por que não jejuas?" "Por que teus discípulos comem sem lavar as mãos?" "Por que violas o sábado, curando nesse dia?"

Os líderes dos sacerdotes procuraram matá-lo por curar no sábado!

Já era penoso que seus inimigos tentassem fazê-lo cair em ciladas, porém até mesmo seus amigos "saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si". (Marcos 3:21.)

Onde poderia encontrar um pouco de compreensão? Teria sido por esse motivo que tantas vezes subia às montanhas em busca de um lugar seguro e do consolo de seu Pai? Solitário, sem ninguém em quem pudesse confiar, sem um abrigo para repousar. Como ele mesmo disse: "As raposas têm covis, e as aves do céu ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça." (Lucas 9:58.) Por isso sobe as colinas, mas é sempre seguido. Cruza o mar, e lá está a multidão. Deita-se no barco para repousar, e é rudemente acordado com criticismo: "Não se te dá que pereçamos?" (Marcos 4:38.)

Chegando à terra dos gadarenos, estes, assustados com seus milagres, pediram-lhe "que se retirasse deles" (Lucas 8:37). Então ele entra no barco e cruza novamente o Mar da Galiléia.

Quando lhes dá de comer, eles o seguem, mas pelo motivo errado: "Na verdade... vos digo que me buscais... porque comestes do pão e vos saciastes." (João 6:26.)

Quando lhes dava doutrina severa e requeria muito de suas mãos, "muitos de seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele" (João 6:66).

E, mesmo quando estava prestes a enfrentar a morte, teve de dizer aos seus apóstolos escolhidos: "Não vos escolhi a vós os doze? e um de vós é um diabo." (João 6:70.) Daquele dia em diante, caminharia ao lado de um traidor.

Quão solitário vivia! Em meio a quanta angústia! Ter de fugir e esperar, sabendo que a morte logo o alcançaria! "... Já não queria andar pela Judéia, pois os judeus procuravam matá-lo." (João 7:1.)

Procurou viver incógnito, "mas não pôde ocultar-se" (Marcos 7:24).

Uma de suas maiores desilusões foi quando voltou para sua terra natal. Nenhuma celebração, apenas curiosidade e rejeição. "Não é este o carpinteiro, filho de Maria...?" (Marcos 6:3.) Um rapaz comum como os que andam em nossas ruas, diziam eles.

"E não podia fazer ali obras maravilhosas... (por causa) da incredulidade deles" (Marcos 6:5-6) — e por serem ciumentos e sarcásticos. Que recepção! Pobre Nazaré! Pobres nazarenos que rejeitaram seu próprio filho, seu Redentor! Tê-lo-iam lançado dos penhascos, se não houvesse fugido apressadamente. Em Jerusalém, tê-lo-iam apedrejado, "mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo" (João 8:59).

Depois de outro sermão, procuraram "prendê-lo outra vez, mas ele escapou-se de suas mãos" (João 10:39).

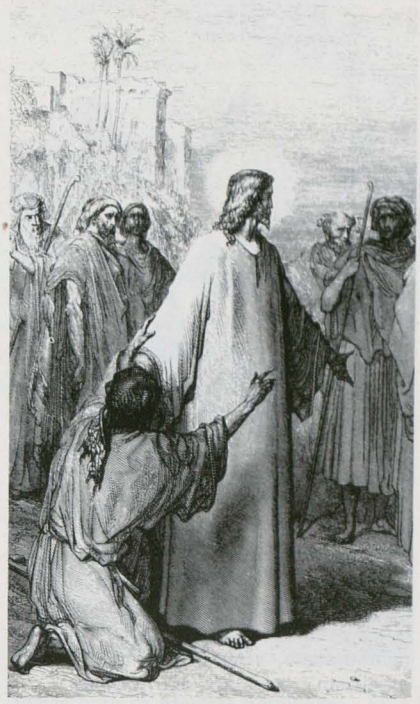
Sua cabeça estava a prêmio. Jesus estava constantemente ameaçado de violência física. As pessoas eram instadas a revelar seu paradeiro, para que pudesse ser morto. O fantasma da morte ia à sua frente, sentava-se com ele, caminhava ao seu lado e o seguia.

Quão difícil deve ter sido para Jesus, que podia fazer uma figueira secar com uma simples ordem, refrear-se de amaldiçoar seus inimigos. Ao invés disso, ele orava por eles. Revidar e defender-se é humano; aceitar afrontas, porém, como fazia o Senhor, é divino. Permitiu que o traidor o beijasse, sem resistir. E quando foi capturado, não consentiu que Pedro, seu leal apóstolo, o defendesse, embora esse homem digno estivesse disposto a morrer defendendo-o.

Tendo doze legiões de anjos a seu dispor, recusou-se a usá-las e impediu que seus corajosos apóstolos o defendessem. Aceitou os maus tratos e indignidades, sem retaliação. Ele mesmo não dissera "Amai a vossos inimigos"? (Mateus 5:44.)

Com divina e imponente dignidade, suportou a afronta, quando lhe cuspiram na face. Jesus permaneceu calmo e calado. Nem uma só palavra irada escapou de seus lábios. Bateram-lhe na face e espancaram-lhe o corpo; não obstante, permaneceu resoluto e intimorato.

Seguiu literalmente sua própria admoestação, ao oferecer a outra face a seus algozes, para que nela batessem. No entanto, não demonstrou qualquer

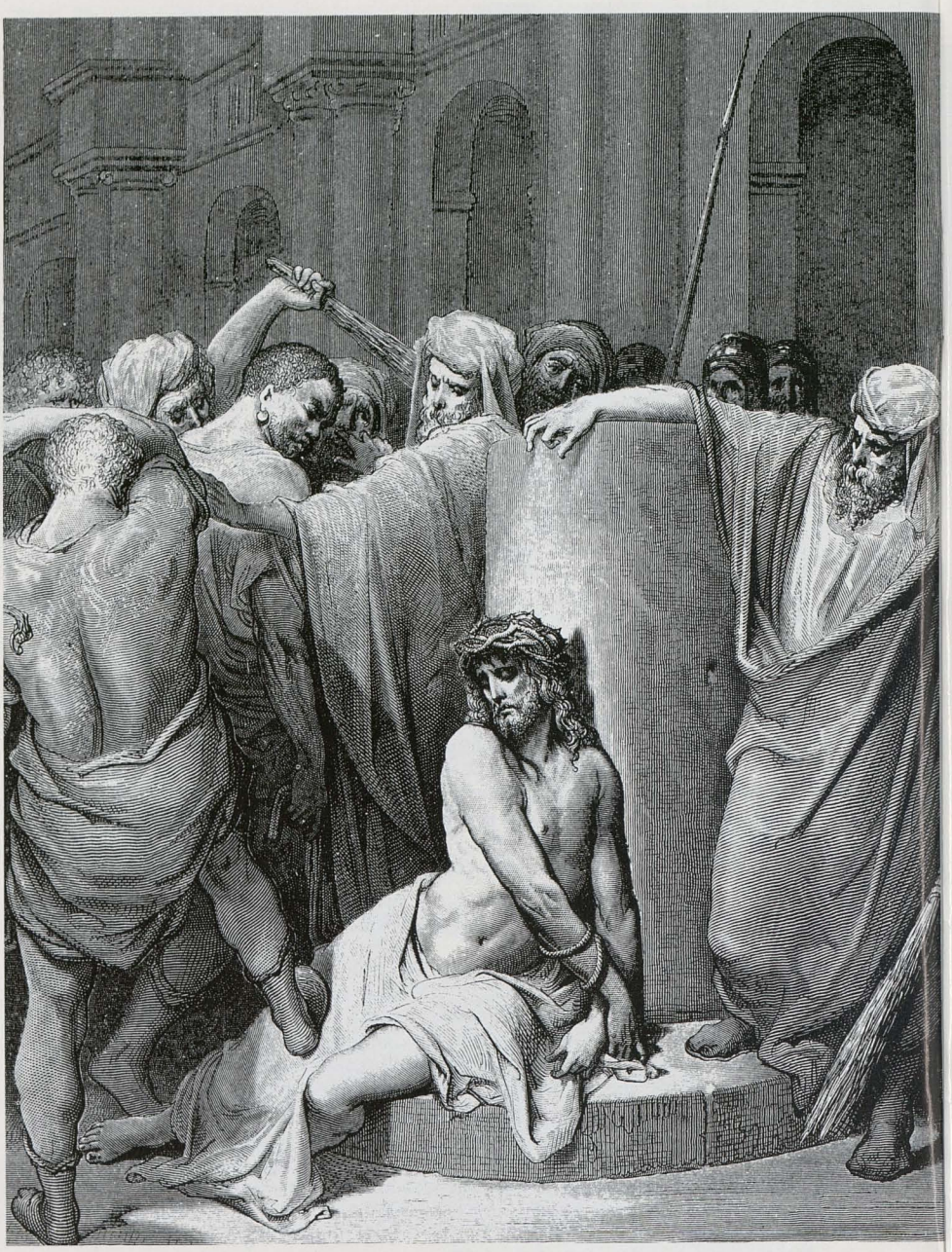


sinal de servilismo, recusa ou contestação. Quando testemunhas falsas foram pagas para mentir a respeito dele, não as condenou. Ao ouví-las distorcer suas palavras e dar-lhes outro sentido, continuou calmo e imperturbável. Pois não havia ensinado: "Orai pelos que vos perseguem?" (Mateus 5:44.)

Aquele que criara o mundo e tudo o que nele existe, que fez a prata com a qual tinham sido cunhadas as moedas com que fora vendido, ele, que poderia invocar defensores de ambos os lados do véu — conservou-se calado e tudo suportou.

Que dignidade! Quanto domínio! Quanto controle! Mesmo quando ele, o perfeito, o impoluto, o bom, o Príncipe da Vida, o Justo, foi pesado contra um assassino, o sedicioso e subversivo Barrabás — e Barrabás ganhou, conquistando a liberdade às custas da crucificação de Cristo — ainda assim, não disse uma única palavra de condenação ao magistrado que tomou a decisão injusta.

Tampouco disse coisa alguma à multidão que exigia a liberdade de Barrabás, gritando: "Solta-nos Barrabás." (Lucas 23:18.) Nem mesmo quando a turba pediu seu sangue, gritando: "Crucifica-o! Crucifica-o!" (Veja Lucas 23:21), ele não demonstrou o menor sinal de amargura, rancor ou condenação. Seu semblante permaneceu tranqüilo. Ali estava o perfeito exemplo de dignidade, poder e autodomínio. Barrabás em troca de Cristo! O injusto pelo justo; o Unigênito crucificado, o



malfeitor libertado. Não obstante, nenhuma vingança, nenhuma queixa, ou condenação por parte daquele que condenaram. Não foram fulminados por um raio, como poderiam ter sido. Não houve terremoto para salvá-lo, embora pudesse ter acontecido. Nenhum anjo veio socorrê-lo com armas protetoras, ainda que legiões estivessem de prontidão. Não houve pedido de socorro, embora pudesse ter sido transladado. Continuou ali impassível, sofrendo física e mentalmente. "Bendizei os que vos maldizem", ensinara ele. (Mateus 5:44.)

Todavia, maiores provações o aguardavam. Ainda que considerado inocente, Jesus foi açoitado. Homens indignos supliciaram o puro e Unigênito, o Filho de Deus. Uma só palavra sua e todos os seus inimigos cairiam por terra, destruídos. A um comando seu, todos os seus algozes teriam perecido, transformados em pó e cinzas. Entretanto ele preferiu sofrer com majestosa serenidade.

Mesmo quando entregue aos soldados para ser crucificado, orou por aqueles que tanto o maltratavam. Como não deve ter sofrido, quando violaram sua intimidade, arrancando-lhe as vestes e depois lhe colocando o manto escarlate!

A seguir, a coroa de espinhos. O sangue arrancado pelos espinhos parecia ser o que dèsejavam. Pois não haviam acabado de dizer: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos?" (Mateus 27:25.) Agora nada mais conseguiria pará-los. Estavam ansiosos por saciar sua sede de sangue, e só a crucificação conseguiria aplacá-la, mas primeiro tinham que satisfazer seus apetites bestiais, seu sadismo, lançando sua saliva infecta no rosto sagrado.

Com uma cana nas mãos, o manto escarlate sobre os ombros e uma coroa de espinhos na cabeça, foi obrigado a sofrer toda sorte de indignidades: eles riam, escarneciam, insultavam e dasafiavam-no. Tomando-lhe a cana, golpeavam-no com ela na cabeça. Ele, contudo, continuava impassível, o perfeito exemplo de longanimidade.

Não obstante, não estavam contentes. Em abjeta zombaria, fingiam adorá-lo, dirigindo-lhe preces escarninhas, curvando-se diante dele com chacotas e gargalhadas. Parecia que estavam lançando toda sua feiura, todo seu ressentimento acumulado contra a humanidade, toda sua amargura para com conhecidos e inimigos sobre este ser tão puro, limpo e digno. Quando se satisfariam? Quão abjeto pode tornar-se o homem! — aquele mesmo homem feito pouco menor que os anjos, criado à imagem de Deus. O que fariam, quando sua vítima chegasse ao limite de seu sofrimento e não mais pudesse saciar-lhes a depravação?

Eles fizeram com que seu corpo ferido e ensangüentado carregasse a cruz, o pesado instrumento de sua morte. Com as costas fortes e desoprimidas, os malvados observavam o Mestre, com o rosto coberto de suor, levantar e carregar com esforço sobre-humano o pesado madeiro. Uma pobre vítima indefesa. Mas seria mesmo indefeso? As doze legiões de anjos não continuavam sob seu comando? Não estavam eles com as espadas desembainhadas? Não o observavam agoniados, contendo a custo o desejo de vir em seu socorro?

Cresce a zombaria à medida que a turba se aproxima e, olhando para o alto, profere blasfêmias e escárnios: "Salvou os outros, e não pode salvar-se a si mesmo." (Marcos 15:31.) Eles haviam presenciado ou ouvido falar de

seus milagres: como vento e ondas haviam obedecido a suas palavras, como leprosos ficaram curados, como os coxos passaram a andar e os cegos a enxergar, como os mortos voltaram à vida — Lázaro saindo vivo do túmulo, depois de estar morto havia três dias e o corpo já cheirando mal.

Ele segue só o seu caminho. Cravam-lhe pregos nas mãos e pés, transpassando carne macia e palpitante. Aumenta a agonia. A cruz é fincada no chão; a carne se rompe. Que dor torturante! Pregam-lhe novos pregos no pulso, para que o corpo não caia ao chão e se recupere.

Então voltam a zombar dele: "Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz, e creremos nele." (Mateus 27:42.) Que tentação deve ter sido para o Senhor, que poderia facilmente descer da cruz, sem quaisquer cicatrizes ou ferimentos! Que desafio deve ter sido! Mas ele já havia tomado a decisão e vertido pelos poros grandes gotas de sangue, em profunda angústia, ao enfrentar sua missão — suportar todas as cruéis indignidades e, no fim, sofrer a morte, para proporcionar vida àqueles mesmos seres que ali estavam e a todos os seus descendentes, se atendessem à sua voz.

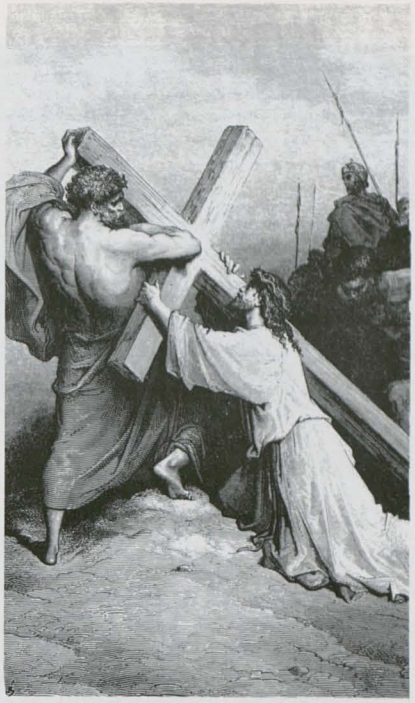
Agora que sua vida mortal chegava rapidamente ao fim, ele procurou controlar-se, vencendo a tentação de "mostrar-lhes" seu poder. Assim como fora tentado no deserto a satisfazer a fome, transformando pedras em pão e, no topo da montanha, a mostrar ao adversário o que era capaz de fazer, agora era novamente reptado. Certamente Lúcifer, que o havia tentado no deserto, na montanha e no pináculo do templo — por certo havia feito um bom trabalho, colocando palavras maldosas na boca de seus seguidores: "Se tu és o Rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo." (Lucas 23:37.) O ladrão pendurado na cruz, falou com sarcasmo: "Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós." (Lucas 23:39.) Por toda a parte, havia outros um pouco menos criminosos em seus ataques. Os sacerdotes arrogantes, com seus longos mantos finamente bordados, os líderes do povo — seres vis, mesquinhos e decaídos — também estavam ali, para zombar e escarnecer.

Chegara sua hora. Estava totalmente só, embora cercado por uma grande multidão. Sozinho estava, tendo à sua volta anjos ansiosos por confortá-lo. Sozinho, com o Pai contemplando-o em profunda compaixão, mas sabendo que o Filho teria de trilhar sozinho aquela senda amarga e tortuosa. Sozinho, exausto, febril e moribundo, Jesus clamou: "Deus meu, Deus meu por que me desamparaste?" (Mateus 27:46.) Sozinho também esteve no Getsêmani, implorando forças para beber a amarga taça.

Ele dissera: "Amai a vossos inimigos." Agora provava até que ponto se pode amar aos inimigos. Estava morrendo na cruz por aqueles que o haviam pregado nela. Ao morrer, Jesus sofreu agonias que homem algum experimentou antes ou depois. Não obstante, rogou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.) Não era esta a última palavra — o ato supremo? Quão divino perdoar aqueles que o matavam — aqueles que clamavam irados, pedindo seu sangue! Ele dissera: "Orai pelos que vos perseguem" (Mateus 5:44), e ali estava, orando por seus algozes. Sua vida era um reflexo perfeito de seus ensinamentos. "Sede vós, pois, perfeitos", ensinou. Com sua vida, morte e ressurreição, Jesus estava realmente mostrando o caminho.

É próprio que nesta época do ano ofereçamos sinceras preces de amor e gratidão ao nosso Pai nos céus: somos gratos, Pai, por sabermos tão positivamente que tu vives; que a criança nascida em Belém era realmente teu Filho; somos gratos por teu plano de salvação ser real, praticável e exaltador. Nós te conhecemos, Senhor. Nós te amamos e te seguiremos. Rededicamos nossa vida e tudo o que temos à tua causa.

Nesta época maravilhosa, convidamos todas as pessoas de toda a parte a se unirem a nós em nossas preces de júbilo, amor e gratidão pela vida e ensinamentos de nosso Senhor e Salvador, nosso Redentor, Jesus Cristo, o Filho de Deus. ■



Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Jesus Cristo abriu o caminho para nossa ressurreição, mostrou-nos como aperfeiçoar nossa vida e indicou-nos a senda que conduz à exaltação.

2. Seu nascimento, morte e ressurreição trouxeram a imortalidade. Nós, porém, precisamos unir nosso esforço ao dele, para alcançar a vida eterna.

3. Como poderia mostrar-nos a maneira de guardar seus mandamentos, a menos que conhecesse tanto o sofrimento como a alegria? Por isso, passou por inúmeras tribulações durante toda sua existência.

4. Como poderíamos saber que é possível alcançar a perfeição individual, ou como alguém pode ser persuadido a esforçar-se para alcançá-la, se ninguém provasse que tal meta é atingível? Jesus, sem dúvida, mostrou-nos o caminho.

Sugestões para o Debate:

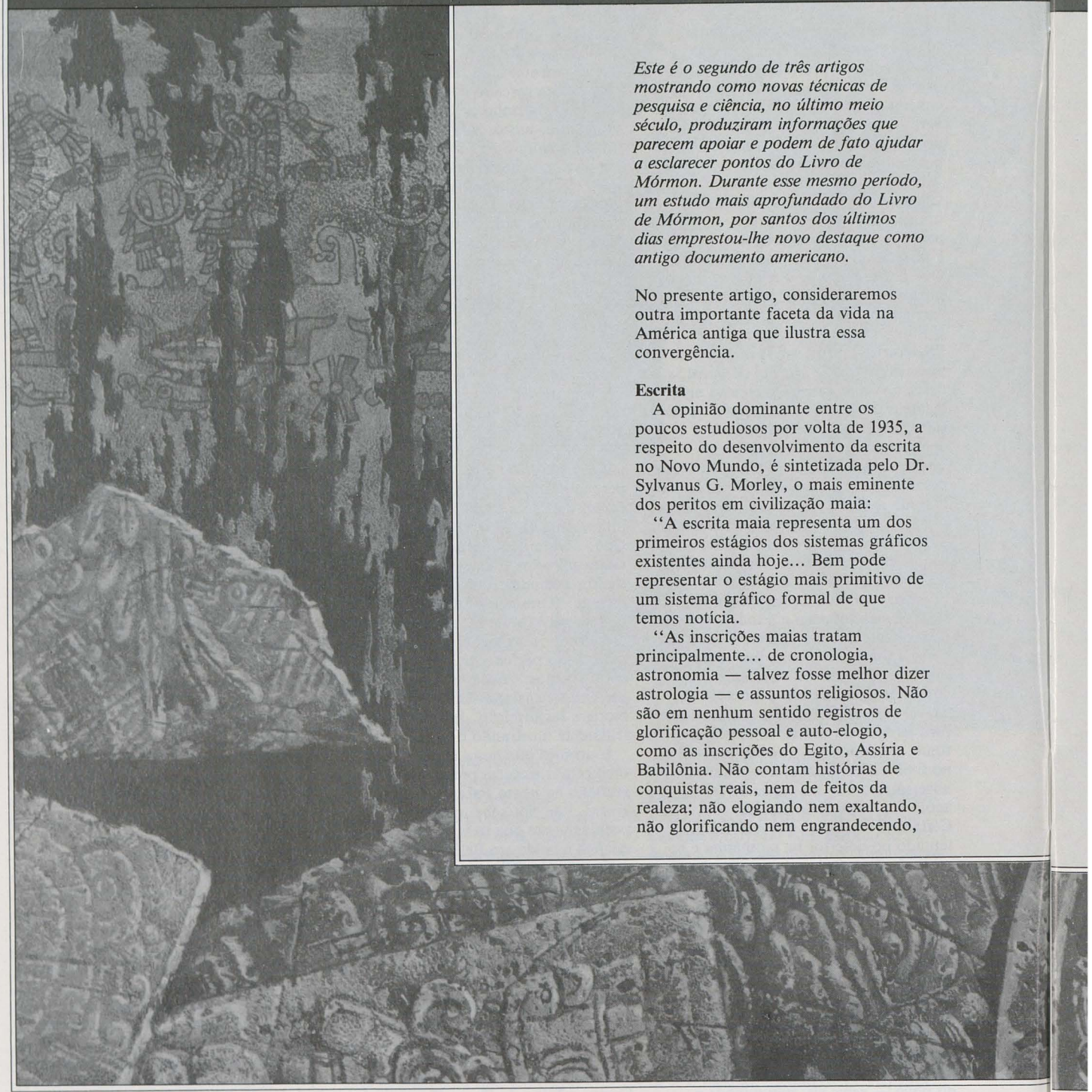
1. Fale do que sente pessoalmente pelo Salvador. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.

2. A mensagem contém escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar primeiro com o chefe da casa? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem para o chefe da família a respeito da missão do Salvador?

PESQUISA SOBRE O LIVRO DE MÓRMON: Segunda Parte

John L. Sorenson



Este é o segundo de três artigos mostrando como novas técnicas de pesquisa e ciência, no último meio século, produziram informações que parecem apoiar e podem de fato ajudar a esclarecer pontos do Livro de Mórmon. Durante esse mesmo período, um estudo mais aprofundado do Livro de Mórmon, por santos dos últimos dias emprestou-lhe novo destaque como antigo documento americano.

No presente artigo, consideraremos outra importante faceta da vida na América antiga que ilustra essa convergência.

Escrita

A opinião dominante entre os poucos estudiosos por volta de 1935, a respeito do desenvolvimento da escrita no Novo Mundo, é sintetizada pelo Dr. Sylvanus G. Morley, o mais eminente dos peritos em civilização maia:

"A escrita maia representa um dos primeiros estágios dos sistemas gráficos existentes ainda hoje... Bem pode representar o estágio mais primitivo de um sistema gráfico formal de que temos notícia.

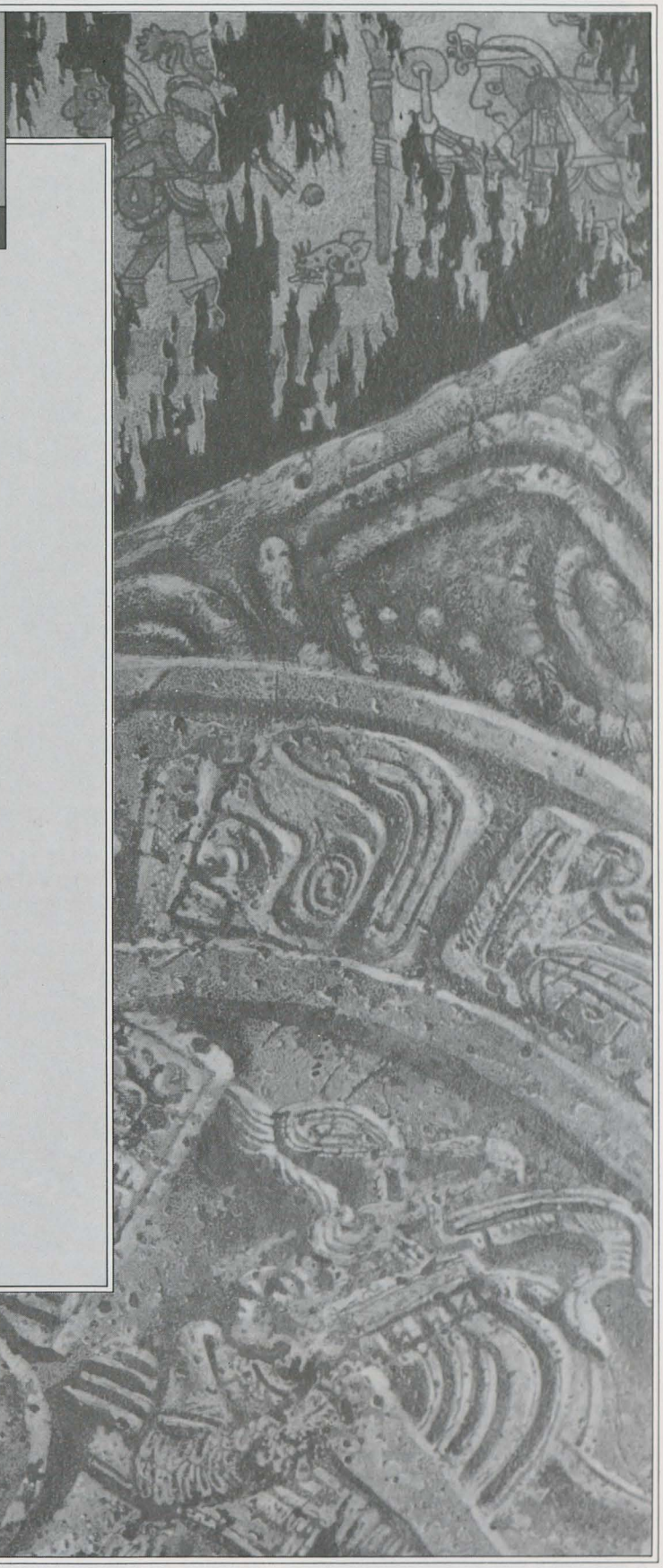
"As inscrições maias tratam principalmente... de cronologia, astronomia — talvez fosse melhor dizer astrologia — e assuntos religiosos. Não são em nenhum sentido registros de glorificação pessoal e auto-elogio, como as inscrições do Egito, Assíria e Babilônia. Não contam histórias de conquistas reais, nem de feitos da realeza; não elogiando nem exaltando, não glorificando nem engrandecendo,

Como Vem Sendo Alterada Nossa Compreensão da Antiga América e Suas Escrituras

são, na verdade, tão impessoais... que chega a ser provável que jamais se gravou em monumentos maias o nome de determinado homem ou mulher.''(1) Isso certamente não combina absolutamente com o que encontramos no Livro de Mórmon.

Na década de 1970, entretanto, deu-se uma grande reviravolta na opinião dos entendidos. Michael Coe refere-se agora, com sarcasmo, à ''noção assaz bizarra'', corrente na época de Morley, de que as inscrições maias eram pouco mais que '' balelas cronológicas''. A mudança teve início em 1958, com a obra de Heinrich Berlin, que demonstrou, conforme diz Coe, que ''os relevos maias e os textos que os acompanham são... registros históricos que não têm nada a ver com ocultismo e assuntos teocráticos, mas com as questões políticas correntes e caóticas de estados primitivos, com governantes beligerantes decididos a incluir outros estados maias em sua esfera de influência''.(2) O novo ponto de vista faz os maias se parecerem ''bastante com outras civilizações antigas do mundo, com suas histórias de conquistas , humilhação de cativos, casamentos reais e sua descendência''(3). Também os torna mais parecidos com os nefitas e lamanitas.

Durante algum tempo, a escritura pareceu dúbia aos estudiosos também em outro aspecto. Morôni afirma que os ''caracteres denominados por nós egípcio reformado'', ''nos foram transmitidos e alterados por nós segundo nossa maneira de falar''. (Ver





Ao lado: *Magnífica tampa de sarcófago do sepulcro de Pacal, rei de Palenque, nas colinas Setentrionais de Chiapas, México, fronteira sudoeste da antiga cultura maia. Talhado em baixo-relevo, o sólido bloco de calcário, com mais de 3,6 m de comprimento por 2 m de largura, retrata a ida do monarca para o outro mundo, do qual renascerá como um deus.*

Mórmon 9:32.) Esses "caracteres" deviam, pois, ter um elemento fonético, representando certos sons. No entanto, peritos eminentes como Morley, Thompson e Barthel insistiam em que os Hieróglifos maias continham apenas aspectos fonéticos triviais.[4] Yuri Knorosov, estudioso soviético, foi o primeiro a corrigir esse equívoco.[5] Hoje em dia, é largamente aceito que "o sistema (de escrita) maia tinha um forte componente fonético-silábico", bastante semelhante à descrição de Morôni do sistema nefita.[6]

É verdade, naturalmente, que a escrita mesoamericana contém muitos caracteres ideográficos (representando conceitos ou palavras completas sem respeito a sons). Um único caráter pode ter diversos significados, esclarecidos unicamente pelo contexto e experiência do leitor. "É o entendimento destes que exige mais tempo e maior paciência."[7] Mais uma vez Morôni é corroborado, pois ele lamenta que os escreventes nefitas não fossem "poderosos na escrita". Eles podiam "escrever senão pouco, em virtude da inabilidade de (suas) mãos", tropeçando "ao colocar as palavras". (Ver Éter 12:22-25.) Mórmon lamenta igualmente o sistema de escrita deles, dizendo que "há muitas coisas que, segundo nossa linguagem, não somos capazes de escrever". (Ver 3 Néfi 5:18; também nota de rodapé 8.) J.E.S. Thompson expressa a mesma opinião sobre a escrita maia: "Tanto as limitações de espaço como associações ritualísticas dificultavam a precisão na escrita;... o leitor necessitava de um bom conhecimento de mitologia e folclore para compreender os textos"[9] e, mesmo assim, o sentido podia ser ambíguo.

A escrita hieroglífica maia é destacada aqui por dois motivos: é a mais conhecida e data do período correspondente à última parte do Livro de Mórmon. Os habitantes da Península de Iucatã, que falavam o idioma maia por volta de 300 A.D. a 900 A.D., esculpiram centenas de monumentos de rochas calcárias com inscrições, e seus descendentes conservaram o suficiente da antiga cultura, para poder dar informações úteis aos espanhóis a respeito da maneira maia de pensar e escrever. Somente o sistema asteca sobreviveu em extensão comparativa; é porém, um



Acima: *Estes três hieróglifos da borda do sarcófago indicam a data de nascimento do rei (603 A.D.). Pacal reinou durante sessenta e oito longos anos, de 615 A.D. a 683 A.D. A decifração de hieróglifos como estes provou que a velha idéia de que as inscrições maias eram um puro sistema ideográfico, sem nenhum componente fonético, estava totalmente errada.*

tipo de escrita mais simples e recente.[10] Ao todo, conhecem-se pelo menos quatorze sistemas de escrita hieroglífica pertencentes à Mesoamérica[11]. Só com relação a três deles — o maia das terras baixas, o asteca e o misteca — tem havido progresso significativo quanto à sua decifração. Certos sistemas de escrita são identificados apenas por um único texto.[12] Exatamente como acontece com o "Transcrito de Anthon", que nos foi deixado por Joseph Smith, não é provável que haja progresso no entendimento desses textos, até termos maiores subsídios para nos basear.

Todavia, pisamos em terreno seguro ao dizer que, de acordo com as descobertas feitas até agora, numerosas culturas mesoamericanas eram letradas (embora outras não) a partir de 1000 A.C., pelo menos.[13] Temos boas razões para acreditar que, em nenhuma outra parte do Hemisfério Ocidental, existia um sistema de escrita antes da descoberta européia.[14] Temos notícia de inscrições fragmentárias aqui e ali na América do Norte e Sul, mas, se representam uma genuína escrita antiga, é duvidoso. Parece interessante, pois, que o Livro de Mórmon fale de um povo letrado residente por milhares de anos na vizinhança imediata da "estreita língua de terra", área correspondente ao istmo mesoamericano, único local conhecido do Novo Mundo com tradição similar de ler e escrever.

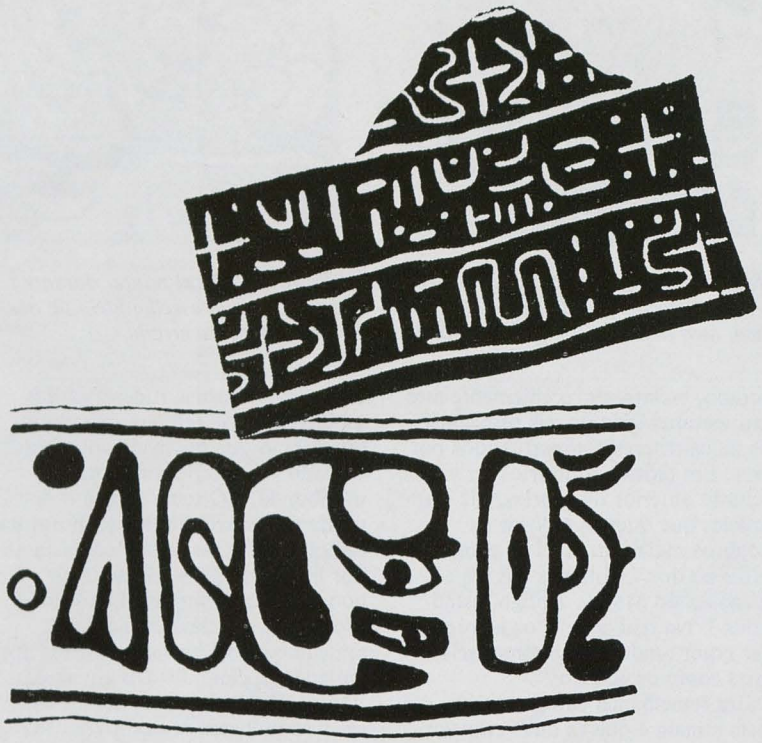
Outro ponto importante geralmente ignorado pelos estudiosos mais antigos, é a semalhança estrutural dos hieróglifos maias e egípcios. Linda M. Van Blerkom, da Universidade do Colorado, esclareceu recentemente este ponto, enumerando os seis principais tipos de caracteres compartilhados por ambos. Em termos contrários à conclusão anterior de Morley, diz ela: "Aqueles que querem colocar os hieróglifos maias em nível de evolução inferior ao dos... sistemas das civilizações do Mundo Antigo, estão errados." Na realidade, "os hieróglifos maias eram usados nas mesmas seis formas como os egípcios".[15]

Outra semelhança entre a escrita egípcia e maia é que as duas estavam profundamente ligadas ao aspecto sagrado da vida, possivelmente até derivadas dele. Hodge acha que "o poder mágico da fala e sua representação gráfica" ajudam a explicar a origem e longevidade da escrita hieroglífica entre os egípcios, à qual chamavam de "palavras de Deus".[16] Thompson fala do "íntimo relacionamento entre a escrita hieroglífica e a religião maia, pois não resta dúvida de que muitas formas e talvez até os nomes de hieróglifos tenham conotação religiosa".[17]

Morley e seus companheiros perceberam corretamente o liame entre religião e escrita, mas equivocaram-se, supondo que havia pouco mais envolvido. O sistema de escrita era um meio de transmitir significância sagrada a todos os aspectos da vida civilizada — comércio, governo, "história", calendário, astronomia, além de coisas como guerras, sacrifícios, morte, saúde, destino e genealogia.Todos eles tinham implicações religiosas, e todos envolviam a escrita.

Michael Coe, por exemplo, sustenta que as cenas retratadas nas espetaculares urnas funerárias dos sepulcros maias referem-se a "um longo hino que possivelmente fosse cantado sobre a pessoa morta ou moribunda... O tema final é o da morte e ressurreição dos senhores da esfera maia". De fato, "não está além dos limites da possibilidade que houvesse realmente um Livro dos Mortos na era clássica maia, semelhante ao Livro dos Mortos dos antigos egípcios".[18] Diz ele ainda: "Nos tempos clássicos, devem ter existido milhares desses livros." O *Popol Vuh*, livro sagrado dos quíchuas maias do planalto guatemalteco, era uma versão moderna de um deles, provavelmente uma transliteração de um original hieroglífico.[19] A maioria dos maias dava-se conta do seu caráter mítico e das idéias de morte, ressurreição, criação e destino transmitidas por esses livros. A versão maia, contudo, foi apenas o mais bem preservado deles. Outras culturas mesoamericanas tinham crenças e costumes paralelos. "Na Mesoamérica, havia uma única e idêntica comunhão de pensamento... que chamaríamos de religião mesoamericana"[20], afirma Coe.

Os sacerdotes principalmente, tinham acesso pleno a essa religião; somente eles tinham oportunidade de dominar a complexa linguagem necessária para penetrar no esquema religioso, e a "escrita maia parece estar imbuída de uma espécie de linguagem sacerdotal". Era preciso ter-se laboriosa instrução quanto à "riqueza metafórica e às técnicas de paráfrase e pseudônimos"[21]. Um bom conhecimento desse sistema "era nada



Acima: *Este sinete cilíndrico do período olmeca, descoberto perto da Cidade do México em 1948, representa possivelmente a mais antiga, embora mais avançada escrita conhecida da Mesoamérica. Alguns de seus símbolos, que representam caracteres encontrados no Transcrito de Anthon, são conhecidos em escritos do Velho Mundo.* (À direita) *Cilindro olmeca de Chiapa de Corzo, Chiapas central, México. Uma autoridade no assunto, o Prof. William F. Albright, identificou neste sinete "diversos hieróglifos clara e reconhecidamente egípcios".*

menos que um requisito para o direito de herdar um dos cargos de liderança", pois os sacerdotes eram os governantes ou vice-versa.(22)

A complexidade do estilo literário era uma das razões da dificuldade de se dominarem os sistemas de escrita hieroglífica. Cinqüenta anos atrás, obviamente, ninguém sabia grande coisa sobre estilo nos textos maias. Em 1950, porém, J. Eric Thompson podia dizer:

"Existem estreitos paralelos nas transcrições maias do período colonial e, estou convicto, nos próprios textos hieroglíficos aos versículos de Salmos e à poesia de Jó."

Ambos, diz ele, "apresentam uma disposição antifônica, na qual a segunda linha de um verso responde a uma variante da primeira ou a repete". (Exemplo: Lamentações 3:3 e Jeremias 51:38.) O mesmo padrão se encontra nos documentos em idioma iucateque do século dezesseis e nos Balam Chilam de Chumayel e de Tizimin; uma oração feita por um índio maia lacandon, gravada em 1907, mostra o mesmo estilo. Dessa linguagem, diz Sir Eric: "Notem o ritmo das linhas, o uso livre de iambos, e o caráter antifônico de cada linha." Esse tipo de "verso branco da melhor qualidade... jogando com os sons das palavras" utiliza não o ritmo, e sim algo mais próximo ao trocadilho.(23)

Munro Edmonson, da Universidade Tulane, é ainda mais incisivo: "O *Popol Vuh*, escrito em poesia, não pode ser devidamente entendido em prosa. É composto inteiramente em parelhas de versos... paralelos." Esta forma, bem como a natureza de raízes nas línguas maia, contribui para a dificuldade de se extrair um sentido claro dos textos. Assim, "muitas vezes é possível propor legitimamente uma dúzia ou mais de sentidos diferentes para determinada raiz monossilábica".(24) Edmonson comenta ainda o uso de paralelismo semelhante ao dos salmos, em que duas linhas sucessivas deviam ter palavras-chave de sentido intimamente ligado e, às vezes, envolviam trocadilhos ou jogos de palavras intraduzíveis.

Tudo isso lembra bastante as formas, semântica e estilo do idioma hebraico. Seria temerário afirmar que o que vemos em uma língua deriva diretamente de outra. Os maias, contudo, entenderiam perfeitamente as formas e conceitos estilísticos que oradores hebreus tenderiam a utilizar num contexto maia.

Esses pontos sobre estilo nos lembram naturalmente o quiasmo, a notável forma literária encontrada no Livro de Mórmon e nos textos antigos do Oriente Próximo e Mediterrâneo.(25) Quiasmo é um tipo de paralelismo invertido. Em Provérbios 15:1, encontramos um paralelismo direto: "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira." A íntima relação dos conceitos nas duas linhas é invertida no quiasmo, de modo que a segunda linha obedece a uma ordem contrária: "Porque os *meus* pensamentos não são os *vossos* pensamentos, nem os *vossos* caminhos os *meus* caminhos, diz o Senhor." (Isaías 55:8.) Existem quiasmos extremamente complexos, alguns no Livro de Mórmon, que se estendem por textos de milhares de palavras e só são percebidos mediante uma análise muito detalhada.(26) Dez anos atrás, perguntei a Thompson se havia

encontrado quiasmos na literatura maia, e ele me confessou que nunca deles ouvira falar. Quando lhe descrevi a forma, demonstrou interesse e aventou que determinadas passagens reduzidas nos textos de Chilam Balam poderiam ser, de fato, quiasmo. Outros possíveis exemplos de quiasmo nos textos e arte mesoamericana, além dos iucateques, merecem um estudo mais apurado.(27)

O jogo de palavras ou trocadilho nos idiomas maias (e outras línguas mesoamericanas) encontra paralelo nos idiomas semíticos e no egípcio. Carleton Hodge observa que a estrutura de um idioma semítico possibilita um tipo de trocadilho desenvolvido de modo especial e sutil." As línguas indo-européias e muitas outras não permitem esse jogo de palavras. Ele acha que os hieróglifos egípcios podem ter-se originado em parte, dessa tendência.(28)

Tudo isso é notavelmente consistente com o que indica o Livro de Mórmon. O Rei Benjamim "fez com que (seus filhos) fossem instruídos em todo o saber de seus pais, para que pudessem chegar a ser homens inteligentes." (Mosiah 1:2; desnecessário dizer que essa instrução seria encargo dos sacerdotes.) A preocupação do rei era que seus filhos dominassem a linguagem esotérica pela qual seria possível entender os antigos anais que continham os "mistérios de Deus" (Mosiah 1:3).

Na época da Conquista, somente os sacerdotes, filhos destes e alguns dos "principais senhores" e "filhos mais moços dos senhores"(29) tinham conhecimento da escrita hieroglífica no Iucatã. Benjamim cumpria seu dever de monarca para com os filhos, fazendo com que fossem instruídos. Note-se também que Zeniff tinha tanto orgulho de possuir tal instrução, que faz menção dela logo no começo de seu registro (Mosiah 9:1), onde faz pouco sentido. Esse idioma tão difícil de dominar consistia tanto dos "caracteres dominados (pelos nefitas) egípcio reformado", como dos conhecimentos semânticos para interpretá-los, isto é, "a sabedoria dos judeus" (Mórmon 9:32; 1 Néfi 1:2). O necessário investimento de tempo para dominar o complexo sistema significava que os abastados, que dispunham de tempo livre para estudar, podiam aproveitar as "oportunidades de instrução", enquanto outros "eram ignorantes por causa de sua pobreza" (3 Néfi 6:12).

Outra área de concordância entre a escrita mesoamericana e o Livro de Mórmon é a versatilidade dos caracteres para prestar-se a mais de uma língua. Embora houvesse neles um elemento fonético, conforme já mencionamos, povos culturalmente parecidos podiam adaptar o sistema, seja memorizando os determinantes fonéticos ou substituindo-os por novos. Obviamente, o próprio idioma egípcio exigiu, no decorrer de milhares de anos de uso, modificações para representar novas pronúncias e vocabulário; e os caracteres usados na época de Mórmon e Morôni não teriam sido denominados de "egípcio reformado", se o que se tinha como egípcio nos dias de Néfi não houvesse sofrido mais alterações ainda.

Depois de tantas mudanças, não é de surpreender a declaração de Morôni: "Nenhum outro povo conhece nossa língua." (Mórmon 9:34.) O sistema hieroglífico já se teria modificado em outra direção, quando "o idioma de Néfi" foi "ensinado entre todos os lamanitas" nos dias de Alma. Aprendendo os caracteres ou hieróglifos, os lamanitas eram capazes de comunicar-se, a despeito das diferenças de linguagem, permitindo-lhes "negociar uns com os outros" (Mosiah 24:4, 7). Os negociantes então podiam realizar seus negócios em qualquer parte, por meio da *língua franca* escrita. Nenhuma outra razão parece explicar como o aprendizado do "idioma de Néfi" possa ter estimulado o comércio e a prosperidade. A escrita hieroglífica maia teve a mesma serventia, sendo geralmente entendida onde quer que se falasse uma das mais de vinte línguas da família maia, e talvez mais.

A abundância de registros nos tempos do Livro de Mórmon é mencionada freqüentemente. (P. ex., Helamã 3:15; 3 Néfi 5:9.) A maior parte deles, naturalmente, escritos em papel, o material mais barato e prático. As escrituras queimadas, quando os fiéis de Amoniah foram lançados no fogo (ver Alma 14:8), eram possivelmente de papel. Grande parte dos registros na Mesoamérica eram escritos sobre papel de casca de árvore, dobrado como sanfona para formar um livro.(30) Da parte da área maia, sobreviveram apenas três desses códices de determinada época pré-colombiana.(31) Os caracteres eram dispostos nas "páginas" em colunas verticais. As inscrições maias apresentam colunas duplas, devendo cada caráter ser lido com seu vizinho, aos pares, de cima para baixo. Antes da época de Cristo, usavam-se somente colunas simples.

Note-se que o "transcrito de Anthon", publicado em 1980 como cópia de caracteres das placas do Livro de Mórmon, feita por Joseph Smith, apresenta colunas simples, de acordo com o "idioma de Néfi" mais antigo, pré-cristão, no qual era escrito o Livro de Mórmon.(32) Não é de surpreender que o Professor Charles Anthon, a quem Martin Harris mostrou a cópia de Joseph Smith em 1828, haja comparado o que viu ao "calendário mexicano", (33) baseado nas poucas informações de que dispunha na época.

Poder-se-ia escrever muito mais sobre outros aspectos do uso de registros, determinados caracteres, escreventes etc; mas deve ter ficado evidente, pelo que foi dito, que nas últimas décadas nosso conhecimento sobre a escrita mesoamericana foi revolucionado de muitas maneiras. Utilizando esses novos informes, podemos perceber novos sentidos em declarações no Livro de Mórmon, concernentes a livros e escrita. Devemos esperar muitas outras mudanças, que farão concordar cada vez mais as informações escriturísticas e científicas.

(Continua.)

NOTAS

1. Sylvanus G. Morley, *The Ancient Maya*, 2º edição (Stanford: Stanford University Press, 1947), pp. 260-61. A afirmação citada foi escrita em 1935; ver p. 259.
2. Michael D. Coe, "Ancient Maya Writing and Calligraphy", *Visible Language 5* (1971), p. 259.
3. Ibid., p. 298.
4. J. Eric Thompson, "Maya Hieroglyphic Writing", em Gordon R. Willey, editor, *Handbook of Middle American Indians*, vol. 3 (Austin: University of Texas Press, 1965), pp. 652-53; Thomas S. Barthel, "Writing Systems", em Thomas A. Sebeok, editor, *Native Languages of the Americas*, vol. 2 (New York: Plenum Press, 1977), p. 37.
5. Coe, 1971, p. 301; David H. Kelley, *Deciphering the Maya Script* (Austin: University of Texas Press, 1976).
6. Coe, "Ancient Maya Writing and Calligraphy", p. 301; Coe, *The Maya Scribe and His World* (New York: The Grolier Club, 1973), p. 11.
7. Coe, 1971, p. 301.
8. É óbvio que Mórmon não quis dizer literalmente que seu sistema de escrita não permitia tratar exaustivamente dos assuntos, considerando-se quantos tópicos são de fato abordados no Livro de Mórmon. Éter 12:25 esclarece, sem dúvida, o que ele quis dizer; Morôni diz ali que eles tropeçam "ao colocar as palavras". Eis a "imperfeição" que cometiam ao escrever (ver Mórmon 9:31). As ambigüidades decorrentes do uso de um sistema hieroglífico em lugar de alfabético são responsáveis pela dificuldade. (Comparar com Mórmon 9:33.)
9. Thompson, p. 646.
10. Barthel, p. 35; George C. Vaillant, *The Aztecs of Mexico* (Harmondsworth, England: Pelican Books, 1950), pp. 201-04; Frances F. Berdan, *The Aztecs of Central Mexico: An Imperial Society* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1982), pp. 150-51.
11. Coe, "Early Steps in the Evolution of Maya Writing", em H.B.Nicholson, editor, *Origins of Religious Art and Iconography in Preclassic Mesoamerica* (Los Angeles: UCLA Latin America Center and Ethnic Arts Council of Los Angeles, 1976), pp. 110 e seguintes. Coe enumera treze, omite os caracteres olmecas que bem podem ser hieróglifos e o singular sinete tlatilco, que apresenta um sistema totalmente diferente dos outros. Semelhanças interessantes entre este e o "Transcrito de Anthon" são apontadas por Carl Hugh Jones, em "The 'Anthon Transcript' and Two Mesoamerican Cylinder Seals", *Newsletter and Proceedings, Society for Early Historic Archaeology* 122 (setembro de 1970), pp. 1-8, baseado em David H, Kelley, "A Cylinder Seal from Tlatilco", *American Antiquity* 31(1966), pp. 744-46.
12. O sinete tlatilco mencionado na Nota 11 e Kaminaljuyu Stela 10 ; ver Coe, 1976, p. 115.
13. Joyce Marcus, "The Origins of Mesoamerican Writing", *Annual Review of Anthropology* 5 (1976), p. 44; embora sua data esteja talvez agora um século atrasada. Em todo caso, os hieróglifos que aparecem nesse monumento (Monumento 3, San José Mogote, Oaxaca) são muito estilizados, para não terem atrás de si séculos de desenvolvimento.
14. Barthel, op. cit.
15. Linda Miller Van Blerkom, "A Comparison of Maya and Egyptian Hieroglyphics", *Katunob* 11 (agosto de 1979), pp. 1-8.
16. Carleton T. Hodge, "Ritual in Writing: An Inquiry into the Origin of Egyptian Script", em M. Dale Kinkade et al., editores, *Linguistics and Anthropology: In Honor of C.F. Voegelin* (Lisse, Belgium: The Peter de Ridder Press, 1975), pp. 333-34, 344.
17. J. Eric S. Thompson, *Maya Hieroglyphic Writing: An Introduction* (Norman: University of Oklahoma Press, 1960), p. 9.
18. Coe, 1971, pp. 305-06; 1973, pp. 18 e seguintes.
19. Coe, 1971, p. 305. Comparar com Alfred M. Tozzer, editor, "Landa's Relacion de las Cosas de Yucatan: a Translation", *Harvard University, Peabody Museum of American Archaelogy and Ethnology, Papers,* vol. 18, 1941, p. 169.
20. Coe, 1973, p. 8; David H. Kelley, "Astronomical Identities of Mesoamerican Gods", *Archaeoastronomy* (Supplement to *Journal of the History of Astronomy*) 11 (1980), pp. 1-54.
21. Barthel, p. 45.
22. Ibid. Comparar com Thompson, 1970, p. 7; Tozzer, p. 28.
23. Thompson, 1960, pp. 61-62.
24. Munro S. Edmonson, "The Book of Counsel: The Popol Vuh of the Quiche Maya of Guatemala", *Tulane University, Middle American Research Institute, Publication* 35 (1971), pp. XI-XII.
25. John W. Welch, editor, *Chiasmus in Antiquity: Structures, Analyses, Exegesis* (Hildesheim, West Germany: Gerstenberg Verlag, 1981); John W. Welch, "Chiasmus in the Book of Mormon", em Noel B. Reynolds, editor, *Book of Mormon Authorship: New Light on Ancient Origins,* (Provo: Brigham Young University, Religious Studies Center, 1982), pp. 33-52.
26. Welch, 1982, pp. 49-50.
27. Por exemplo, Margaret McClear, *Popol Vuh: Structure and Meaning* (Madrid/New York: Plaza Mayor, 1972), pp. 55, 67-90; Marvin Cohodas, "The Iconography of the Panels of the Sun, Cross, and Foliated Cross at Palenque: Part I", em Sociedad Mexicana de Antropologia, *XIII.ª Mesa Redonda, Xalapa, 1973 (México, 1975), pp. 75-101.*
28. Hodge, p. 344.
29. Tozzer, p. 29.
30. Ibid., p. 28.
31. Thompson, 1960, pp. 23-26.
32. Danel W. Bachman, "Sealed in a Book: Preliminary Observations on the Newly Found "Anthon Transcript"' *Brigham Young University Studies* 20 (1980), pp. 321-45; disponível separadamente como Reprint BAC-80, Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, P.O. Box 7113, University Station, Provo, Utah 84602.
33. B.H.Roberts, *New Witnesses for God*, vol. 2, part 2, "The Book of Mormon" (Salt Lake City: Deseret Book, 1926), pp. 95-100. Ver discussão do assunto em "The Book of Mormon as a Mesoamerican Codex", *Newsletter and Proceedings, Society for Early Historic Archaeology* 139 (1976), p. 2, de minha autoria.

ENSINAR PELO ESPÍRITO

Élder Loren C. Dunn
do Primeiro Quorum dos Setenta

Esta semana, um jovem piloto de táxi aéreo, na distante comunidade de Yellowknife, Territórios Noroeste do Canadá, está-se preparando fervorosamente para ensinar seu quorum do sacerdócio no domingo. Um funcionário de escritório em Darwin, Austrália, telefonou ao seu companheiro para irem fazer visitas do ensino familiar. Dois missionários em Tóquio, Japão, estão para dar uma aula a um pesquisador e uma dona de casa em Stuttgart, Alemanha, já se prepara para mais uma aula da Primária.

De uma ponta da terra à outra, milhares de professores da Igreja, um verdadeiro exército de homens e mulheres, estão-se desincumbindo de um trabalho sumamente importante. Cada um deles atendeu ao chamado de ensinar o evangelho. E, de fato, ensinam — membros e não-membros, crianças e jovens, homens e mulheres em toda estaca e distrito, e toda ala e ramo pela Igreja afora.

Não nos cansamos de elogiar esses fiéis mestres pelo bem que estão fazendo. Eles não se restringem a informar; seu chamado vai muito além. Eles ensinam o evangelho pelo poder do Espírito. Estão elevando aqueles que os ouvem, inspirando-os a boas obras.

A situação de ensino ideal é-nos indicada pelo Salvador: "Quando estiverdes congregados, devereis instruir-vos e edificar uns aos outros, para que saibais como agir." (D&C 43:8.) Instruir é uma coisa, mas instruir e edificar é muito mais. Edificar é instruir pelo poder do Espírito. Quando alguém edifica ou ensina pelo Espírito, ele inspira aqueles que o ouvem a querer melhorar — a de alguma forma agir baseados no que aprenderam.

Ensinar o evangelho pelo Espírito, então, é a principal responsabilidade de todo professor da Igreja. O mundo, ensinando segundo os preceitos de homens, simplesmente transmite informações interessantes e fatos adicionais. Mas, quando alguém ensina pelo Espírito, isto é uma experiência diferente — ele fala à alma daqueles que o ouvem. Ambos, aqueles que fala e o que escuta, são edificados e esclarecidos. Há uma sensação interior de alegria e o desejo de viver melhor.

Existem diversas maneiras de um professor da Igreja preparar-se. Entre elas, participar do curso de aperfeiçoamento didático e seguir as sugestões e auxílios encontrados em todos os livros de lições da Igreja. Todavia, a mais importante preparação de um professor é a do Espírito, e isto precisa ser feito em caráter individual.

É-nos dito: "Se não receberdes o Espírito, não devereis ensinar." (D&C 42:14.) Isto pode ser aplicado em dois sentidos. Primeiro, a fim de podermos aceitar um chamado para ensinar o evangelho, precisamos ser batizados e nos terem conferido o dom do Espírito Santo, que é a fonte da verdade. Segundo, temos de viver, agir e orar para que esse dom do Espírito se torne atuante em nossa vida, o que, por sua vez, nos edificará ou elevará, bem como àqueles que somos chamados a ensinar. Confirmando isto, o Senhor responde à pergunta: "Para que fostes ordenados?", desta maneira: "Para pregar o meu evangelho pelo Espírito, o Consolador, o qual foi enviado para ensinar a verdade." (D&C 50:13-14.)

Esta parece ser a comissão escriturística de todo ensino na Igreja. Sua importância é ressaltada poucos versículos mais adiante, quando o Senhor diz: "Aquele que for ordenado por mim e enviado para pregar a palavra da verdade pelo Consolador... prega-a pelo Espírito da verdade ou por um outro meio?

"E, se for por outro meio, não o é de Deus." (D&C 50:17-18.)

Existe uma preparação espiritual de que todo professor da Igreja necessita, a fim de assegurar seu sucesso como mestre do evangelho. Esta preparação nem sempre está ligada à instrução ou experiência, ou ao quanto ele sabe. Quando alguém se prepara, o Espírito esclarece o que ele ensina, e o resultado será uma fé maior. O professor conseguirá instilar sua mensagem no coração do ouvinte, e todos serão "edificados e juntos se alegram". (D&C 50:22.) E as pessoas assim inspiradas, produzirão atos justos.

Para tais professores, é tão importante conhecer a sensação de ser fiel como conhecer o princípio da fé; é tão importante usufruir as bênçãos de magnificar o sacerdócio, como ser capaz de ensinar princípios do sacerdócio. O Espírito se achega à pessoa que vive o que ensina.

Ensinar pelo Espírito não é uma simples questão de contar histórias inspiradoras ou experiências que toquem o coração. É muito mais. Na verdade, alguns talvez confundam o apelo emocional com a suave influência do Santo Espírito, o que não é necessariamente o mesmo. A calma, silente confirmação sentida no coração, quando se é ensinado por um professor fiel, pode não ser nada emocional em termos do que o mundo considera uma experiência emotiva. Mas edifica ou eleva espiritualmente o professor e o aluno. Ambos se regozijam, aprendendo e reaprendendo verdades espirituais. "Eis que eu falarei à tua mente e ao teu coração", e "hás de sentir assim, que é certo." (D&C 8:2; 9:8.)

O professor que ensina pelo poder do Santo Espírito, possui certas características. Seguem algumas delas. Note como são intimamente interligadas.

Ensinar o evangelho pelo Espírito é a principal responsabilidade de todo professor da Igreja.

1. *Afabilidade.* O Salvador deu início ao seu ministério com estas palavras de Isaías: "O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração... a apregoar liberdade aos cativos." (Lucas 4:18-19.)

Depois, disse aos que se encontravam na sinagoga: "Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos.

"E todos... se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca." (Lucas 4:21-22.)

Existe uma afabilidade naqueles que ensinam o evangelho pelo Espírito, aparentemente influenciada por sua humildade, fé pessoal e um profundo e permanente amor aos semelhantes.

Anos atrás, quando vivíamos na Nova Zelândia, tivemos a felicidade de freqüentar a classe de Doutrina do Evangelho da Ala Mount Roskill VIII, quando os deveres não nos chamavam a outra parte. Na época, a professora era Joan Armstrong, uma conversa à Igreja. Suas aulas refletiam uma piedosa preparação. Ela nos ensinava os princípios do evangelho, guiando-se pelo livro de lições.

Entretanto, a Irmã Armstrong ensinava também baseada em sua própria fé pessoal. O espírito de suas aulas refletia suas experiências de vida e como fora inspirada e dirigida pelo Senhor. Ela não era uma professora aparentemente dinâmica, nem muito desinibida. Mas preparava-se e tudo isto lhe emprestava uma afabilidade que era nascida do Espírito. Este mesmo Espírito dominava a classe. Havia participação, nunca má vontade. Havia debate, porém pouca controvérsia. Ela não dava ênfase a mistérios ou especulação. Nem precisava fazê-lo, pois estava peparada. As pessoas saíam da aula sentindo-se elevadas e edificadas.

Nós temos na Igreja milhares de professores iguais à Irmã Armstrong. Rendendo-se aos influxos do Espírito, desenvolvem uma afabilidade e encanto nascidos do Espírito, que toca aqueles que ensinam. Isto é um fato, embora possam usar sua personalidade própria para abordar uma lição de diversas maneiras. É o fator comum que une as pessoas com extenso conhecimento do evangelho e os chamados a lecionar, embora estejam apenas iniciando um estudo sério do evangelho.

2. *Testemunho.* "Pois vos perdoarei os vossos pecados com este mandamento — permanecei firmes em vossas mentes em solenidade... prestando ao mundo todo testemunho das coisas que vos são comunicadas." (D&C 84:61)

As aulas de aperfeiçoamento didático podem ajudar, e realmente ajudam bastante no aprimoramento dos professores. Os livros de lições têm sido elaborados para auxiliar o professor a apresentar o evangelho pelas escrituras e pelos profetas, mostrando como aplicar seus preceitos na vida cotidiana. Nenhum deles, porém, consegue transformar uma pessoa em mestre do evangelho, a menos que ela traga para o seu ensino o ingrediente mais importante — seu próprio testemunho. A capacidade somada da Igreja inteira não é capaz de produzir um livro de lições do evangelho suficientemente perfeito para compensar um professor que não adquiriu um testemunho ou não o usa para ensinar. Como somos gratos pelos milhares de professores da Igreja que ensinam o evangelho pelo poder de seu próprio testemunho!

3. *Escrituras.* "Sim, haviam-se fortalecido no conhecimento da verdade; porque eram homens de inteligência sã e haviam examinado diligentemente as escrituras, para poder conhecer a palavra de Deus." (Alma 17:2.)

O Senhor deu as escrituras como um guia para a Igreja. Com o termo escrituras, não nos referimos unicamente às quatro obras-padrão, como igualmente aos escritos inspirados dos apóstolos e profetas modernos, e outros líderes da Igreja "quando sob a inspiração do Espírito Santo". (D&C 68:4.)

Faz alguns anos, tive o privilégio de estar num encontro de pesquisadores, na sede da Estaca Parramatta, em Sydney, Austrália. O orador principal era membro do Quorum dos Doze, e a audiência formada por numerosos pesquisadores de longa data, aos quais haviam ensinado os princípios do evangelho, mas que não obtiveram testemunho suficiente para decidir-se. O membro dos Doze foi particularmente abençoado naquela noite, ao falar da restauração do evangelho de maneira sumamente poderosa. Passo a passo, foi expondo as escrituras aos presentes, e o Espírito testificou a veracidade daquilo que ele estava ensinando. Ao final da reunião, sete daqueles antigos pesquisadores marcaram a data de seu batismo.

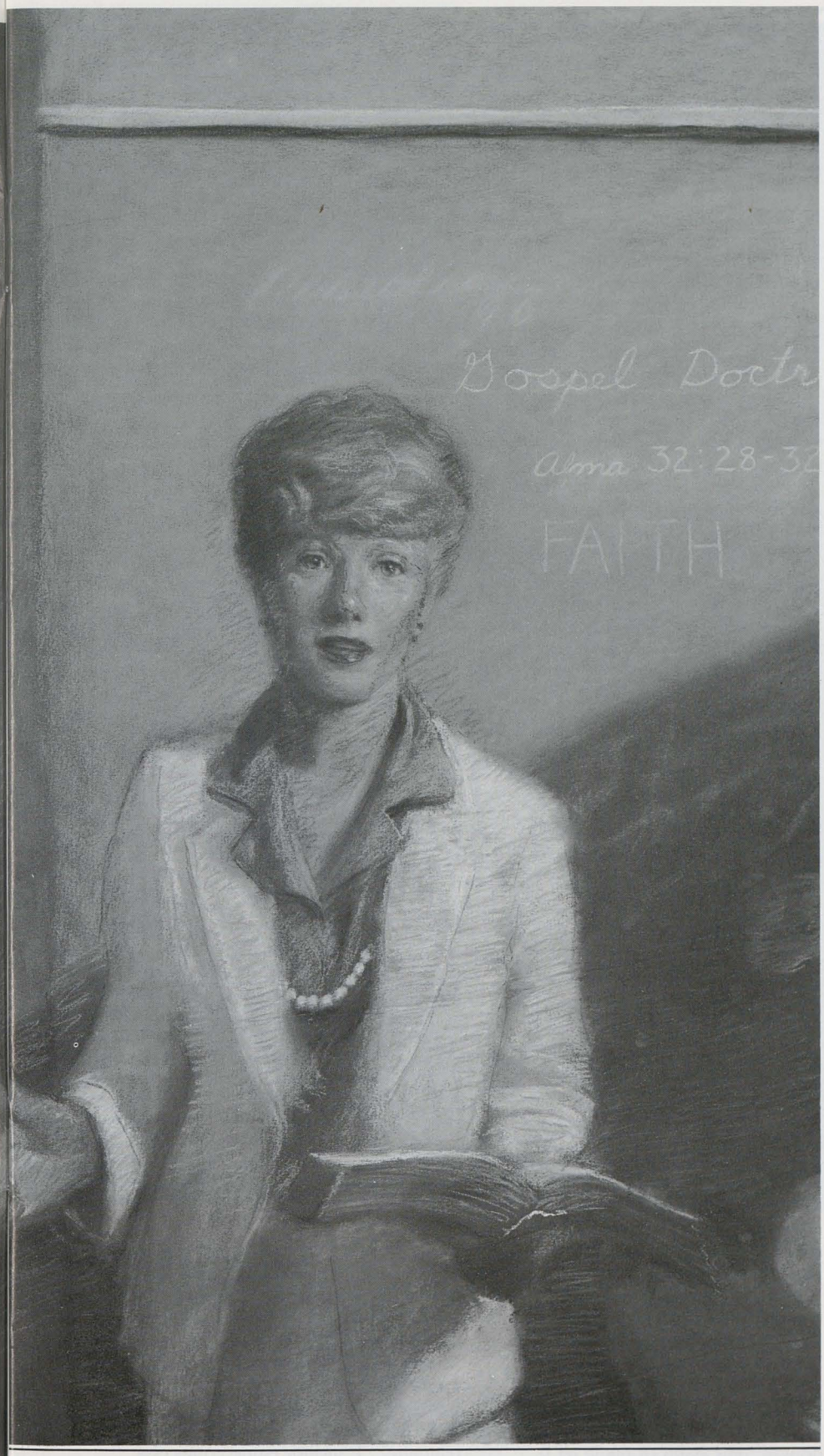
Os membros da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze são para toda a Igreja um exemplo da importância de se utilizar as escrituras no ensino do evangelho e para edificar os que buscam a verdade.

Dizia Joseph F. Smith: "O que caracteriza acima de tudo a inspiração e divindade das escrituras é o espírito no qual são escritas e o tesouro espiritual que transmitem àqueles que as lêem fiel e conscienciosamente... Elas destinam-se a ampliar os dotes espirituais do homem e a revelar e intensificar o vínculo de relacionamento entre ele e seu Deus. (*Juvenile Instructor*, abril de 1912, p. 204.)

4. *Oração.* "E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé." (D&C 42:14.)

A oração é o mais importante passo na preparação espiritual; é um meio de buscar ajuda e entendimento. É o reconhecimento de que "o homem não pode entender todas as coisas que o Senhor pode". (Mosiah 4:9.)

Examine fervorosamente a matéria que deverá ensinar. Quando sentir que já tem em mente como apresentar a aula, consulte o Senhor em oração, e depois, enquanto ainda estiver nessa



disposição piedosa, deixe-se guiar pelas impressões. Ele nos diz: "Se perguntardes com um coração sincero e real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manisfestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo." (Morôni 10:4.) Ao ter uma sensação de paz e segurança, vá em frente. Caso sinta confusão e dúvida, modifique seu plano e volte a apresentá-lo ao Senhor em oração. Peça-lhe humildemente que lhe conceda o seu espírito em tudo o que fizer, particularmente quando estiver diante daqueles que deverá ensinar.

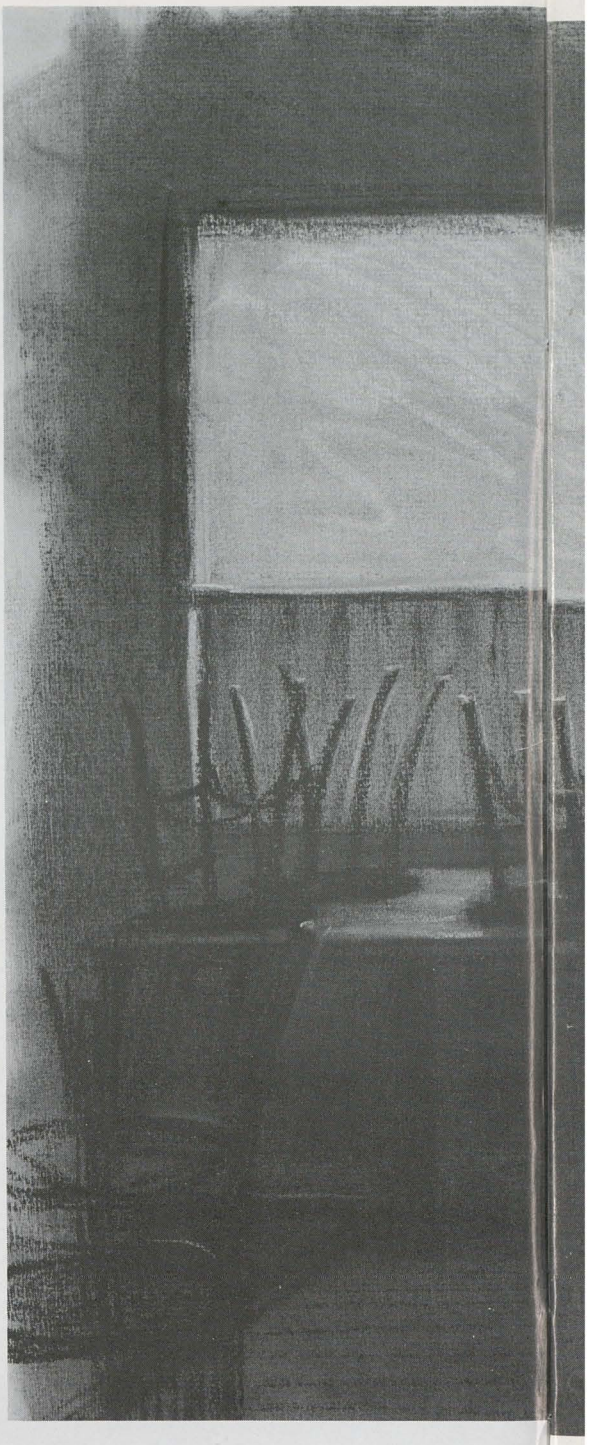
Diz o Presidente Spencer W. Kimball: "Ele pára... e bate. Se não estivermos escutando, ele não ceará conosco, nem responderá às nossas orações. Precisamos aprender a ouvir, captar, interpretar, compreender. O Senhor continua à porta. Ele nunca se afasta. Mas jamais imporá sua presença a nós. Se a distância que nos separa dele aumentar, é porque nós nos afastamos e não o Senhor. E se não conseguirmos resposta às orações, devemos examinar nossa vida, procurando a razão. Deixamos de fazer o que devíamos ter feito, ou fizemos algo que não deveríamos. Fechamos os ouvidos e obscurecemos a visão." (*Faith Precedes the Miracle*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1972, p. 208.)

Assim, pois, vemos que o grande princípio regente para todos os professores da Igreja é ensinar o evangelho pelo poder do Espírito. De fato, dizia Joseph Smith que "todos devem pregar o evangelho pelo poder e influência do Espírito Santo; e homem algum pode pregar o evangelho sem o Espírito Santo". (*History of the Church*, 2:477.)

Em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os professores têm tanta influência como qualquer outro grupo de pessoas. Possa o Senhor abençoá-los com alegria e sucesso em seus chamados, e que sempre sejam encontrados ensinando o evangelho pelo Espírito. ■

FECHADO AOS DOMINGOS!

Conforme narrado a Ruth Heiner,
por Quinten e LaRae Warr



"Se examinar meus livros, você talvez não fique mais tão ansioso de abrir seu negócio no domingo! Posso provar-lhe, matematicamente, que não tivemos lucro algum aos domingos, durante os anos em que funcionávamos nesse dia!"

Como recém-casados, minha mulher e eu trabalhamos durante vários anos em Idaho Falls, em restaurantes que funcionavam aos domingos. Nesses anos, percebemos que o negócio muitas vezes tinha prejuízo nesse dia. A maquinaria sempre enguiçava e não podíamos servir os fregueses. Os mecânicos cobravam preço dobrado nesse dia; era difícil encontrar bons empregados. Decidimos que, quando fôssemos capazes de iniciar nosso próprio negócio, haveria algumas mudanças.

Finalmente chegou a oportunidade de comprarmos um pequeno restaurante. O empréstimo que fizemos era considerável e os entendidos em finanças e proprietários de negócios vizinhos nos garantiram que não tínhamos a mínima oportunidade de saldar o empréstimo, sem aproveitar o dia de maior movimento da semana — o domingo. Como já havíamos pago a entrada e queríamos ter sucesso no empreendimento, ficamos num beco sem saída e abrimos no domingo.

Como haviam predito, o domingo foi o melhor dia. Tomada a decisão de abrir aos domingos, não podíamos mais recuar. Tínhamos medo de perder negócios e acabamos achando que, se não atendêssemos nossos fregueses no domingo, eles se afastariam e não seríamos capazes de saldar nossos pesados compromissos.

O negócio estava quase pago, quando tive um ataque cardíaco. Como era difícil encontrar quem quisesse trabalhar aos domingos, resolvemos deixar de funcionar nesse dia durante os meses de inverno.

Meu médico gostou da nossa decisão, pois assim eu podia ter o necessário descanso. Com o passar dos meses, porém, comecei a preocupar-me com o reduzido volume de negócios em nossos livros. Um dia disse a minha mulher que voltaríamos a funcionar aos domingos. Depois de fitar-me em silêncio por alguns segundos, ela disse: "Primeiro dê uma olhadela no espelho e veja se parece um homem capaz de trabalhar sete dias por semana!"

"Acho que não," respondi relutante. "É melhor esquecermos essa idéia."

Mais tarde, sentados juntos para



examinar e avaliar nosso movimento do ano, nossos temores se confirmaram — o movimento bruto era dezessete mil dólares menor do que no ano anterior! A despeito, porém, do pouco movimento, nosso balanço acusava só dez dólares a menos de lucro! Abismados e satisfeitos ao mesmo tempo, resolvemos manter o restaurante fechado aos domingos por mais um ano. E novamente, apesar do movimento menor, o lucro era o mesmo. Afinal, nosso o negócio era um sucesso sem funcionar aos domingos!

Quando penso no prejuízo à minha saúde e todo trabalho que tive por *nada* nos domingos, fico surpreso por ter levado tanto tempo para aprender que a obediência à lei do dia do Senhor traz sua própria recompensa. O domingo é o dia do Senhor. E todos nós seremos abençoados, guardando-o. ■

Fico surpreso por ter levado tanto tempo para aprender que a obediência à lei do dia do Senhor traz sua própria recompensa. O domingo é o dia do Senhor.



O MELHOR PRESENTE DA VIDA

Floy Daun MacKay

Completar dezoito anos é um acontecimento muito importante. Como Eric se encontrava estudando na Universidade Brigham Young na data do aniversário, decidimos mandar-lhe um presente especial. Cada membro da família recebeu uma designação. Sua irmã mais moça, Jennifer, se encarregaria dos doces; o pai mandaria dinheiro; Brad, o irmão mais velho (também na BYU); ajudaria a gastá-lo; o irmão mais novo, Jeff, faria as ilustrações e eu escreveria os versos de um espetacular cartão de aniversário.

Fiquei entusiasmada com minha designação. Resolvi escrever um verso sobre cada ano de sua vida.

Coloquei mãos à obra e me diverti à beça escrevendo os primeiros. Então comecei a pensar em quando Eric tinha seis anos.

"Eric arranjou uma namorada! Eric arranjou uma namorada!" Brad ficou atazanando o irmão, quando os dois voltaram da escola.

Eric não reagiu. Não pude perceber nenhuma sombra de sorriso ou irritação no seu rostinho rechonchudo. Ignorando Brad, simplesmente perguntou: "Podemos lanchar mais cedo amanhã, mamãe? Quero ir antes para a escola."

"Podemos," respondi, surpresa com sua calma. "Podemos sim. Não me quer contar por quê?"

"Não," respondeu sorrindo, e saiu pela porta dos fundos para brincar.

"Viu? Eu lhe disse!" confirmou Brad.

Não costumo ser mãe xereta — bem, só um pouquinho. Eu queria saber por que Eric saía para a escola quinze minutos antes e chegava quinze minutos mais tarde, todos os dias. Mas ele continuou calado.

Na quinta-feira eu tinha de devolver livros na biblioteca e resolvi sair pouco antes das duas, para estar passando pela escola meia hora mais tarde, justamente ao término das aulas.

Atrasei-me um pouco e só bem antes de chegar em casa é que vi Eric andando ao lado de uma garota. De costas, pude ver que tinha longos cabelos louros e usava um vestidinho jeitoso. Mas havia algo de diferente. Ela como que arrastava uma perna ao andar e, passando por eles, percebi que seu braço direito pendia imóvel. quando Eric me viu, abanou a mão, sorrindo. Ao devolver-lhe a saudação, meus olhos contemplaram uma linda garota de olhos azuis e sorriso cativante.

Na hora do jantar, decidi que estava na hora de abrir o jogo. Queria que Eric soubesse que não havia nada de errado em ter um monte de amiguinhos no primeiro ano — mesmo que um deles fosse menina.

"Hoje vi tua amiga, Eric. É muito bonitinha."

"E boazinha," ele acrescentou.

"Então é por isso que você vai para a escola mais cedo?" perguntou o pai.

"É."

"Bem, fale-me dela. Como se chama. Como ela é?"

"Ela se chama Jena. E se parece com... com... com uma menina."

Todo mundo achou graça. "Ela é muito bonitinha," expliquei. "Tem cabelos louros, olhos azuis e um lindo sorriso."

"O que há de errado com a perna dela?" perguntou Brad inocentemente.

Eric levantou a voz, abespinhado: "Não há nada de errado na perna dela."

"Brad não estava querendo ofender, Eric. Ela tem um problema na perna e no braço. Ela teve paralisia cerebral, Eric. Isto não quer dizer que não seja bonita ou boazinha." Sendo professora de crianças fisicamente deficientes, eu aceitava o fato de que toda pessoa tem certas limitações.

Em princípios de dezembro, recebi um telefonema.

"Estou falando com a mãe do Eric?"

"Isso mesmo," respondi.

"Aqui fala a mãe de Jena."

"Oh, sim. Como vai?"

"Estou telefonando porque estou a imaginar se a senhora sabe o que o Eric está fazendo por nós, quero dizer, por Jena, mas na verdade nos afeta a todos."

"Não, acho que não," respondi honestamente, um tanto intrigada.

"A senhora conhece Jena?"

"Eu a vi na rua um dia. É uma garotinha muito bonita."

"Então sabe que ela tem um problema físico. Ela teve paralisia cerebral."

"Percebo."

"Quando nos mudamos para cá, no verão passado, eu fui matriculá-la na escola, eles não quiseram aceitá-la. Ela não tem nenhuma deficiência mental, é apenas um problema motor, mas diziam que as outras crianças iriam rir dela e provocá-la. Aconselharam-me a matriculá-la numa escola especial, mas insisti em que lhe dessem uma oportunidade. Mostraram-se bastante céticos, mas consegui impor minha decisão."

"Entendo como se sente."

"Quando a escola começou. aconteceu exatamente o que previram. Algumas das crianças não paravam de xingá-la e fazer zombarias. E ninguém queria brincar com ela. Todos os dias, ela voltava chorando da escola. Então, depois de uma semana e meia aconteceu um pequeno milagre — Eric!"

"Eric?"

"Ele parece que decidiu que já era demais. Perguntou a Jena se podia brincar com ela no recreio. Os garotos caçoaram dele e lhe deram nomes feios. Mas ele os ignorou."

"*Esse não parece o meu Eric*", pensei.

"Acompanhou Jena para casa debaixo de vaias. E desde aí, ele tem ido com ela para a escola, brincando com ela no recreio e a acompanhado

Após três semanas de aulas, alguns rapazes se puseram a jogar pedras em Jena. Eric os desafiou para uma briga violenta, se não parassem com isso.

até em casa após as aulas. Após três semanas de aulas, alguns rapazes se puseram a jogar pedras em Jena. Eric os desafiou para uma briga violenta, se não parassem com isso.''

Este é o meu Eric. Apesar de alguns centímetros mais baixo que os outros, nunca teve medo de brigar, se fosse necessário.

''Acho que falou com tanta firmeza, que decidiram deixá-la em paz. Agora Jena está indo bem. Outras crianças já brincam com ela e ninguém mais repara no seu problema.''

''Que maravilha!''

''E há mais,'' continuou ela. ''Ontem parei o Eric em frente de casa — estava tão feliz com a nova situação — e disse: 'Você é um garoto formidável! Onde aprendeu a ser assim?' Era naturalmente mais um comentário do que pergunta, mas ele respondeu direto: 'Nossa igreja ensina todos os meninos a serem bons meninos.'''

''Bem, pega de surpresa'', indaguei: 'E a que igreja você pertence, Eric?'

''E ele disse: 'À Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que às vezes é chamada de Igreja Mórmon. Gostaria de que eu mandasse os missionários?' Que rapaz e tanto!''

Bem, e a senhora *quer* que lhe mande os missionários? Desejei que minha voz dissesse, mas me calei.

''Sim, acho que sim. Gostei muito de que a senhora me telefonasse.''

Depois disso, Jena Hamilton não precisou mais muito de Eric. Continuaram amigos, mas ele voltou a brincar com os meninos e a chamar todas as meninas de ''bobas''. Um ano e pouco depois, Jena se mudou e nós também.

Baixando o olhar para o cartão de aniversário que estava fazendo, resolvi não escrever nada sobre os seis anos de Eric. Era uma coisa muito delicada e especial.

Mais tarde, despachei o volumoso cartão e fiquei imaginando satisfeita que Eric iria lê-lo em voz alta para seus companheiros de quarto.

Já beirava a meia-noite de sexta-feira, quando o telefone tocou.

''Mãe, aqui fala o Eric.''

''Eric! Hoje é seu aniversário! Você recebeu meu cartão? E o dinheiro? E gostou dos dois! Mas não precisava telefonar para agradecer a estas horas!''

''Escute, mãe! Brad e eu estávamos sentados aqui à toa, trocando reminiscências, quando o telefone tocou. Era uma garota.''

E ela perguntou: ''É o Eric Miller com quem estou falando? Você, provavelmente, nem se lembra mais de mim. Faz tanto tempo. Aqui fala Jena Hamilton.''

''Jena! Não acredito! Lógico que me lembro. O que anda fazendo aqui em Utah? Está de visita?''

'' Estou estudando na BYU, como você.''

''Mas, como? Como é que decidiu vir para cá?''

''Bem, uns três anos atrás, mamãe e eu estávamos lavando louça, quando bateram à nossa porta. Eram dois moços que se apresentaram como representantes de Jesus Cristo e queriam dar-nos uma mensagem. Mamãe agradeceu, dizendo que não estávamos interessadas. Depois, não sei por que, ela perguntou de que igreja eram. E eles disseram: 'Somos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, chamada às vezes de Igreja Mórmon.' Ela olhou para mim e nós duas dissemos ao mesmo tempo: 'A igreja do Eric.' Nós não estávamos interessadas, mas logicamente não deixaríamos de ser corteses com alguém da igreja do Eric. Bem, sabe como é! Nós nos batizamos depois da quarta palestra.''

''Jena! Que maravilha! Hei, hoje é o meu aniversário e estamos comemorando. Onde você mora? Podemos aparecer aí?''

Eric terminou sua história. Enxuguei uma lágrima. Houve uma longa pausa. Então acabei perguntando: ''E vocês foram mesmo? Como vai ela?''

''Ela está linda!'' replicou Eric, entusiasmado.

''E a perna? Melhorou?''

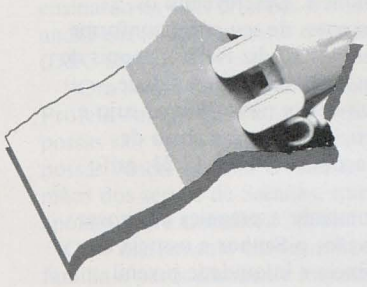
''A perna dela? O que há de errado com a perna dela?'' ■



COLOQUEMOS EM ORDEM A NOSSA CASA

Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Versão revista de um antigo discurso do Presidente Romney, reproduzido para estudo individual e familiar.



"Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele." (Provérbios 22:6.)

Este conselho é-me sugerido pela convicção de que instruir nossos filhos é o melhor antídoto contra o materialismo, secularismo irreverente, declínio da moralidade, delinqüência juvenil e adulta, crescente criminalidade e desprezo generalizado pelas leis de Deus e dignidade humana, que tanto afligem nosso mundo de hoje.

Não é meu propósito amedrontá-los, demorando-me nos aspectos sórdidos de nossos dias. Meu objetivo, ao mencioná-los, é lembrá-los de que, a menos que tais influências perniciosas sejam reprimidas em nossa família e em nossa própria vida, elas pressagiam muita aflição e tristeza na vida dos pais, filhos e de todos aqueles que sucumbem às filosofias, atitudes e práticas espiritualmente antagônicas de nossa época.

A Igreja pode ajudar e realmente ajuda os pais a instruírem seus filhos. Mas ela pode unicamente ajudar. A Igreja não é, nem pode ser um substituto dos pais em sua mais premente responsabilidade paterna, que, segundo o Senhor, é ensinar os filhos "a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade". (D&C 68:25.)

Dezoito meses após esta instrução ao Profeta Joseph Smith, o Senhor explicou que todas as crianças são inocentes perante ele em seu estado de infância, mas depois "aquele ser iníquo... vem e tira dos filhos dos homens a luz e a verdade...

"Mas vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade." (D&C 93:39-40.)

A seguir, o Senhor se dirigiu a alguns dos irmãos líderes, primeiro a Frederick G. Williams: "Não tens

Instruir nossos filhos é o melhor antídoto contra o... desprezo generalizado pelas leis de Deus... que tanto aflige nosso mundo de hoje.

ensinado luz e verdade aos teus filhos, de acordo com os mandamentos; e aquele ser perverso tem ainda poder sobre ti, e esta é a causa da tua aflição.'' Imagino se algumas de nossas aflições, parte de nossa própria delinqüência entre os jovens, porventura não se deve a que alguns de nossos filhos não foram ensinados em luz e verdade.

O Senhor não deixou ao Irmão Williams nenhuma dúvida quanto à sua responsabilidade no caso, pois prossegue: ''E agora um mandamento te dou — se quiseres te livrar dela, deverás pôr em ordem a tua própria casa.'' (D&C 93:41-43.)

Depois, o Senhor disse a Sidney Rigdon que não havia ''guardado os mandamentos concernentes aos seus filhos'' e ordenou que o fizesse. Reprovou também o Bispo Newel K. Whitney pela má conduta dos filhos, dizendo-lhes que devia ''pôr em ordem a sua família, e ver que sejam mais diligentes e atentos em casa.'' (D&C 93:50.)

Até mesmo o Profeta Joseph Smith mereceu uma reprimenda por não instruir devidamente seus filhos: ''A tua família precisa arrepender-se e renunciar a certas coisas.'' (93:48.)

Os pais de hoje têm a mesma obrigação desses antigos irmãos, de orientar seus filhos e incentivá-los a renunciar às coisas que desfavorecem a presença do Espírito em sua vida. As conseqüências de não instruir nossos filhos nos princípios do evangelho são tão sérias hoje como então. Apesar de, na revelação, o Senhor dirigir-se aos pais, a obrigação cabe igualmente às mães.

Ao arcar com esta grande responsabilidade, não devemos estar tão ocupados com alimentar, vestir, abrigar e cuidar das demais necessidades temporais de nossos filhos, que até negligenciamos as coisas mais importantes, as coisas destinadas a fortalecê-los contra os males do mundo e prepará-los para a vida eterna. Conforme disse alguém, preocupamo-nos tanto em escalar a montanha, que, em nossa exaustão, deixamos de apreciar o panorama que se descortina do cume. Alguns de nós estamos tão mergulhados nas coisas deste mundo, temo eu, que perdemos de vista o evangelho.

Ponderar quão integralmente as contravenções juvenis de nossa época seriam eliminadas, se todos praticassem o que o Senhor nos ordenou especificamente ensinar a nossos filhos, deveria chamar os santos dos últimos dias à razão.

A obediência, por exemplo: ''A tua família precisa... prestar mais atenção às tuas palavras, ou ser removida do seu lugar'', disse o Senhor ao Profeta Joseph Smith. (D&C 93:48.) E quais eram as palavras do Profeta a respeito da indisciplina? ''Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, na obediência, honra e manutenção da lei.'' (12ª Regra de Fé.)

A instrução adequada neste princípio fundamental da verdadeira e voluntária obediência às leis do país eliminaria efetivamente grande parte do vandalismo e crimes.

Outro princípio que o Senhor mandou que ensinemos aos filhos é trabalhar. Deixar de ensinar este princípio contribui para muitos de nossos atuais problemas com os jovens. ''A mente ociosa'', diz um ditado, ''é a oficina do diabo''. Isto é realmente verdade, pois as escrituras associam a indolência com as coisas mais ignóbeis. Descrevendo os remanescentes de seu povo conforme os viu em visão, diz Néfi: ''Depois de haverem caído em incredulidade, tornaram-se um povo escuro, sujo e repulsivo, *preguiçoso* e cheio de abominações.'' (1 Néfi 12:23; grifo nosso.)

Ao condenar a preguiça em *nossa* dispensação, o Senhor a associa à delinqüência e iniqüidade juvenil, especificamente com a ganância: ''O ocioso'', diz ele, ''será lembrado diante



do Senhor." E acrescenta: "Não estou satisfeito com os habitantes de Sião, pois entre eles existem ociosos; e seus filhos estão também crescendo em iniqüidade; *não buscam sinceramente as riquezas da eternidade, mas seus olhos estão cheios de avidez.*" (D&C 68:30-31; grifo nosso.)

Quero mencionar outra coisa que o Senhor nos ordenou especificamente que ensinemos aos nossos filhos — isto é, a orar.

Falando dos habitantes de Sião, dizia o Senhor: "E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68:28.)

"Ora sempre", disse o Senhor ao Profeta Joseph Smith, "para que possas sair vencedor; sim, para que possas vencer Satanás e escapar das mãos dos servos de Satanás, que apóiam o seu trabalho." (D&C 10:5.)

Orar diariamente em segredo e em família é particularmente imperativo nestes dias em que as culturas modernas parecem querer eliminar Deus e sua justiça da vida diária e negócios dos homens.

Nenhum prudente pai SUD que conhece o poder da oração e compreende a tendência irreligiosa da nossa sociedade, deixará de ensinar seus filhos a orar. Ninguém dispõe de arma melhor contra o poder do mal do que aquele que infalivelmente dobra os joelhos de manhã e à noite, diante de nosso Pai Celeste, em sincera e humilde oração secreta.

Ademais, espero que os pais não subestimem o poder de suas próprias orações diárias em favor de seus filhos. Foram as preces de Alma em favor de seu filho obstinado e seus companheiros que ajudaram a levá-los ao arrependimento.

Existem, é óbvio, muitas outras verdades que o Senhor espera que ensinemos aos nossos filhos. Elas estão nas escrituras e nos conselhos dos profetas modernos.

Contudo, depois de saber o *que* devemos ensinar, é igualmente importante saber *como* ensinar as verdades do evangelho à nossa família. Esta questão do *como* é algo que precisamos aprender sozinhos pelo estudo, experiência e orientação do Santo Espírito, o qual "ser-vos-á dado pela oração da fé" (D&C 42:14). Seja qual for nosso método, todavia, é preciso lembrar que, para nossa instrução ser eficaz e produtiva temos de convencer nossos filhos de que viver o evangelho é o caminho para a felicidade. Caso sintamos que a disciplina, as atitudes e práticas às quais os sujeitamos são arbitrárias, que restringem sem motivo suas atividades e os impedem de gozar a vida, eles as seguirão somente enquanto se acharem sob nossa influência direta.

Como, então, aplicar tudo o que fazemos de maneira que possamos incentivá-los a não se afastarem do evangelho? O conselho a seguir, dado pelo Senhor ao Profeta Joseph Smith, é uma orientação segura para todos os pais:

"Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

"Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.

"Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo;

"Para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte que os laços da morte." (D&C 121:41-44.)

Exercendo paciência, longanimidade e amor, conquistaremos a boa vontade e confiança de nossos filhos. Se dedicarmos tempo e discernimento ao ensino deles, instruindo-os a obedecer voluntariamente às verdades reveladas do evangelho, pouco a pouco eles corresponderão às nossas orientações, vindo a compreender e apreciar que "os homens existem para que tenham

Em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os professores têm tanta influência como qualquer outro grupo de pessoas.

alegria'' (2 Néfi 2:25). Dizia o Profeta Joseph Smith: ''A felicidade é o objetivo e desígnio de nossa existência; e será o fim dela, se trilharmos o caminho que a ela conduz.'' Nossos filhos precisam, em virtude de nossa orientação e por experiência própria, chegar a crer e saber que realmente é como disse o Profeta: ''Este caminho é virtude, retidão, fidelidade, santidade e cumprimento de todos os mandamentos de Deus.'' (*History of the Church*, 5:134-35.)

Ensinemos aos nossos filhos que, conforme disse Alma a seu filho Coriânton, ''a iniqüidade nunca foi felicidade'' (Alma 41:10). Ensinemos-lhes que as conseqüências de procrastinar o arrependimento é a destruição definitiva: ''Retardastes o dia da vossa salvação até que se tornou para sempre demasiado tarde'', dizia Samuel, o lamanita, aos nefitas obstinados, ''e a vossa destruição está assegurada; sim, pois durante vossa vida buscastes coisas que não podíeis obter e pretendestes a felicidade praticando iniqüidades, o que é contrário à natureza daquela retidão que há em nosso grande e Eterno Senhor.'' (Helamã 13:38.)

Devemos, pela inspiração do Santo Espírito, ajudar nossos filhos a entender essas grandes verdades enquanto crescem. Isto podemos conseguir, aprovando a boa conduta e ensinando-lhes que a conduta imprópria só traz aflição.

A nossa sociedade ou qualquer outra só será colocada em ordem, quando os pais ensinarem e inspirarem, por preceito e exemplo, os filhos a tomar a resolução voluntária de vivenciar os princípios do Evangelho de Jesus Cristo. Pois quando alguém recebe um testemunho de sua divindade e vislumbra a alegria de suas promessas, ora com fervor, trabalha com diligência e guarda estritamente os mandamentos de Deus, que, obviamente, incluem as leis do país.

Gostaria de que os pais sentissem o espírito do Livro de Mórmon nessa questão de instruir os filhos. Falando ao seu povo, que havia sido induzido ao arrependimento e fortalecido em sua fé por seu grande sermão de despedida, o Rei Benjamim o esclarece a respeito da instrução dos filhos:

''E digo-vos novamente, como já vos disse antes, que como haveis chegado ao conhecimento da glória de Deus... e recebido a remissão de vossos pecados, o que ocasiona tão grande alegria em vossas almas, ainda assim quisera que... guardásseis sempre na memória a grandeza de Deus... e vos humilhásseis com a mais profunda humildade, invocando diariamente o nome do Senhor, e permanecendo firmes na fé...

''E eis que vos digo que, se isso fizerdes, regozijar-vos-eis sempre, e estareis cheios de amor de Deus e sempre tereis a remissão de vossos pecados...

''E não tereis o desejo de injuriar-vos uns aos outros, mas de viver em paz e dar a cada um... o que lhe é devido.

''Não permitireis que vossos filhos andem famintos ou desnudos, nem que transgridam as leis de Deus, e briguem e disputem entre si e sirvam ao diabo...

''Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros.'' (Mosiah 4:11-15.)

Recordo-me de haver lido esta passagem com um de meus filhos, quando ele estava na Primária. Estávamos lendo o Livro de Mórmon juntos, um versículo ele e outro eu. Ao chegarmos a esta passagem, ficou tão comovido pelas palavras ''não permitireis que vossos filhos... transgridam as leis de Deus, e briguem e disputem entre si e sirvam ao diabo'' (v. 14), que lembrando-se de algumas de suas traquinagens, começou a chorar. A partir daí até tornar-se adulto, sempre que mostrava vontade de brigar e lhe lembravam estas

palavras, seus olhos se enchiam de lágrimas.

Asseguro-lhes, meus irmãos e irmãs, que instruir nossos filhos será mais fácil, se conseguirmos fazê-los captar o sentido e atitude desse grande sermão do Rei Benjamim. Procuremos imbuir nossos filhos com o espírito do evangelho, e então eles não mais terão vontade de injuriar-se um ao outro ou a terceiros, mas, sim, de viver pacificamente e dar a cada um o que lhe é devido. Ensinem-nos, conforme diz Benjamim, 'a andar pelos caminhos da verdade e da moderação;... a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros''. (Mosiah 4:15.)

Se todo pai e mãe, sob a orientação do Santo Espírito, pautasse firmemente a própria vida pelos mandamentos do Senhor e depois seguisse seu conselho e o de seus profetas, instruindo os filhos no caminho que devem andar, os santos dos últimos dias logo estariam às portas do glorioso estado em que viveram os nefitas, quando ''não havia contendas nem disputas entre eles, e procediam retamente uns com os outros''; quando ''em virtude do amor a Deus que vivia nos corações (deles)... não havia invejas, nem disputas, nem tumultos, nem devassidão, nem mentiras, nem assassínios, nem nenhuma espécie de lascívia.'' (4 Néfi 1:2, 15-16.) Aqueles santos eram tão abençoados, que diz o profeta-historiador: ''Sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus.'' (4 Néfi 1:16.)

Não nos esqueçamos de que o Senhor nos garantiu que nossa atual dispensação terá uma sociedade semelhante.

Mas ainda temos muito que fazer para eliminar as influências maléficas de nossa época. Os pais, professores e líderes SUD precisam renovar sua diligência na colocação de ordem em suas casas e, com fervorosa oração, procurar ensinar seus filhos com amor e paciência a trilhar o caminho que devem seguir, a fim de alcançar a verdadeira felicidade na vida. ■

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Você poderia ressaltar esses pontos no seu ensino familiar:

1. Instruir nossos filhos é o melhor antídoto para os problemas que afligem nosso mundo atual.
2. A Igreja pode ajudar e, de fato, ajuda os pais a instruírem seus filhos. A Igreja não é nem pode ser um substituto dos pais.
3. Não devemos estar tão ocupados, cuidando das necessidades temporais de nossos filhos, que negligenciemos as coisas destinadas a fortalecê-los contra os males do mundo e a prepará-los para a vida eterna.
4. Depois de saber o *que* devemos ensinar, é igualmente importante saber *como* ensinar as verdades do evangelho à nossa família. Isto é algo que precisamos aprender sozinhos pelo estudo, experiência e orientação do Santo Espírito, o qual ''ser-vos-á dado pela oração da fé'' (D&C 42:14).
5. Para que nosso ensino seja eficaz e produtivo, temos de convencer nossos filhos de que viver o evangelho é o caminho para a felicidade. Exercendo paciência, longanimidade e amor, conquistaremos a boa vontade e confiança de nossos filhos.

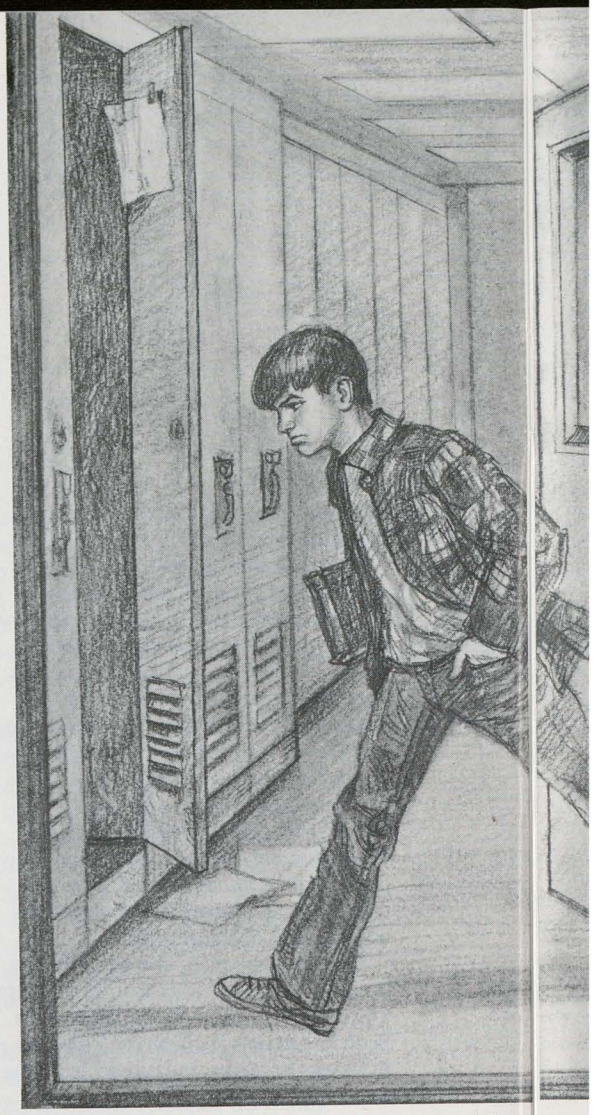
Sugestões para o Debate

1. Fale do que sente a respeito da importância de ''colocar nossa casa em ordem''. Peça aos familiares que compartilhem o que sentem.
2. A mensagem contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar primeiro com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem alguma mensagem para o chefe da família a respeito da responsabilidade dos pais?

Os pais, professores e líderes SUD precisam renovar sua diligência na colocação de ordem em suas casas.

"SEGUNDO O SEU DESEJO"

Élder Dean L. Larsen
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



Em várias ocasiões, tenho ouvido versões da mesma história, presumivelmente baseada em fatos, que é mais ou menos assim: um guia ou recepcionista num dos centros de visitantes da Igreja foi abordado, certo dia, por um senhor idoso. Este contou-lhe que era membro da Igreja, mas cortara toda ligação com ela desde a juventude. Explicou que um dia fora expulso de uma classe da Escola Dominical — aparentemente por mau comportamento. Disse que nunca mais pusera os pés num prédio da Igreja e que nenhum de seus filhos, netos e bisnetos, em número de mais de cem, era membro da Igreja.

Sempre que ouvia essa história, era para ilustrar a terrível conseqüência da reação severa de um irritado servidor da Escola Dominical. Mas nunca ouvimos a versão desse servidor, nem levamos em conta a responsabilidade do jovem quanto à *sua* conduta e os longos anos de incessante e impenitente amargura e animosidade que envenenaram sua própria vida, bem como a de tantos descendentes seus.

É uma história repleta de tragédia. Quem é o responsável por ela e como poderia ter sido evitada?

Em minhas seguidas visitas a estacas da Igreja, recebo freqüentes relatórios das dificuldades enfrentadas pelos professores dos jovens na Escola Dominical, Organização das Moças e quoruns do Sacerdócio Aarônico. Vez por outra encontro situações em que a rotatividade dos professores é tão grande, que os líderes do sacerdócio dificilmente encontram substitutos. Esses casos costumam ser mencionados para ilustrar a grande necessidade de um programa eficaz de aperfeiçoamento didático na Igreja. Essa necessidade obviamente existe, mas não consigo acreditar que toda a responsabilidade nessas situações lamentáveis cabe aos professores.

Há muitos anos venho sendo perseguido pela memória pungente de uma experiência pessoal. Na época, eu trabalhava numa comunidade em que funcionava um seminário de tempo integral ao lado de uma escola secundária. No meio do ano escolar, um dos professores precisou licenciar-se por motivos de saúde, e me convidaram a assumir várias de suas classes diárias, até que fosse possível encontrar um substituto. Foi uma experiência excelente em muitos aspectos e que recordo com prazer. Numa das classes, entretanto, havia um rapaz que era um verdadeiro problema. Ele cursava o último ano do secundário, era inteligente e bem dotado e, obviamente, muito popular entre seus colegas, sobre os quais exercia considerável influência. Mas seu comportamento nas aulas do seminário era em geral irreverente. Procurava chamar a atenção e geralmente o conseguia com seu mau comportamento.

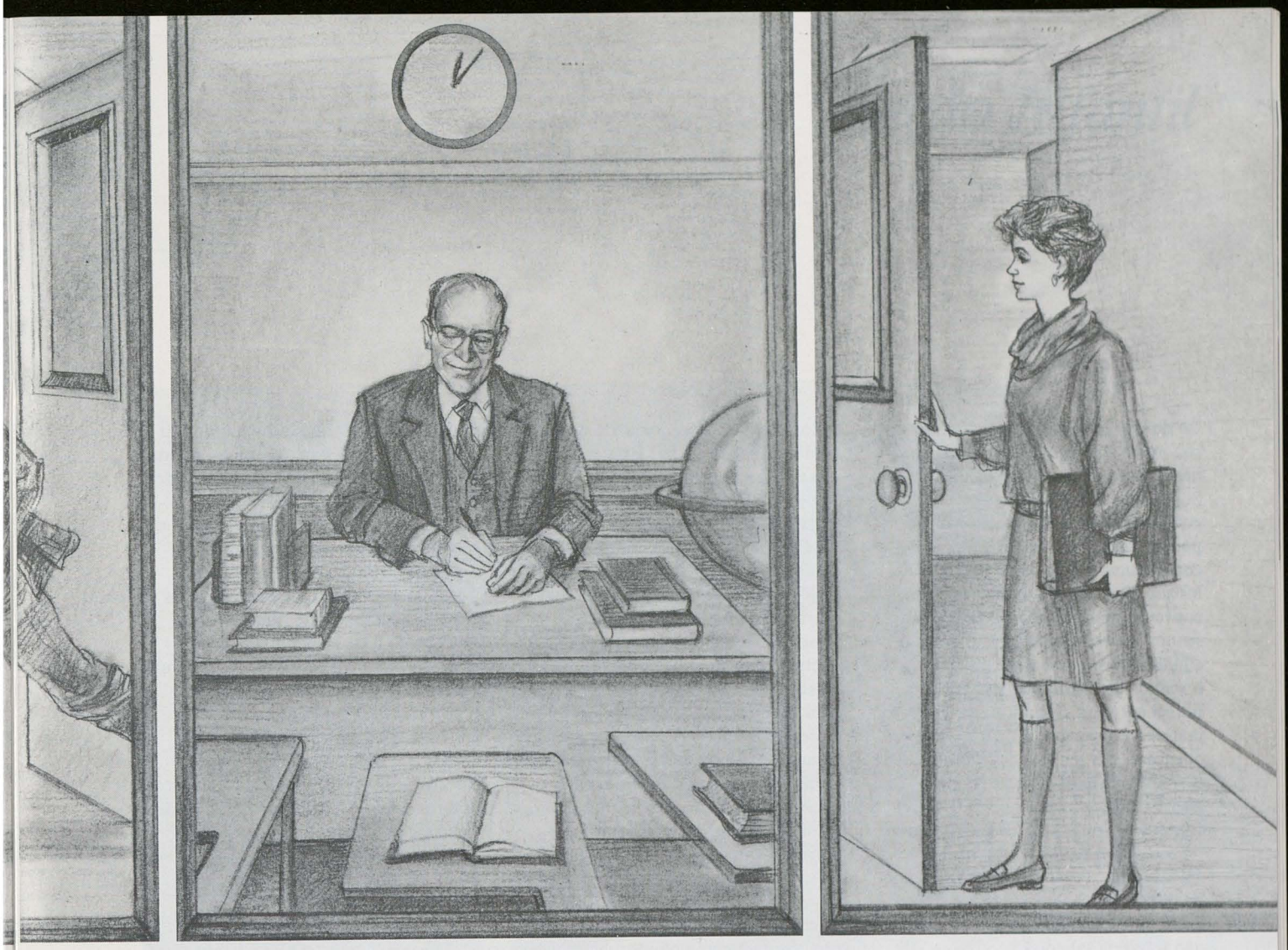
As palhaçadas desse jovem frustravam seguidamente minhas tentativas de estabelecer na classe uma atmosfera apropriada, para discutirmos e aprendermos coisas de natureza espiritual. Ele ansiava pela atenção dos colegas. Diversas entrevistas particulares com ele não deram nenhum resultado. Nas entrevistas, mostrava-se bastante acessível e cordato, mas recaía no comportamento irreverente, assim que voltava à classe.

Conversei com a equipe de consultores na escola e soube por eles que o rapaz vivia só com a mãe e que era um constante problema nas aulas escolares, embora possuidor de capacidade intelectual acima do comum.

Finalmente chegou um dia em que achei que devia tomar uma atitude decisiva, se quisesse manter algum sentido de ordem e disciplina na classe. Após uma de suas típicas palhaçadas, convidei o jovem a sair comigo da sala e lá fora lhe expliquei que não mais poderia sacrificar as oportunidades dos demais alunos, por causa de seu comportamento irreverente. Disse-lhe que não era mais bem-vindo na classe, até que conseguisse controlar seus modos e contribuir para a necessária atmosfera espiritual numa classe do seminário. Ele virou-se sem comentários e saiu correndo do prédio. Jamais voltei a vê-lo.

Na mesma tarde, a mãe telefonou-me expressando seu desagrado e tristeza pelo que eu fizera. Avisou-me de que eu não me esqueceria tão cedo de haver expulsado seu filho da aula do seminário.

A mãe teve razão. Jamais consegui libertar-me completamente da lembrança dessa experiência. Umas duas semanas depois desse acontecimento, meu trabalho mudou e fui transferido para outro lugar. Não faço idéia se o jovem algum dia voltou



ao seminário. Nem mesmo me recordo do seu nome, pois já se passaram mais de vinte anos. Às vezes fico imaginando se algures não haverá um pai de família numerosa imputando seu afastamento da Igreja a um antipático professor de seminário de muitos anos atrás.

Nesses anos decorridos, tenho aprendido, sem dúvida, muita coisa que me ajudaria a enfrentar o problema com mais competência. Talvez pudesse ter feito algumas coisas que não fiz para ajudar o rapaz a mudar sua atitude e comportamento. Estou certo que sim. Entretanto, recordando aqueles dias, lembro-me vividamente de minha preocupação com os outros alunos da classe e de meu intenso desejo de abençoar a vida deles de alguma forma. Revivendo mentalmente o episódio, chego inevitavelmente ao mesmo problema que enfrentei no dia em que convidei o jovem a deixar a classe. Além da minha responsabilidade por suas oportunidades espirituais, qual era minha responsabilidade para com os outros alunos, cujas oportunidades estavam sendo ameaçadas pela conduta inaceitável dele? Quais eram as responsabilidades dele?

Ter bons pais é vitalmente importante, mas é igualmente importante e necessário sermos bons filhos e filhas.

Recentemente tive outra experiência que representa um episódio contrastante com o do rapaz. Após a sessão de sábado à noite de uma conferência de estaca que eu visitava, fui abordado por uma senhora, que me perguntou: "Lembra-se de mim?" O rosto pareceu-me vagamente familiar, mas não consegui identificá-lo. Então ela veio em meu socorro, contando que fora uma de minhas alunas no curso secundário, muitos anos atrás. Lembrei-me imediatamente dela como a conhecera há trinta e dois anos. Havia sido uma líder entre as alunas e uma boa estudante. Conversamos alguns minutos sobre aqueles tempos, e ela me apresentou sua família. Alguns de seus filhos já eram casados e um deles estava servindo como missionário. E tinha diversos netos. Era obviamente uma família bem constituída, contribuindo significativamente para a Igreja e comunidade.

Durante nosso bate-papo, essa boa irmã perguntou de repente: "Lembra-

-se do dia em que me mandou sair da sua aula?'' Surpreso com a pergunta, não consegui recordar o incidente. Sugeri que talvez estivesse confundindo-me com outro professor, pois só tinha boas recordações dela como aluna. ''Não estou enganada'', insistiu ela, ''houve um dia em que conversei mais do que devia. Quando o senhor me repreendeu, eu disse algumas coisas que não deveria. Então o senhor me pediu que saísse da classe. Fiquei perplexa. Nenhum professor jamais me tratara assim. Recusei-me a obedecer, e o senhor me levou até o corredor, dizendo que eu poderia voltar, quando tivesse aprendido a me comportar como uma dama.

''Eu fiquei furiosa e muito embaraçada. Pus-me a imaginar como poderia vingar-me. Meu pai tinha certa influência na comunidade e certamente não toleraria tal coisa.

''Passadas algumas horas, comecei a refletir sobre o acontecido, e percebi que o senhor estava certo, e eu errada. Dei-me conta de que os professores e colegas de classe vinham há muito tolerando esse meu comportamento, e que não era bom. Descobri em mim um traço de que nunca tivera consciência, e decidi mudar. Foi por isso que o procurei e pedi desculpas por meu comportamento na classe. Foi um ponto muito decisivo em minha vida, pelo que nunca deixei nem deixarei de ser grata ao senhor.''

Eis um caso em que uma jovem compreendeu sua responsabilidade numa situação difícil e agiu para consertar as coisas. Ele tem-me dado algumas idéias interessantes para ponderar. O que determinou as reações diferentes dessa jovem e do rapaz que abandonou o seminário? E que diferenças aconteceram na vida deles nos anos seguintes, em virtude de como reagiram nessa situação e em outras semelhantes?

Pais, professores, líderes, amigos — todos têm a responsabilidade de cuidar, amar e ajudar. Existe, porém, um ponto em que essa sua responsabilidade se liga à responsabilidade da pessoa pela qual se manifesta seu cuidado, amor e ajuda. Aquele que freqüentemente se encontra em dificuldade ou controvérsia com outros, precisa perguntar-se honestamente até que ponto está contribuindo para o problema. E deve mostrar-se suficientemente responsável para corrigir sua conduta, quando esta é prejudicial a si próprio e aos outros. Quando procuramos desculpar nossas falhas e pôr a culpa naqueles que conosco convivem, isto resulta só em contínua infelicidade para nós e os outros. Temos de ser responsáveis.

Alma, mestre e líder do Livro de Mórmon, sentiu na carne a frustração de tentar ajudar e motivar pessoas que não queriam corresponder. Num desses momentos de frustração, ele exclama: ''Oh! Eu quisera ser um anjo e poder realizar o desejo de meu coração, para poder ir adiante e falar com a trombeta de Deus, com uma voz que faria estremecer a terra.'' (Alma 29:1.)

Suponho que Alma se lembrava de sua experiência na cidade de Amoniah, onde fora repelido e rejeitado. Se pudesse fazer a terra estremecer debaixo dos pés daquela gente, possivelmente conseguiria sujeitá-la pelo medo. Mas Alma lembra-se de que essa não é a maneira de agir do Senhor.

''Não deveria perturbar com os meus desejos o firme decreto de um Deus justo, pois sei que ele concede aos homens segundo os seus desejos, sejam estes para a morte ou para a vida; sim, sei que concede aos homens segundo o seu desejo, tanto para a salvação como para a destruição.

''Sei que o bem e o mal estão diante de todos os homens; e aquele que não distingue o bem do mal não é culpado; mas aquele que conhece o bem e o mal, a esse lhe será dado segundo seu desejo, busque o bem ou o mal, a vida ou a morte, a alegria ou o remorso de consciência.'' (Alma 29:4-5.)

Desde que saibamos o que é certo e o que é errado, tornamo-nos obrigatoriamente responsáveis pela nossa própria conduta. Ter bons pais é vitalmente importante, mas é igualmente importante e necessário sermos bons filhos e filhas. Afinal, nós somos responsáveis. É essencial ter bons professores e líderes, mas igualmente essencial sermos bons alunos e seguidores. Não podemos colocar nossas responsabilidades sobre ombros alheios. O Senhor projetou de tal maneira a vida mortal, que não podemos escapar às conseqüências finais de nossos próprios atos deliberados.

Jovens, quando se queixam dos professores, consultores e líderes incapazes e enfadonhos, vocês se perguntam honestamente qual está sendo seu desempenho como alunos, participantes da classe e do quorum, filhos e filhas? Estão-se esforçando ao máximo para melhorar as possibilidades próprias e alheias, ou ficam procurando desculpas por contribuírem para os eventuais problemas existentes? E quando erram, vocês têm coragem e integridade suficiente para reconhecer a sua parte no problema e resolver emendar-se?

Continuo na esperança de que, um dia, em uma de minhas visitas algures na Igreja, um homem me procure, dizendo: ''Lembra-se de mim? Sou aquele aluno de seminário que saiu da sua classe naquele dia. Desde aí, a vida ensinou-me algumas boas lições. Gostaria de que soubesse que tudo acabou bem.''

Então, talvez desapareçam as apreensões que venho sentindo desde aquele dia, há vinte anos. E talvez os sonhos daquele jovem, também, sejam menos agitados. ■

A Liahona



De um Amigo para Outro

De uma entrevista pessoal de Janet Peterson com o Élder James E. Faust, do Quorum dos Doze.

"Ninguém teve um pai melhor do que eu", diz o Élder James E. Faust, recordando com carinho o Juiz George A. Faust, seu pai. "Papai era um disciplinador, e mamãe uma mulher muito amorosa que nos ensinava pelo Livro de Mórmon e pelas outras escrituras. O Livro de Mórmon era seu favorito."

A família Faust tinha cinco filhos — um time inteiro de basquete. James era o segundo em idade. "Se mamãe alguma vez ficou desapontada por não ter nenhuma menina", diz o Élder Faust, "ela jamais o demonstrou."

O Élder Faust nasceu em Delta, Utah. Mais tarde, a família mudou-se para o atual bairro de Cottonwood, na Cidade do Lago Salgado, que na época era uma comunidade rural muito diferente das subdivisões e movimentados centros de compra de hoje.

Falando da vida que levava como menino, diz o Élder Faust: "Todos os anos adotávamos um cordeiro para criar, e tínhamos cavalos e cães. Papai era um ávido aficionado da vida ao ar livre e um grande pescador. Ele, como nós também, adorava a natureza."

Quando mais crescido, Élder Faust e seu irmão passavam o verão na fazenda de criação de gado do avô, onde aprenderam outras

responsabilidades.

"Sou grato pela influência exercida pelos meus avós em minha vida. Lembro-me de minha avó como mulher de porte régio. Papai sabia ser muito severo, e então meus avós lhe lembravam que éramos apenas garotos.

"Nosso entretenimento como crianças centralizava-se na Igreja e suas atividades. Costumávamos ir a espetáculos patrocinados em nossa capela pela ala."

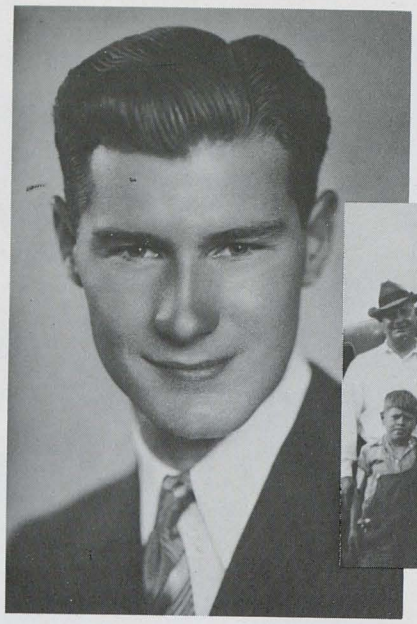
O Élder Faust lembra-se também de "subir com cavalo e trenó no Monte Butler e dos passeios de trenó no inverno".

Newell B. Stevenson, velho amigo do Élder Faust, recorda que o Monte Butler era então a pista local de esqui. "Costumávamos ir esquiar lá", conta ele. "Isto nos velhos tempos em que não se conheciam botas especiais e todos esses apetrechos de hoje. Construíamos nós mesmos uma rampa e, com um pouco de sorte, a gente conseguia descer a encosta toda até o fim. Naturalmente, chegando ao pé do morro, era preciso subir a pé. Certa vez Jim (Élder Faust) perdeu um esqui e caiu, fraturando a clavícula.

"Costumávamos nadar bastante durante o verão, num lago de água cristalina e gelada perto de casa. Se fosse possível, teríamos passado nossa vida ali. Algumas vezes fomos para lá no começo da primavera, desafiando-nos mutuamente a entrar na água. Ficávamos tão gelados que saíamos correndo!"

O Élder Faust se interessava também por outros esportes, principalmente futebol americano e atletismo, tendo o pai como o mais ardoroso fã. Recordando aqueles dias, diz o Irmão Stevenson: "Acho que nunca fui a um acontecimento atlético de que participassem os garotos Faust, que o pai não estivesse presente para prestigiá-los.

"Mesmo quando menino — mas particularmente quando chegamos à adolescência — Jim era o líder





espiritual do nosso grupo. Fazíamos tudo juntos e tenho que reconhecer que lhe devemos muito pelo fato de nos manter fora de problemas. Ele não era autoritário, dominador ou hipócrita — simplesmente fazia o que era certo."

"É maravilhoso ser pai e avô", declara o Élder Faust. Ele e sua esposa, Ruth têm cinco filhos — três filhos e duas filhas — e dezesseis netos.

Ressaltando a importância da influência dos pais e avós, o Élder Faust aconselha: "Meninos e garotas, confiem na orientação, conselhos e recomendações de seus pais e avós, que os amam mais que qualquer outra pessoa no mundo. Eles sempre sentem um profundo cuidado por vocês. Às vezes eu questionava o conselho e orientação que recebia de meus pais e avós, mas nunca duvidei de que me amavam. Aprendi que estavam em melhor posição para distinguir entre o certo e o errado que eu, com meu limitado conhecimento e minha pouca experiência. ■

Abraão e Sara

Dois mil anos antes de Jesus nascer, vivia na cidade de Ur um jovem chamado Abraão. Ur era uma cidade muito iníqua, cheia de pessoas que já não acreditavam em Deus. Eles sentiam prazer em fazer o que era mau e adoravam ídolos feitos de madeira e de pedra. Esses ídolos não podiam ver, pensar, ouvir ou sentir; no entanto, as pessoas oravam para eles e esperavam que respondessem às suas orações. Chegavam até mesmo a oferecer animais e pessoas como sacrifício para esses pedaços de madeira entalhados.

Abraão desprezava essa iniqüidade. Era um homem honesto e bom, que amava a Deus e orava a ele freqüentemente. Ele se esforçava para possuir o sacerdócio de Deus e poder servir a seu Pai Celestial. Sabia que, servindo a Deus e não aos ídolos, haveria de encontrar maior felicidade nesta vida; portanto, quando chegou o tempo certo, Abraão foi procurar o sumo sacerdote, Melquisedeque, para ser ordenado ao sacerdócio.

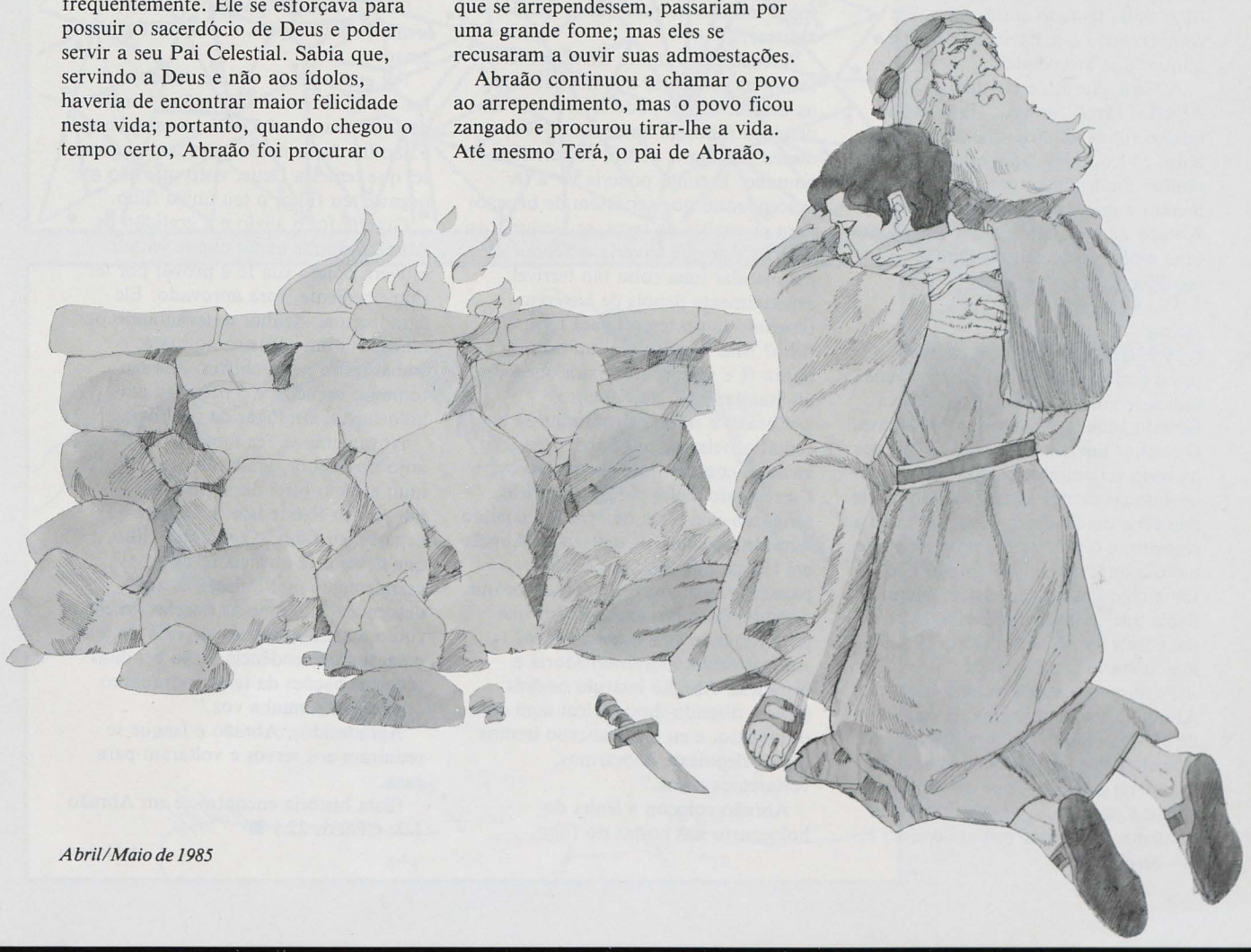
O Senhor amava Abraão por causa de sua obediência e fidelidade, e confiou-lhe um instrumento sagrado, chamado Urim e Tumim. Esse instrumento ajudava Abraão a entender os propósitos de Deus e a ensinar aos outros como ele era. Recebeu também os registros do povo do Senhor, que haviam passado de um profeta para outro, desde os dias de Adão.

Abraão amava sua família e amigos, e tentou ensinar-lhes a verdade. Sentia-se triste, vendo que rejeitavam o evangelho e dizia-lhes que, a menos que se arrependessem, passariam por uma grande fome; mas eles se recusaram a ouvir suas admoestações.

Abraão continuou a chamar o povo ao arrependimento, mas o povo ficou zangado e procurou tirar-lhe a vida. Até mesmo Terá, o pai de Abraão, participou do horrível plano. Prenderam Abraão e arrastaram-no até um altar bem grande, usado para sacrifícios. Uma grande multidão, que estivera adorando os enormes ídolos de pedra, ficou observando Abraão ser amarrado à força no altar.

Abraão estava assustado. Sabia que os sacerdotes pretendiam matá-lo como sacrifício aos ídolos pagãos que ele tanto odiava. Lutou e esbravejou, mas não conseguiu livrar-se. Angustiado, rogou ao Pai Celestial que o livrasse de alguma forma desse terrível destino.

Quando o sacerdote estava pronto para enfiar a faca em seu corpo, Abraão encheu-se do Espírito Santo e



teve uma visão de Deus. Um anjo apareceu do seu lado e soltou as fortes amarras que o prendiam ao altar, libertando-o.

Então a ira de Deus caiu sobre o povo. Os ídolos e o altar do qual Abraão havia sido libertado foram totalmente destruídos. O sacerdote iníquo foi atingido e morreu. Abraão foi protegido e sua vida poupada através do poder de Deus.

Conforme Abraão havia profetizado, Deus fez com que uma fome descesse sobre a terra, de modo que o povo sofreu amargamente. Abraão esperava que esse sofrimento ajudasse o povo a se arrepender de adorar ídolos. Terá foi severamente atormentado e começou a pensar nas coisas que seu filho tinha tentado ensinar-lhe. Ele compreendeu que havia sido mau e iníquo, e se arrependeu.

A fome piorou, e o irmão de Abraão, Harã, morreu. Harã tinha quatro filhos adultos, chamados Iscá, Sara, Milca, e Ló. Sara era uma mulher muito linda que amava ao Senhor e guardava seus mandamentos. Abraão amava Sara e sabia que ela era uma mulher especial; por isso a escolheu por esposa.

Isaque

Abraão e Sara estavam casados havia mais ou menos trinta anos sem nunca terem tido filhos. Sara estava ficando velha e Abraão se preocupava. O Senhor havia-lhe dito que as nações da terra seriam abençoadas através de seus descendentes; mas, sem filhos, ele não teria descendentes. Abraão orou a respeito, e o Senhor lhe prometeu que um dia teria um filho. Abraão não sabia como essa promessa se cumpriria. Sabia que seria preciso um milagre para Sara ter um filho sendo já velha, mas tinha fé em Deus.

Passaram-se ainda muitos anos. Abraão estava com cerca de cem anos de idade, e Sara com noventa, quando o Senhor lhes deu as boas novas: Sara logo teria um filho, que deveria receber o nome de Isaque. Abraão ficou tão contente, que se curvou até o chão e, humildemente, agradeceu ao Senhor.

Sara regozijou-se com o nascimento do bebê. Depois de quarenta anos de espera, finalmente tinha um filho; ela sabia que esse filho foi realmente uma grande bênção do Senhor.

Abraão e Sara cuidaram de Isaque com muito amor. À medida que o menino crescia, ensinavam-lhe a respeito do Pai Celestial e lhe mostraram como devia orar. Ele era um bom menino, e seus pais tinham muito orgulho dele.

Certo dia, quando Isaque já estava bem crescido, Abraão recebeu do Senhor uma revelação que dizia: "Toma agora teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas; vai à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que te hei de mostrar."

Abraão ficou muito triste, e muitas foram as perguntas que lhe passaram na mente. Como poderia oferecer seu precioso filho em holocausto? Ele, que nunca suportara a idéia de sacrifício humano. E como poderia vir a ter descendentes que servissem de bênçãos para as nações da terra, se Isaque fosse morto? Por que haveria o Senhor de lhe mandar uma coisa tão terrível, especialmente depois de haverem esperado tanto tempo para ter um filho? Mas Abraão era um homem de muita fé e se preparou para obedecer ao mandamento do Senhor.

Abraão e Isaque levantaram-se bem cedinho, selaram um burrinho e levaram consigo dois jovens servos. Carregando lenha para o sacrifício, dirigiram-se à terra de Moriá, viajando durante três dias. A tristeza de Abraão era tão grande, que seu coração parecia querer arrebentar; o amor que tinha ao filho era imenso! Por que teria recebido esse mandamento?

Finalmente, avistaram Moriá a distância. Abraão instruiu os dois servos, dizendo-lhes: "Ficai aqui com o jumento, e eu e o mancebo iremos até lá; depois de adorarmos, voltaremos a vós."

Abraão colocou a lenha do holocausto nas costas do filho, enquanto ele próprio carregava o fogo e a faca para o sacrifício.

Enquanto caminhavam juntos para Moriá, Isaque percebeu que haviam esquecido uma coisa e perguntou: "Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?"

Foi com tristeza que Abraão respondeu: "Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, filho."

Chegando ao lugar, Abraão construiu um altar, colocando sobre ele a lenha. E então, com profunda aflição, amarrou Isaque fortemente e o colocou no altar. Isaque compreendeu o significado daquilo, mas confiava no pai. Sabia que o pai só faria o que era certo, e estava disposto a sacrificar sua vida, se assim o desejasse seu pai.

Com o coração partido, Abraão levantou a faca para matar o filho tão amado.

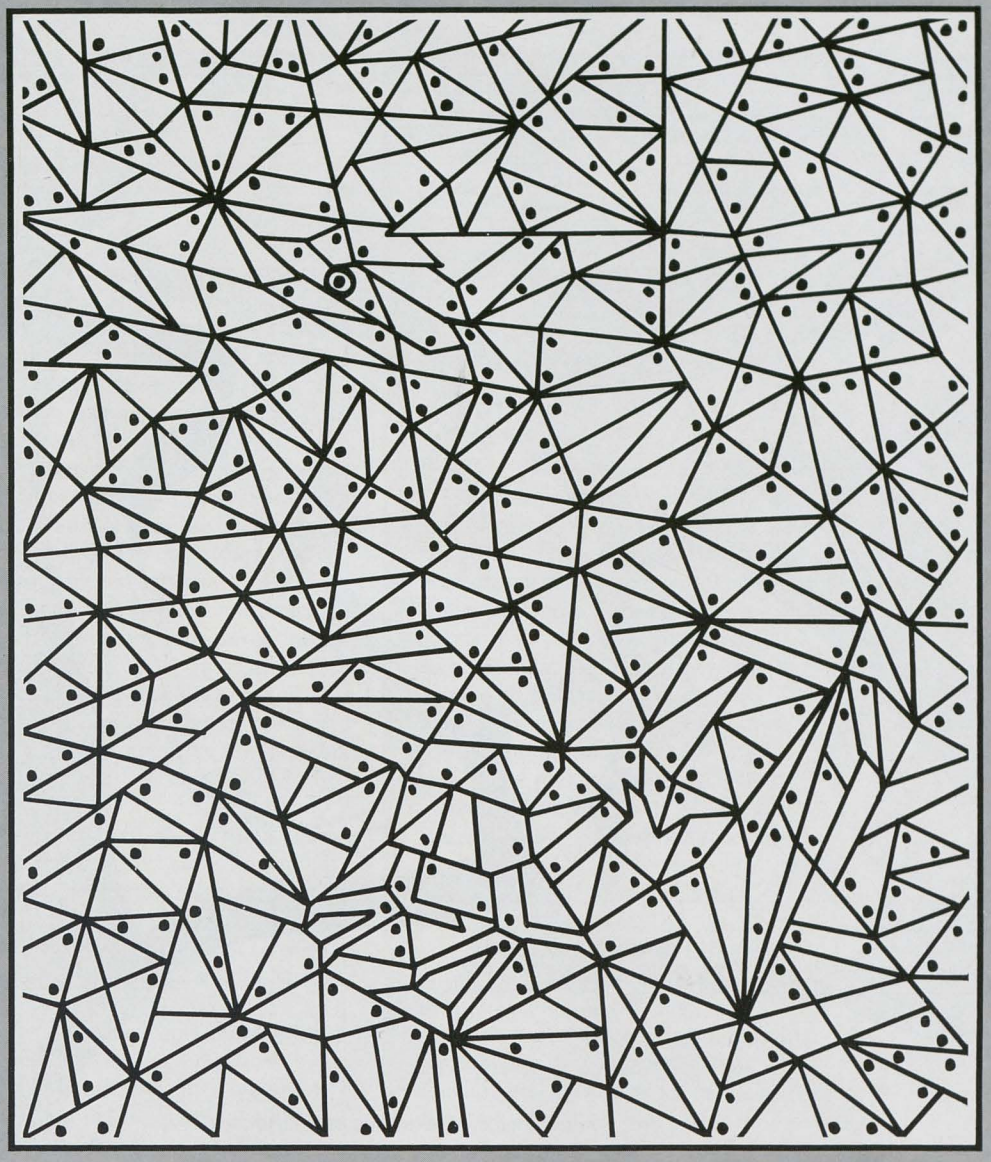
Foi então que a voz de um anjo se fez ouvir, dizendo: "Abraão, Abraão, não estendas a mão sobre o mancebo, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste teu filho, o teu único filho."

Grande foi o alívio e a gratidão de Abraão. Soube então que o Senhor estivera pondo sua fé à prova; por ter sido obediente, fora aprovado. Ele agradeceu ao Senhor e, levantando os olhos, viu um carneiro no mato, embaraçado pelos chifres. Abraão tomou o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho.

Novamente se fez ouvir a voz do anjo do Senhor, vinda do céu: "Por mim mesmo jurei diz o Senhor, porquanto fizeste isto, e não me negaste teu filho, o teu único filho, que deveras te abençoarei, e grandemente multiplicarei a tua descendência, como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar; e em tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz."

Agradecidos, Abraão e Isaque se reuniram aos servos e voltaram para casa.

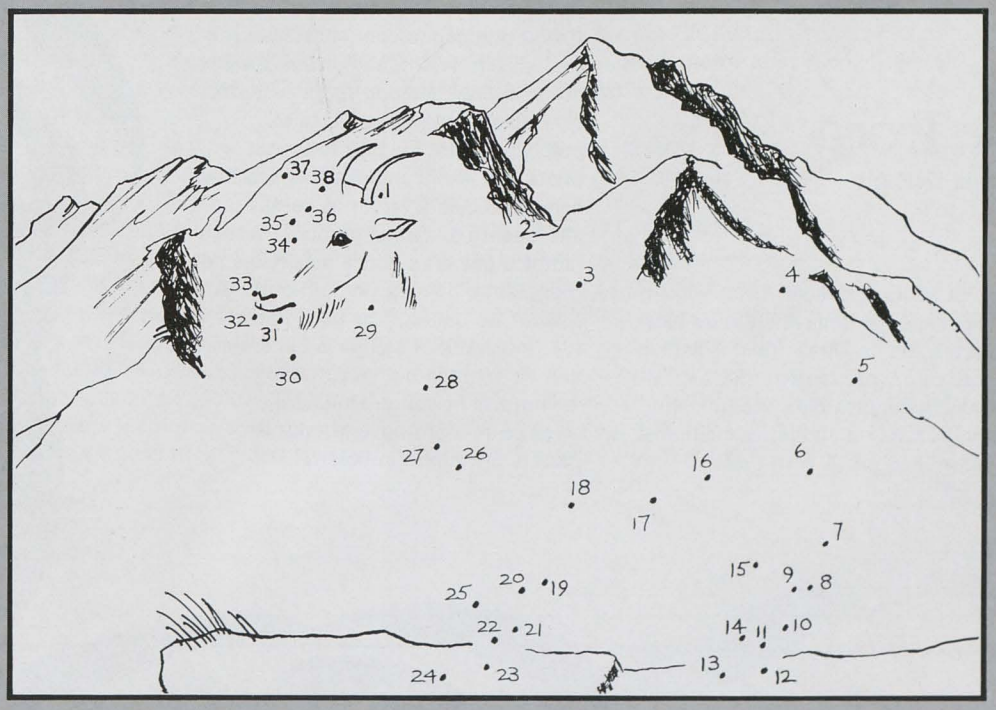
(Esta história encontra-se em Abraão 1-2; Gênesis 22.) ■



Quem Está Escondido Aqui?

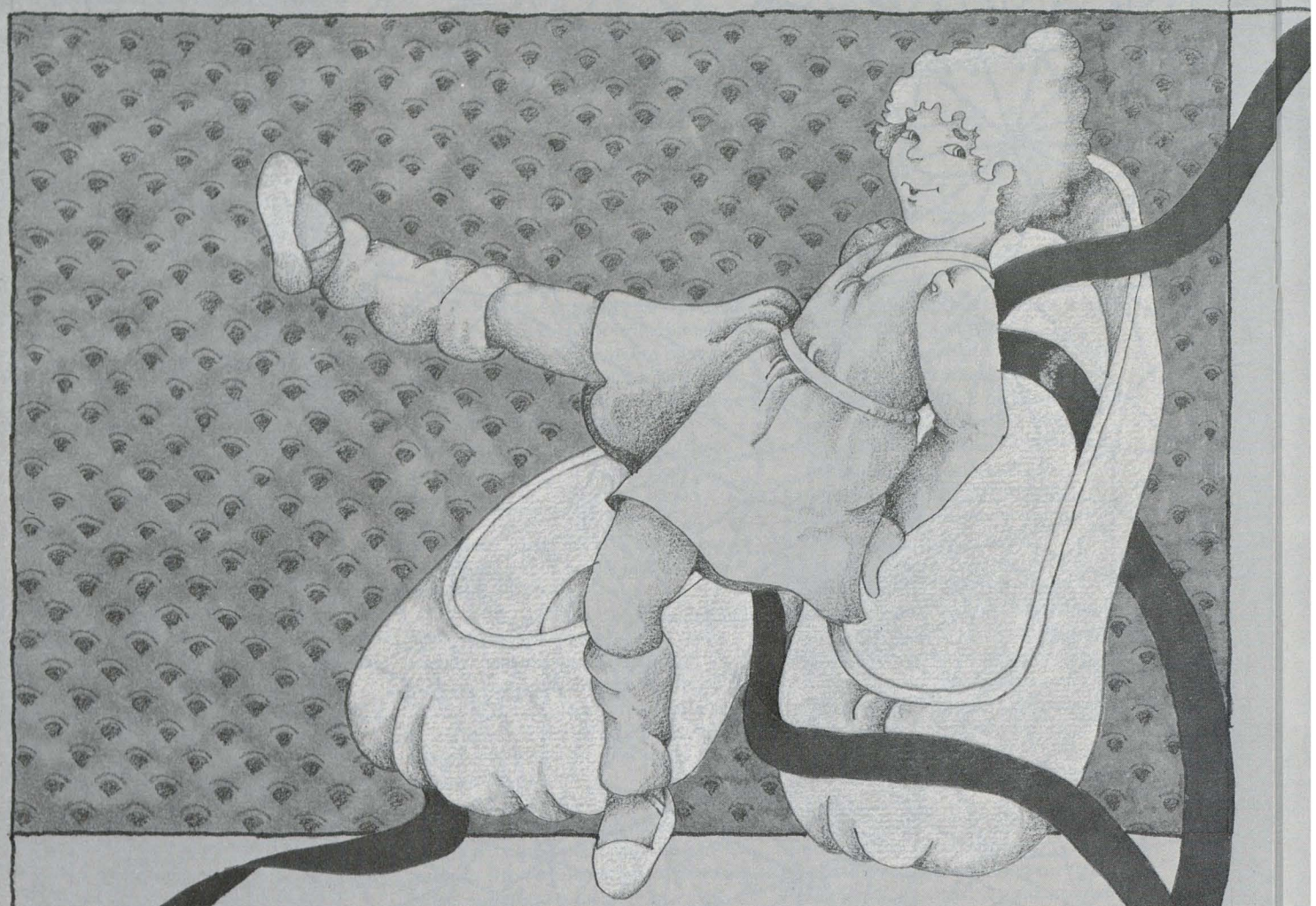
Coleen Fahy

Pinte os espaços que contêm um só ponto.



De Pontinho em Pontinho

Carol Conner



A Troca

Paula DePaolo

Lisa adorava dançar. Duas vezes por semana ela tomava aulas de balé na academia de Dona Júlia. Por mais que se esforçasse, entretanto, Lisa achava que nunca dançaria tão bem como Suzana ou Judite, as melhores alunas da classe. A prova estava ali, no enorme espelho que cobria toda a parede da sala de aulas.

Ah, esses meus joelhos! pensava Lisa, examinando com aborrecimento sua imagem refletida. *Por que teimam em se dobrar, quando todos os outros continuam aprumados?* Lisa se preocupava porque não ficava na ponta dos pés de maneira tão graciosa, nem conseguia levantar as pernas tão alto quanto as outras garotas. Achava também que era a única a cair, quando rodopiando de uma ponta à outra do salão. Lisa queria ficar na primeira fila, reservada às melhores bailarinas, e não na segunda ou terceira. Se melhorasse bastante, Dona Júlia certamente a promoveria, mas isto parecia um sonho impossível.



Uma tarde, metendo a mão na sacola para apanhar as sapatilhas cor-de-rosa, não as encontrou; tinham ficado em casa. Então foi procurar a professora. "Dona Júla, será que poderia emprestar-me um par de sapatilhas?"

"Como não," replicou a professora e trouxe uma caixa cheia de sapatilhas que guardava para tais emergências. Cada par estava bem dobradinho e atado com um elástico.

Depois de vasculhar um pouco com a professora, Lisa encontrou um par de sapatilhas cor-de-rosa praticamente novas, que se prendiam com fitas de cetim em lugar de elástico como os dela. Eram exatamente do tamanho de que precisava! "Posso pegar estas?" perguntou.

"Claro," respondeu Dona Júlia, acrescentando: "Lembro-me muito bem delas. Pertenceram a Helena Viana, que agora faz parte de uma grande companhia de balé. Tenho orgulho de dizer que é uma de suas melhores bailarinas."

Depois de enfiar as sapatilhas, Lisa amarrou as macias fitas de cetim em volta dos tornozelos. Como eram confortáveis! Na verdade, aquelas sapatilhas faziam Lisa sentir-se diferente. Ficou sonhando de olhos abertos em tornar-se uma grande bailarina, até que alguém lhe tocou no ombro. "A aula vai começar", avisou Susana.

Naquele dia, Lisa dançou melhor do que de costume. Caprichou cada passo, Queria ser outra Helena Viana, e as sapatilhas estavam ajudando. O espelho refletia uma nova Lisa. Dona Júlia chegou até a chamá-la, para demonstrar um passo novo. Pela primeira vez, Susana e Judite olhavam de que modo *ela* fazia, e Lisa tomou o máximo cuidado para não tropeçar.

Terminada a aula, Lisa foi ter com Dona Júlia e perguntou: "Será que eu poderia ficar com estas sapatilhas em troca das minhas?"

"Se quiser," foi a resposta. "Elas estão servindo bem?"

"Elas são perfeitas!" replicou Lisa.

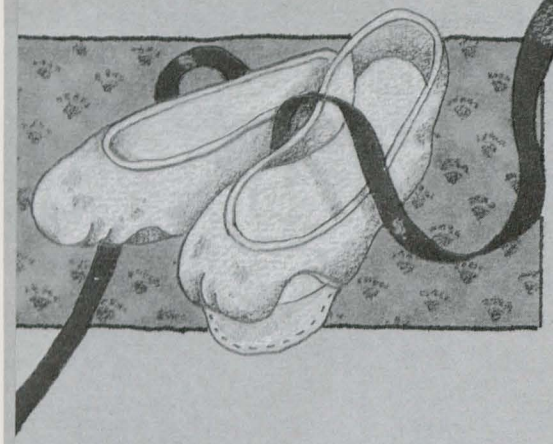
Na aula seguinte, Lisa trocou suas sapatilhas usadas pelas de Helena, que estavam praticamente novas. Com o passar do tempo, acostumou-se a chegar mais cedo para poder praticar antes da aula. Às vezes ficava depois da aula com Susana e Judite, para praticarem outros passos e rodopios. E não demorou muito, Lisa foi promovida para a primeira fila. Foi também a primeira aluna a conseguir fazer dois giros no mesmo lugar, em vez de um.

"Que beleza!" elogiou Susana, sinceramente.

"Obrigada," agradeceu Lisa. Não poderia contar a Susana que eram as sapatilhas que a faziam dançar tão bem. Isto tinha que continuar segredo. Não havia outras sapatilhas como aquelas. Elas faziam-na saltar mais alto, voltar ao chão com maior leveza, arcar os pés com mais graça e rodopiar feito pião.

Ao aproximar-se a data da audição, quando todas as alunas demonstrariam perante uma platéia de pais e amigos o que haviam aprendido, a classe de Lisa passou a reunir-se mais vezes para os ensaios. Lisa percebeu que suas sapatilhas estavam começando a parecer surradas. O couro, antes tão liso, parecia enrugado, e a cor-de-rosa havia desbotado. As fitas teimavam em despregar-se, tendo que ser costuradas repetidas vezes. Mas, como eram tão importantes para Lisa, Dona Júlia não insistiu em que Lisa arranjasse sapatilhas novas para a audição. "Procure limpá-las o melhor que





puder,'' aconselhou.

Pouco antes de começar a audição, Lisa estava ensaiando seu solo, quando sentiu o pé tocar o chão. A sola se rasgara, deixando um enorme buraco! Era preciso encontrar Dona Júlia.

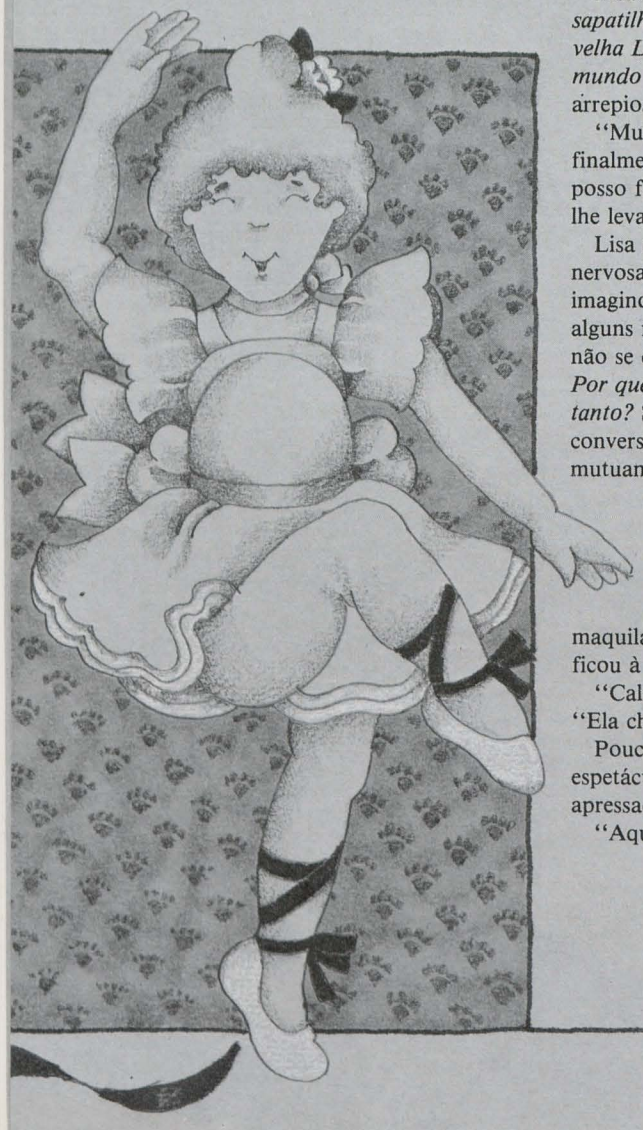
''Que lástima, querida!'' suspirou Dona Júlia. ''Ainda bem que trouxe as sapatilhas de reserva. Você não poderá dançar com estas sapatilhas rotas. Além de ser feio, é perigoso. Elas já não servem para mais nada, Lisa.''

''Dona Júlia,'' gritou Lisa, com os olhos arregalados, em pânico, ''eu simplesmente tenho que usá-las! Por favor, procure consertá-las. Não consigo dançar sem elas!''

Lisa sentia-se arrasada. *Sem as sapatilhas especiais, vou dançar como a velha Lisa. Vou tropeçar e deixar todo mundo embaraçado*, pensou, sentindo arrepios pelo corpo todo.

''Muito bem, Lisa,'' concordou finalmente Dona Júlia, ''vou ver o que posso fazer. Agora, vá-se arrumar. Eu lhe levarei as sapatilhas.''

Lisa foi para o vestiário. Arrumou nervosamente os cabelos. *Aonde,* imaginou, *andará Dona Júlia?* Deu alguns rodopios para ver se os cabelos não se desprendiam. Estavam ótimos. *Por que Dona Júlia estará demorando tanto?* Suas companheiras continuavam conversando e ajudando-se mutuamente com as roupas e a maquilagem. Lisa enfiou o saiote e ficou à espera da professora.



''Calma, Lisa,'' aconselhou Susana. ''Ela chegará em tempo.''

Poucos minutos antes do início do espetáculo, Dona Júlia chegou apressada.

''Aqui estão suas sapatilhas, Lisa,'' falou sem fôlego. ''Agora, ande logo! Vocês, meninas, são as primeiras.''

Lisa enfiou depressa as sapatilhas, dizendo: ''Muito obrigada, Dona Júlia,'' e deu-lhe um forte abraço. ''Agora tudo irá bem.''

Lisa tomou seu lugar entre Susana e Judite, para depois entrarem uma a uma, dançando no palco iluminado, enquanto a platéia aplaudia.

O espetáculo foi uma beleza. A classe de Lisa foi duplamente aplaudida por causa de alguns passos especialmente difíceis. Lisa dançou como nunca. Sabia que sua família estava orgulhosa dela.

Quanto tudo terminou, Lisa e seus pais foram despedir-se de Dona Júlia.

''Mais uma vez, muito obrigada por consertar minhas sapatilhas. Eu não me teria saído bem sem elas.''

''Mas se saiu,'' retrucou Dona Júlia, mostrando as sapatilhas rotas de Helena Viana. ''Não lhe disse antes, porque você estava convencida de que eram as sapatilhas que a faziam dançar bem. Agora você viu que não é bem assim. Foi o seu esforço e trabalho, e você me deixou muito orgulhosa hoje à noite.''

Lisa não conseguia tirar os olhos das sapatilhas rasgadas.

Dona Júlia disse ainda: ''Se quiser, pode ficar com estas sapatilhas, mas, por favor, de agora em diante, use as suas. Simplesmente preguei fitas novas nelas para você usar esta noite.''

Tirando as sapatilhas da sacola, Lisa viu suas iniciais impressas dentro delas. *São mesmo as sapatilhas que troquei pelas da famosa bailarina!* pensou consigo, assombrada.

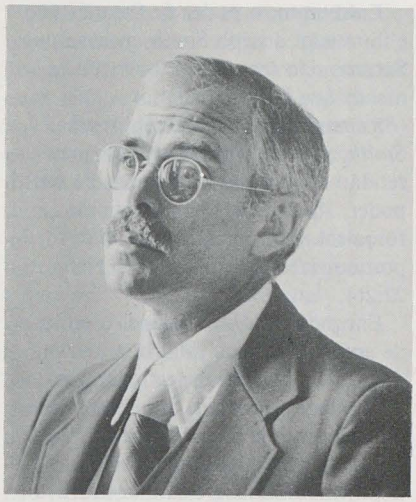
''Você ouviu isso, mamãe? Afinal, não foram as sapatilhas! Era eu mesma o tempo todo, e sem sabê-lo! Espere só até amanhã à noite. Vou dançar ainda melhor!''

E dançou mesmo. ■

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Uma pessoa pode arrepender-se mediante comunicação pessoal com o Senhor ou deve procurar obrigatoriamente o bispo?



Resposta: Jerry Taylor, bispo da Ala Provo 32, Estaca Provo Utah.

A pergunta compreende, na verdade, duas partes, e a resposta para ambas é sim. Em seu livro *O Milagre do Perdão*, o Presidente Spencer W. Kimball (membro então do quorum dos Doze) diz: "Muitos transgressores, em sua vergonha e orgulho, satisfazem sua consciência, pelo menos temporariamente, com algumas preces silenciosas ao Senhor e racionalizam que já confessaram seus pecados. 'Mas já confessei meu pecado ao Pai Celestial', insistem eles, 'e isso é suficiente.' Isto não é verdade, quando se trata de um pecado grave. Então, para que o transgressor tenha paz, ele precisa ser perdoado duas vezes — uma pelas competentes autoridades da Igreja do Senhor e a outra pelo próprio Senhor. Isso é esclarecido na explicação que o Senhor deu a Alma sobre a administração da Igreja:

"'Digo-te, portanto: Vai, e ao que transgrida contra mim julgarás de acordo com os pecados que houver cometido; e se confessar seus pecados diante de ti e de mim, e se arrepender com sinceridade de coração, a ele perdoarás, e eu também o perdoarei.' (Mosiah 26:29; itálicos acrescentados.)" (Cap. XIII, p. 173.)

Para se entender a segunda parte da pergunta, seria proveitoso conhecer o propósito da confissão. Em Doutrina & Convênios, lemos que o espírito se assemelha ao corpo, só que a matéria que o constitui é mais fina ou pura. (Ver D&C 131:7.) Quando nosso corpo sofre um trauma mais sério, nós vamos ao médico, que nos prescreve o que fazer para nos curarmos. O mesmo se aplica ao espírito injuriado ou agredido. Para que possa sarar de todo, parte da terapia é a confissão.

Recentemente, Wade, nosso filho de sete anos, sofreu rutura do apêndice. A infecção tomara conta de todo o seu abdômen, embora externamente não houvesse nenhum sinal de problema grave. Sem adequada atenção e tratamento médico, ele certamente teria morrido. Assim como a pessoa acometida de um sério mal físico, o espírito não consegue curar-se sozinho, sem confissão, após um pecado grave. A espiritualidade da pessoa continua invariavelmente fraca, como que hesitante em cumprir seu propósito imortal, podendo mesmo fenecer e morrer.

Talvez fosse conveniente lembrar que, assim como não corremos ao médico por qualquer arranhãozinho, também não devemos confessar cada "pecadilho" ao bispo. Aconselhava o Presidente Brigham Young: "Mantende em segredo vossos desatinos que não dizem respeito aos outros." (Discurso de Brigham Young, p. 158.) O importante é saber diferenciar honestamente as transgressões mais graves dos "desatinos".

Em *O Milagre do Perdão*, o Presidente Kimball nos dá diretrizes muito claras a esse respeito: "O transgressor precisa ter o 'coração quebrantado e o espírito contrito', e estar disposto a humilhar-se e fazer tudo o que for exigido. A confissão dos pecados mais graves à autoridade competente da Igreja é uma das exigências que o Senhor faz. Tais pecados incluem o adultério, outras transgressões sexuais e pecados de gravidade similar." (P. 173.)

Não tendo certeza se uma transgressão pessoal se enquadra nessa definição, você deveria discutir o assunto com o bispo, que lhe dará bons conselhos e guardará sigilo.

A melhor hora para falar com o bispo a respeito de uma transgressão é agora. Marque uma entrevista com ele em seu gabinete. Ele está sempre à disposição para ajudar e aconselhar os membros da ala.

É também um direito de todo jovem da Igreja ser entrevistado regularmente pelo bispo. Nessas ocasiões, ele lhe fará perguntas a respeito de sua dignidade. É importante que as respostas sejam honestas e sinceras. Poderá haver a tentação de mentir, a fim de evitar embaraços, mas o Presidente Kimball faz uma advertência severa concernente a isso:

"Erguei as vossas vozes a este povo; falai os pensamentos que Eu puser em vossos corações, e não sereis confundidos."

"Aqueles que mentem aos líderes da Igreja esquecem ou ignoram uma norma importante que o Senhor estabeleceu: que, quando ele chama homens para ocupar elevadas posições em seu reino e os investe com o manto da autoridade, mentir para eles é o mesmo que mentir para o Senhor; u'a meia verdade para seus oficiais é igual à meia verdade para o Senhor; a rebelião contra seus servos é comparável à rebelião contra o Senhor; e qualquer infração contra os irmãos que retêm as chaves do evangelho, constitui-se em pensamento ou ato contra o Senhor. Como ele expressou: 'Pois aquele que recebe os meus servos, a mim me recebe; e aquele que me recebe a mim, recebe o meu Pai.' (D&C 84:36-37.)" (*O Milagre do Perdão*, p. 177.)

As escrituras ressaltam repetidamente a importância da confissão à autoridade adequada em caso de transgressão grave.

"Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.

"Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará." (D&C 58:42-43.)

"E quem quer que se arrependesse de seus pecados e os confessasse, (Alma) o contava entre o povo da igreja;

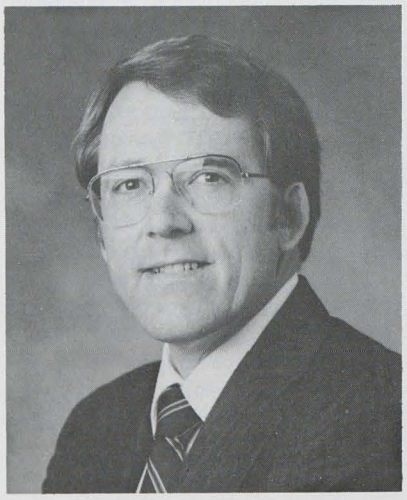
"E os que não queriam confessar seus pecados e arrepender-se de suas iniqüidades, não eram contados entre o povo da igreja, e seus nomes eram riscados." (Mosiah 26:35-36.)

"Mas lembra-te de que neste, o dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao altíssimo, confessando os teus pecados aos teus irmãos e perante o Senhor." (D&C 59:12.)

No capítulo treze de *O Milagre do Perdão*, o Pesidente Kimball explora essa questão em maior profundidade:

"A confissão traz paz. Quão freqüentemente as pessoas têm saído do meu escritório aliviadas e mais leves de coração como havia muito tempo não se sentiam! Seus fardos tornaram-se mais leves por terem sido partilhados. Tornaram-se livres. A verdade os libertou." (p. 180.) ■

Quais as limitações de Satanás? Ele pode-nos insinuar idéias? Consegue perceber nossos pensamentos?



Resposta: Lawrence R. Peterson Jr., ex-bispo da Ala Butler 31, Estaca Brighton Salt Lake.

Uma das mais impressivas doutrinas encontradas no Livro de Mórmon é de que o poder de Satanás sobre uma pessoa aumenta à medida que ela se torna mais iníqua, até acabar escravizada pelo diabo e atada pelas "correntes do inferno". (Alma 12:11.) O método de Satanás é influenciar os pensamentos do homem, tentando e seduzindo-o, sempre atuando nos "corações dos filhos dos homens". (2 Néfi 28:20.) Néfi descreve o arrepiante método: "Ele lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação." (2 Néfi 28:22.)

Entretanto, o poder de Satanás não é ilimitado. Joseph Smith ensinou que Satanás não tem poder sobre nós, a menos que lho concedamos. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 176.) E Néfi explica que a retidão do povo priva Satanás de seu poder, "pois... não tem nenhuma força sobre os corações do povo, porque vivem em retidão" (1 Néfi 22:26).

Entre esses dois extremos, o poder de acorrentar e sua total impotência, estende-se o amplo espectro de sua capacidade de seduzir ou tentar. Sendo um espírito, ele atua na esfera espiritual contrabalançado pelo Espírito de Deus. Dessa maneira fica preservado o livre-arbítrio, dando-nos a opção entre o bem e o mal. Conforme ensina Léhi: "O homem não poderia agir por si mesmo, a menos que fosse atraído por uma ou outra coisa." (2 Néfi 2:16.) Se Satanás nos induz ao mal, o Santo Espírito por sua vez nos induz à virtude (veja Mosiah 3:19). O livre-arbítrio exige que nenhum dos dois tenha poder para dominar a pessoa contra sua vontade.

Sendo espirituais, ambas essas forças atuam diretamente na mente do homem — ou no coração, como dizem as escrituras — até que ele escolha deliberadamente obedecer a uma e ignorar à outra. Então se altera o equilíbrio das forças, e a pessoa começa a se encaminhar para a vida eterna ou a descer para a destruição e miséria. Aquela que escolheu batizar-se e receber o dom do Espírito Santo, alterou o equilíbrio consideravelmente em favor da influência de Deus,

enquanto a pessoa cuja impiedade deixou sua consciência "cauterizada", conforme diz Paulo (I Timóteo 4:2), possivelmente já se colocou totalmente sob a influência de Satanás. O Espírito do Senhor pode então cessar de contender com essa pessoa (veja 1 Néfi 7:14).

Satanás possui um enorme poder para seduzir, como ensina o Élder Joseph Fielding Smith: "Nós devemos estar sempre em guarda para resistir aos avanços de Satanás... Ele tem poder para colocar idéias em nossa mente e para nos sussurrar coisas sedutoras, que satisfaçam nossos apetites ou anseios, e jogar de várias outras maneiras com nossas fraquezas e desejos." (*Answers to Gospel Questions*, comp. Joseph Fielding Smith Jr., 3:81.) As tentações a que todos estamos sujeitos, muitas vezes se apresentam como sussurros e influxos à nossa mente e coração.

A questão de Satanás conseguir ou não perceber nossos pensamentos não é tão fácil de responder. Numa passagem de Doutrina & Convênios, o Senhor diz a Oliver Cowdery: "Não há ninguém, a não ser Deus, que conheça teus pensamentos e os intentos do teu coração." (D&C 6:16.)

Alguns têm interpretado estas palavras como querendo dizer que só Deus é capaz de conhecer os pensamentos alheios. Como argumento, citam Moisés 4:6 na Pérola de Grande Valor, onde diz que Satanás não sabe como pensa Deus. Outros sugerem que, em D&C 6:16 (e 24), o Senhor pode estar-se referindo à incapacidade do *homem* de conhecer os pensamentos alheios, e que Moisés 4:6 não diz nada sobre Satanás conhecer os pensamentos humanos. Assim, a questão não é se Satanás é ou não capaz de discernir diretamente os pensamentos e intentos de nosso coração.

Seja qual for a resposta final, é bem possível que Satanás possa determinar, pelas nossas palavras e ações, que revelam nossos pensamentos, nossa suscetibilidade a determinada tentação, pelo menos. Conforme dizia o Salvador, a árvore se conhece pelos seus frutos, e "da abundância do seu coração fala a boca" (Lucas 6:44-45). Satanás pode ver nossos frutos como qualquer outra pessoa — e podemos estar certos de que não hesitará em tirar proveito das fraquezas que exibimos.

A questão de Satanás ser capaz ou não de conhecer nossos pensamentos é interessante. Em última análise, porém, provavelmente não fará muita diferença quais sejam as aparentes oportunidades dele. Temos a promessa de que não seremos tentados além de nossa resistência (veja I Coríntios 10:13); se for esse o nosso desejo, poderemos sempre resistir a todas as formas de tentação.

Diz o Presidente Kimball: "As tentações vêm a todos. A diferença entre o depravado e o digno é que aquele cedeu, e este resistiu." (*O Milagre do Perdão*, p. 89.)

Pelo desejo de servir a Deus de todo nosso coração, poder, mente e força, podemos eliminar o poder de Satanás sobre nós — aquele poder que só nos traz miséria. A batalha pela alma dos homens é travada dentro de cada coração, e todos nós temos a força para vencer. Ao procurarmos seguir o Salvador, devemo-nos esforçar em ter pensamentos tão puros, que pouco importa quem os conheça. ■

AS REGRAS DE FÉ NA NOITE FAMILIAR

Elizabeth Martinsen

Há muito vínhamos tendo problemas para planejar noites familiares espirituais e produtivas para nossos filhos pequenos de dois, três e cinco anos. Então meu marido sugeriu que baseássemos nossas lições semanais nas Regras de Fé. Ele desenhou um cartaz ilustrado da primeira Regra de Fé e ajudou as crianças a "lê-lo", repassando-o todas as noites, antes da oração familiar. Em uma semana, elas a tinham memorizado, até mesmo o caçula. Então, naquele mês, cada noite familiar focalizava um dos conceitos dessa regra. Cada mês estudamos outra regra. Isto nos permite planejar facilmente as noites familiares para o mês inteiro, e as crianças realmente apreciam memorizar as Regras de Fé e aprender princípios do evangelho.

SER UM MEMBRO MISSIONÁRIO

Lindsay R. Curtis

"Em duas ocasiões, tentei falar com amigos sobre as palestras missionárias, mas fui rejeitada!" queixa-se Maria, de dezesseis anos. "Fiquei embaraçada, quando me disseram que não estavam interessados na Igreja."

Maria é uma atraente garota do curso secundário. Freqüenta o seminário e provém de uma família devota e com espírito missionário. E posso compreender sua frustração, ao aparentemente alienar boas amizades na tentativa de obedecer à recomendação do profeta.

Não resta dúvida de que uma experiência missionária positiva é compensadora, mas, como evitar as experiências desagradáveis? Talvez não seja possível ter cem por cento de sucesso, mas experimentemos algumas outras abordagens.

Roberta tinha apenas dezenove anos, quando se alistou na Marinha, recebendo como companheira de quarto uma garota SUD a quem logo passou a admirar e amar.

"Eu admirava a maneira de viver de minha companheira, seus ideais e padrões elevados. Ela representava tudo o que eu queria ser na vida. Queria estar na companhia dela e dos que compartilhavam seus padrões. Ansiava por um convite para participar das atividades do seu grupo de jovens, mas nunca tive oportunidade de conviver com eles."

Meses mais tarde, Roberta foi transferida para outra instalação naval, e por incrível que pareça, sua nova companheira de quarto era igualmente da Igreja. Ao conversarem, logo na primeira noite, percebeu imediatamente que aquele grupo de jovens SUD era tão atuante quanto o outro. A diferença foi que Roberta foi imediatamente convidada pela companheira para todas as atividades.

Dentro de poucas semanas, Roberta começou a ouvir as palestras missionárias e se batizou. Ela tornou-se o melhor membro missionário da área, trazendo constantemente companheiros de trabalho para os programas da Igreja, a fim de que pudessem conhecer e pesquisá-la. Assim que deu baixa na Marinha, Roberta foi chamada para uma missão de tempo integral.

A segunda experiência é de um élder que serve em nossa missão, e que relata como se converteu:

"Durante meu primeiro ano no curso secundário, chamou-me a atenção um pequeno grupo de colegas que pareciam ter uma profunda amizade fraternal. Sua conduta era diferente da dos outros alunos, sua linguagem limpa, seus padrões elevados, e até a aparência não era a mesma. Não usavam drogas, nem fumavam ou bebiam. Eu os admirava e tentei aproximar-me deles.

"Eles sempre se davam tão bem, fazendo suas próprias festinhas, bailes e outros programas sociais. Alguém me disse que pertenciam à igreja SUD, o que não me dizia nada. Eu continuava querendo fazer parte do grupo deles.

"Procurei insinuar até onde ousava minha vontade de participar de suas atividades, mas eles não pegavam as dicas. Finalmente, no último ano do curso, reuni coragem para perguntar diretamente se poderia participar de uma de suas festinhas, mesmo não sendo membro da Igreja.

"Dentro de poucas semanas, eu estava batizado e aqui estou, um ano e meio depois, cumprindo missão pela *nossa* igreja. Quando vejo a dificuldade de descobrir conversos em potencial no campo missionário, fico imaginando por que meus colegas de escola acharam tão difícil convidar-me para estar com eles."

Quando entrevistava os jovens de nosssa ala como bispo, eu sempre perguntava: "Você está-se dando com alguém que não é membro da Igreja?"

Susana me disse: "Estou saindo com Bruno. Nós nos conhecemos bem e somos bons amigos."

"Essa amizade é bastante forte para convidá-lo para nossa próxima festinha de jovens na ala?" indaguei.

Susana trouxe Bruno para nossa festa, e os missionários da ala se encarregaram do resto. Atualmente, depois de ter cumprido uma missão para a Igreja, Bruno serve no bispado de sua ala. O caso de Suzana vem-se repetindo por toda a Igreja.

Isto não lhe dá algumas idéias? Quantos de seus amigos não gostariam de participar de suas festinhas, bailes, excursões? Quantos não gostariam de divertir-se como você? Não é um modo fácil e inofensivo de colocá-los em contato com o Evangelho de Jesus Cristo? Você quase sempre poderá deixar aos missionários a tarefa de convidá-los a ouvir as palestras e ensiná-los.

Lembro-me de quando minha mulher e eu pedimos aos nossos filhos e filhas adolescentes que aceitassem um desafio, o que fizeram. Deviam orar fervorosamente para que o Senhor os ajudasse a identificar uma pessoa que poderiam ajudar a conhecer a Igreja. Não haveria limite de tempo. Eles

deviam orar, procurar e esperar até que o Espírito se manifestasse, até haverem descoberto a pessoa especial que aceitaria o convite para participar com eles de uma atividade na Igreja ou para ouvir a mensagem de nossos missionários.

Prometemos-lhes que eles o saberiam com certeza, pois seria exatamente como se o Senhor apontasse essa pessoa com o dedo. Deviam orar também pedindo que soubessem o que falar a essa pessoa, quando a encontrassem.

Passadas umas duas semanas, um dos filhos contou que se sentira fortemente induzido a abordar um jovem ao lado dele na universidade. Falou com ele sobre a Igreja e foi repelido. Naturalmente que se sentiu desanimado e duvidou da validade de nosso projeto.

"Você o fez realmente por amor?" perguntei. "Ou estava apenas querendo fazer número? Você teve amor em seu coração e olhos quando o abordou? Estava atentando para os sussurros do Espírito, para ajudá-lo a saber o que falar?"

"Gostaria de tentar de novo," respondeu nosso filho. "Vou jejuar e orar a respeito. Depois farei nova tentativa."

Após jejuar e orar, ele continuava convencido de que era aquele jovem com quem deveria falar sobre a Igreja. Voltou a abordá-lo, desta vez com muito carinho em seu coração, olhos e alma. O jovem concordou em encontrar-se com os missionários, para saber mais a respeito da Igreja.

Esse jovem não só foi batizado, como sua esposa inativa foi reativada, e seus filhos terão agora a bênção de serem criados num lar SUD.

Até mesmo um jovem que vinha saindo com uma de nossas filhas (e mais tarde se tornou seu marido), aceitou o desafio de orar e procurar alguém que aceitasse a mensagem missionária. Ele foi dirigido para um amigo que conhecia desde criança, mas com quem nunca falara da Igreja. No espaço de um mês, esse rapaz se batizava na Igreja.

Cada um tem um método diferente, um método adequado à sua personalidade e maneira de ser. Ainda que a pessoa com quem falamos não se filie à Igreja agora, poderá aceitar a mensagem mais tarde. Estamos certos de que tais pessoas se filiarão à Igreja, mais cedo ou mais tarde.

Queiramos ou não aceitar o fato, nós somos diferentes do mundo, se estivermos vivendo o que professamos crer. Gostaria de contar-lhes a respeito de dois de nossos missionários.

Estava na hora do jantar e chovia muito. Apesar da chuva, esses dois missionários continuaram a bater de porta em porta. Mas vou passar a palavra a um dos chefes de família em cuja porta bateram:

"Eu havia chegado do serviço cansado, com fome e tinha um único desejo, ser deixado em paz. Devo acrescentar que detesto as pessoas que vão de casa em casa mascateando.

"Acabara de me sentar à mesa, quando bateram à porta. Não sei bem quem eu esperava encontrar, mas não tinha intenção alguma de me mostrar satisfeito com a interrupção naquela hora.

"Talvez tivesse perplexo demais no primeiro momento para ficar furioso, pois, por alguma razão, não lhes bati com a porta na cara. Ali na entrada estavam dois jovens com um sorriso de orelha a orelha, informando-me que tinham uma mensagem especial para mim e minha família. Continuo não sabendo o que me fez convidá-los a entrar, exceto que percebi neles algo de muito especial. Havia neles um certo quê que eu nunca percebera antes em alguém.

"Digo-lhes que, quando os convidei a entrar em nossa casa, convidei igualmente as maiores bênçãos que já tive em minha vida e na vida dos meus. Sim, todos nós fomos batizados na igreja SUD."

Em Doutrina e Convênios 88:67, é-nos dito: "E se os vossos olhos estiverem fitos só na minha glória, os vossos corpos se encherão com luz." Nós *somos* diferentes, quando vivemos da maneira que o Salvador nos ensinou. Nosso corpo se enche de luz e as pessoas o percebem.

Certo dia, entrou na casa da missão um senhor, dizendo que queria saber mais a respeito de nossa igreja. "Viajei ao lado de um membro de sua igreja no avião", explicou, "e acho que nunca mais voltarei a ser o mesmo. Falou-me da sua família e de quanto se amavam. Seu rosto parecia brilhar enquanto falava."

Esse senhor era bem mais mundano do que o homem comum das ruas. "Sei que terei de fazer algumas mudanças drásticas em minha vida, mas quero ter também o que aquele homem possui. Minha família é muito importante para mim."

Se vivermos o que professamos crer, nosso exemplo poderá servir de excelente missionário para nós e a Igreja, particularmente para aqueles que buscam um "caminho melhor" (Éter 12:11). Muitas pessoas admiram nossa maneira de viver e nossos padrões de conduta, e desejam-nos para si mesmas e seus familiares, também.

Doutrina e Convênios 123:12 nos diz que "existem ainda muitos na terra entre todas as seitas... que só estão afastados da verdade por não saberem onde encontrá-la." Então, como podemos ajudá-los a encontrar a verdade? Como podemos ser eficientes membros missionários?

Bem pode ser que o *seu* melhor método seja dar o melhor de si. Seja gentil e atencioso. Convide as pessoas com quem convive e que não pertencem à Igreja a participarem da alegria e satisfação de que talvez desejem compartilhar secretamente.

Em lugar de perder amigos, poderá fazer amizades que durarão esta vida inteira e a vida por vir. ■

O LUGAR CERTO NO MOMENTO CERTO

Kirsten Christensen



O entusiasmo e antecipação eram quase insuportáveis, quando eu e mais setenta e sete outros estudantes americanos embarcamos no avião para Frankfurt. Estávamos a caminho de Nüremberg, Alemanha Ocidental, onde passaríamos um mês freqüentando uma escola secundária alemã e viajando pelo país. O mais emocionante era saber que setenta e oito famílias alemãs aguardavam nossa chegada tão nervosas e ansiosas quanto nós. Desejei desesperadamente que o vôo de Nova York a Frankfurt pudesse levar menos de oito horas!

Segurando minha bagagem de mão junto ao corpo, para evitar qualquer colisão, dirigi-me ao fundo do avião onde encontrei meu lugar na penúltima fila. Depois de acomodar rapidamente minha bagagem no compartimento próprio, deixei-me cair na poltrona com um suspiro de alívio. Descobri que minha vizinha era uma simpática senhora de Pittsburgh, Pensilvânia, que viera da Alemanha para os Estados Unidos dezoito anos atrás. Agora iria visitar parentes em Munique. Conversamos, parte em alemão e parte em inglês, até que nos serviram o jantar.

Enquanto comíamos, perguntei-lhe o que os alemães costumavam tomar na hora das refeições.

"Cerveja ou vinho," foi sua resposta imediata.

"Oh," reagi "eu não tomo álcool."

"Aprenderá logo, quando estiver lá," disse com um risinho.

"Mas é contrário à minha religião," repliquei.

"Você é mórmon?"

"Sou. Conhece outros mórmons?" perguntei, na esperança de alimentar o diálogo.

"Bem, certa vez apareceram lá em casa uns moços."

"Missionários?" indaguei.

"Eles usavam camisa branca e terno escuro."

"Então eram missionários," assegurei-lhe.

"Foram muito corteses," comentou ela.

"O que sabe a respeito deles?"

"Bem, que eles financiam a própria missão e não podem ter namorada. Estou certa?"

"Está, sim," respondi.

Logo estava fazendo mais perguntas, e eu totalmente absorvida em responder a elas. Recolheram as bandejas do jantar, a iluminação foi diminuída e começou a projeção de um filme. Nós duas continuamos conversando seriamente, nem nos importando com o que estávamos perdendo.

Muito rapidamente, pareceu-me, estávamos falando de dízimo, casamento eterno, ordenanças vicárias, Palavra de Sabedoria e outros princípios do evangelho. Ela não questionou nada do que lhe contei. Simplesmente concordava com a cabeça. Quando eu terminava de falar de um assunto, ela perguntava outra coisa.

Suas perguntas levaram inevitavelmente ao Livro de Mórmon. Vi-me falando dos nefitas e lamanitas, e explicando com orgulho o importante papel de Morôni com relação ao Livro de Mórmon. E tudo isso levou à

história de Joseph Smith. Senti um calor muito gostoso por dentro, sabendo que estava compartilhando com ela a verdade.

Após uma hora ou mais respondendo às suas perguntas, ela pareceu não ter mais nenhuma no momento. Reclinei-me por um instante, abismada com o que acabava de me acontecer. Agradeci em silêncio ao Pai Celeste por deixar que estivesse naquele lugar naquele momento, e particularmente por ajudar-me a saber o que falar.

Não querendo simplesmente encerrar a coisa assim, ofereci-lhe um exemplar do Livro de Mórmon, certa de que seria aceito. Mas estava enganada. Ela simplesmente disse: "Não, obrigada." Levei um segundo para dar-me conta de sua resposta, mas quando entendi, fiquei arrasada. Contudo, explicou em seguida: "Tenho muita dificuldade de ler em inglês, e não entenderia a maior parte dele."

Enfiei entusiasmada a mão na sacola e tirei um livro azul que lhe passei. "Aqui tem um em alemão", disse-lhe, procurando não deixar transparecer meu orgulho. Obviamente surpresa, agradeceu e começou a folheá-lo. "Veja, aqui há uma promessa especial para o leitor," exclamei, apontando Morôni 10:3-5.

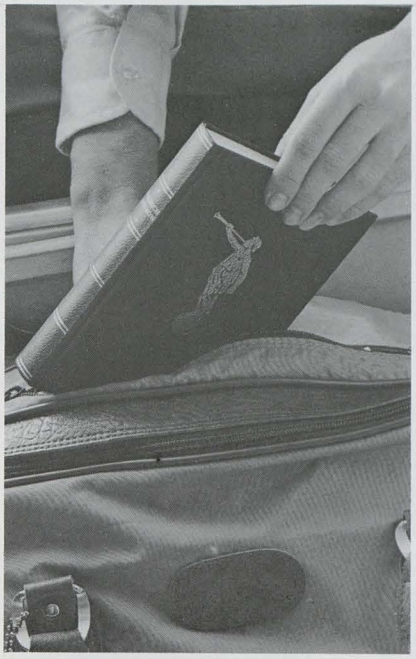
Após alguns minutos de silêncio, ela comentou: — Vou ler alguns trechos dele e o devolverei antes de desembarcarmos.

"Mas não, é para a senhora ficar," expliquei depressa. "Eu tenho o meu." Com os olhos brilhando, agradeceu e se pôs a ler. Não muito depois, deu-me seu endereço para que lhe mandasse os missionários.

Com uma prece de gratidão, abri meu diário e me pus a anotar a experiência na qual ainda mal conseguia acreditar. Antes de o perceber, o vôo terminou. Ao me despedir de minha amiga, ela voltou a agradecer-me.

Quando voltei da Alemanha, mandei seu endereço para a Missão de Pittsburgh, Pensilvânia. Não sei se ela se filiou à Igreja, mas confio em que algum dia o fará.

Pouco tempo depois de minha viagem, dei com Doutrina e Convênios 100:4-8, ao preparar um



Muito rapidamente estávamos falando de dízimo, casamento eterno, ordenanças vicárias, Palavra de Sabedoria e outros princípios do evangelho.

discurso. Embora fosse originalmente dirigida a Joseph Smith e Sidney Rigdon, sinto que foi escrita para mim também. Essa passagem ajudou-me a compreender a importância de estar onde deveríamos, fazendo o que deveríamos e atentando para o Pai Celeste através do Espírito Santo.

"Portanto, eu, o Senhor, permiti que viésseis a este lugar; pois para a salvação de almas assim me convinha.

"Portanto, na verdade vos digo, erguei as vossas vozes a este povo; falai os pensamentos que eu puser em vossos corações, e não sereis confundidos perante os homens;

"Pois naquela mesma hora, sim, naquele mesmo instante, ser-vos-á dado o que falareis.

"Mas um mandamento vos dou, tudo o que declarardes em meu nome, que o façais com seriedade de coração, com mansidão de espírito, em todas as coisas.

"E vos prometo que, se fizerdes isto, o Espírito Santo se derramará para testificar de todas as coisas que disserdes."

Mal posso esperar por encontrar-me no próximo lugar certo, na hora certa, seja quando e onde for que o Pai Celestial precisar de mim. ■

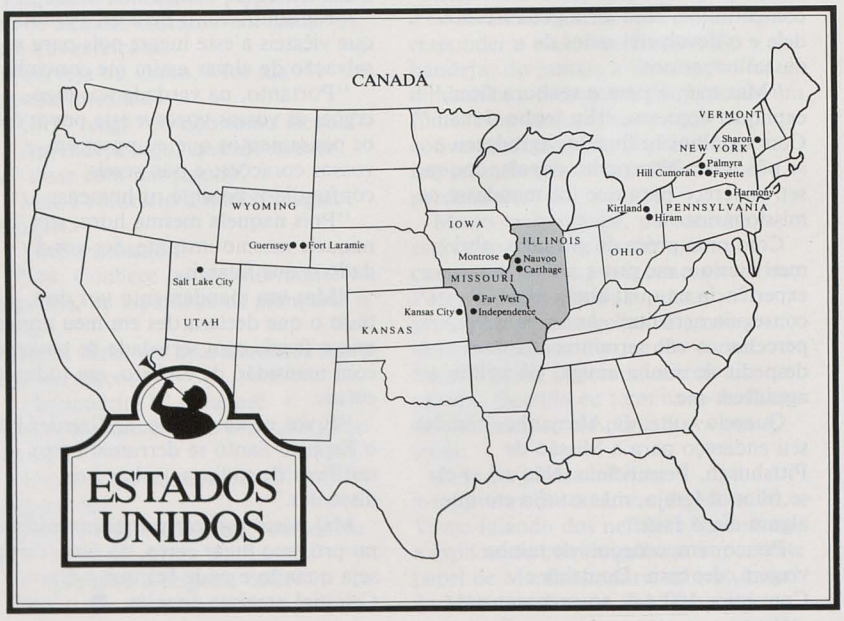


O QUE SE VÊ HOJE

Excursão Fotográfica pelos Locais Históricos da Igreja em Missouri e Illinois

Nesta segunda parte de nosso passeio fotográfico pelos locais históricos da Igreja, veremos cenários do Missouri e Illinois. As fotos são de autoria de Eldon K. Linschoten.

Alto: *Vista aérea de Independence, Missouri. Joseph Smith dedicou neste local, a 3 de agosto de 1831, um lote de 1,2 ha para a construção do templo. O Bispo Edward Partridge adquiriu 25,2 ha de terreno para o templo por cento e trinta dólares, em dezembro de 1931. Nesta foto, o local do templo está à esquerda do edifício abobadado, que abriga o Auditório da Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Logo acima do auditório, vê-se o centro de visitantes SUD, depois o estacionamento do centro de estaca SUD e o próprio centro, com a casa da missão e a velha capela onde funciona o escritório da missão, logo acima. No terreno do templo propriamente dito, fica a capela branca da Igreja de Cristo — Terreno do Templo.*



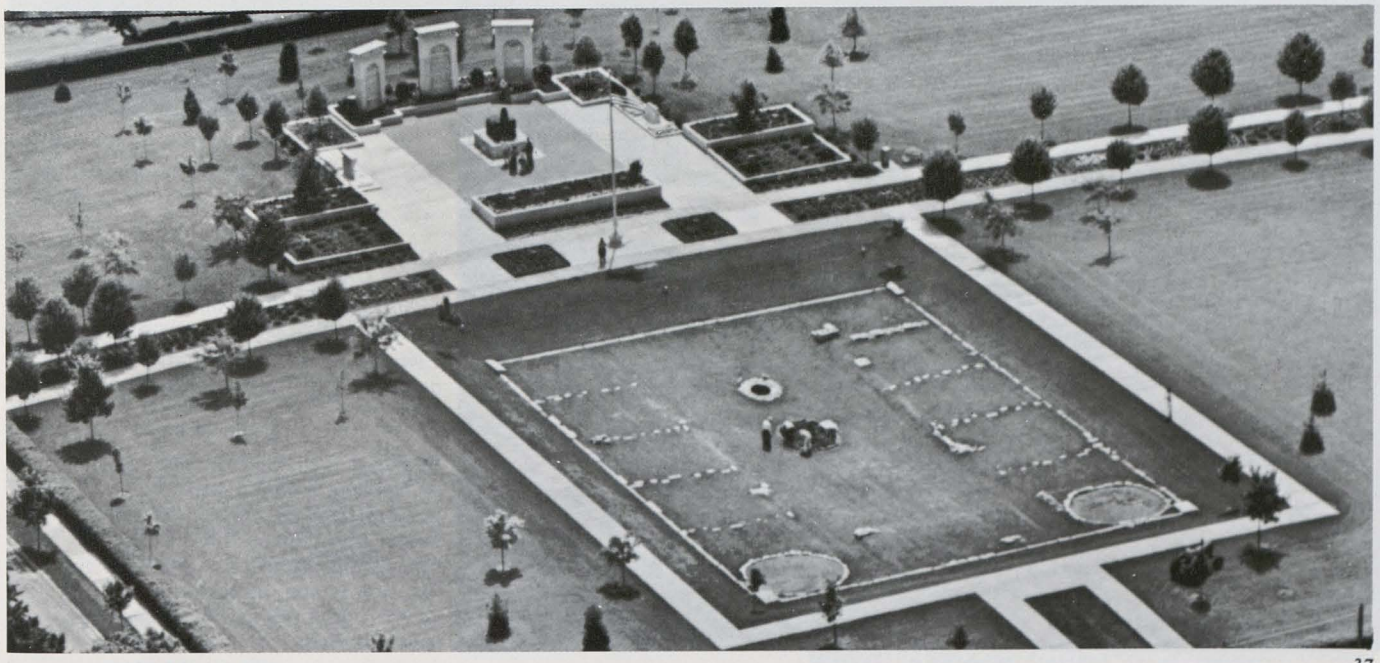




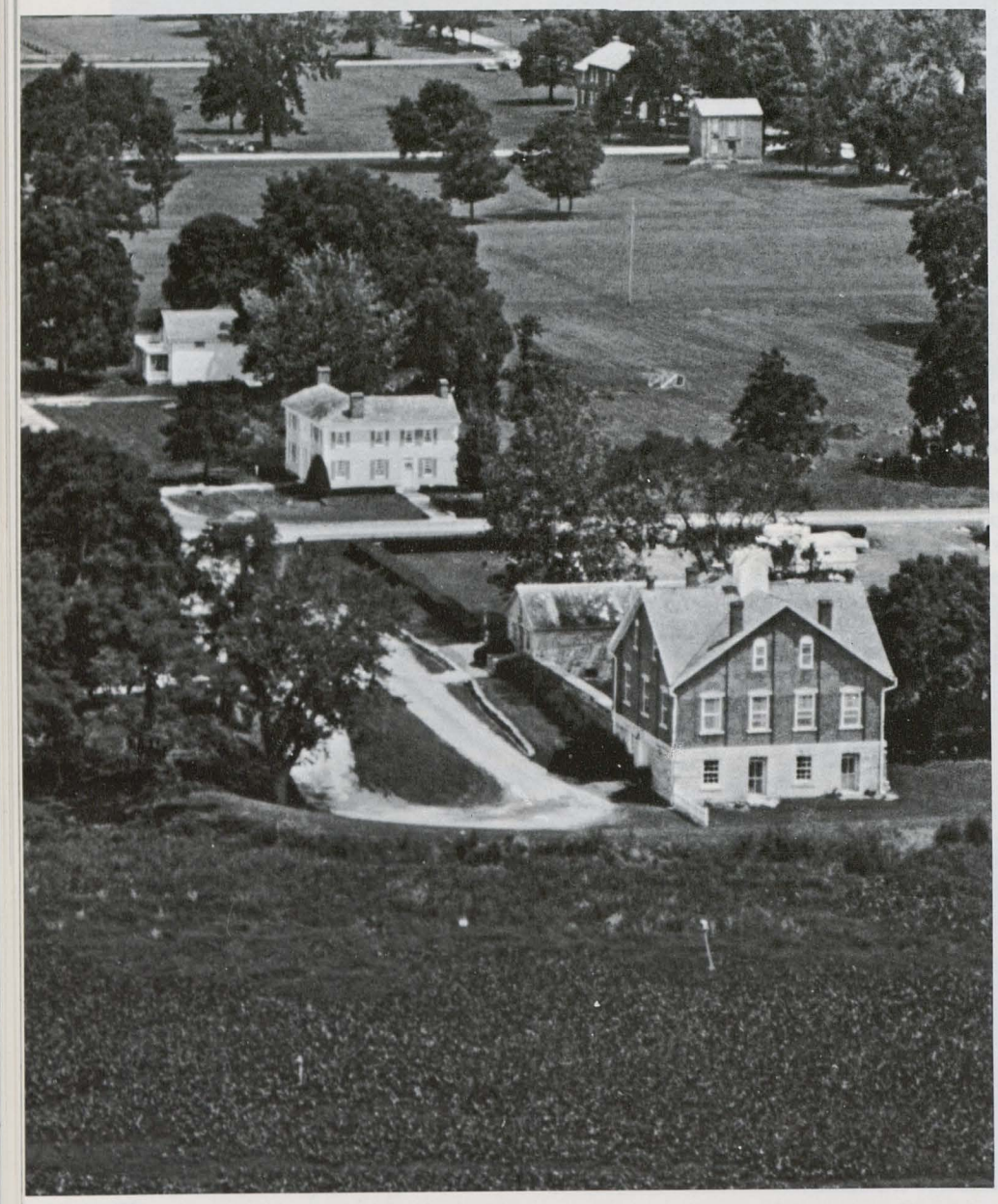
Acima: *Vista aérea de Nauvoo, com o terreno do templo no canto inferior direito. O Salão dos Setenta fica no alto, à esquerda.*

À direita: *Reprodução de um quadro que mostra o Salvador chamando seus apóstolos, está exposta no Centro de Visitantes de Nauvoo.*

Embaixo: *Vista aérea do terreno do templo em Nauvoo, olhando para o leste. Os alicerces foram escavados.*



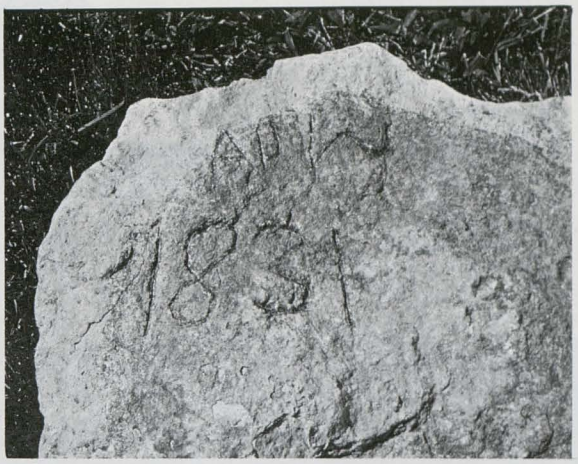


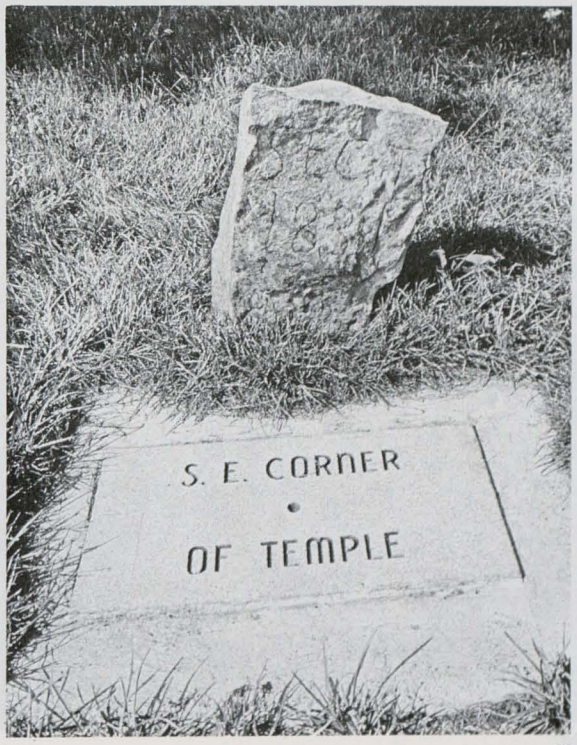


Alto: *Neste prédio funcionava a empresa* Times and Seasons, *que publicou um jornal com o mesmo nome, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios, um hinário e diversas outras obras da Igreja, entre 1839 e 1846.*

Embaixo: *Em primeiro plano, a Casa de Nauvoo, mantida pela Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A casa de cor clara, no centro à esquerda, é a* Mansion House, *na qual o Profeta Joseph Smith residiu nos últimos dez meses de vida.*







Acima: *Centro de Visitantes de Independence, dedicado em 1971 no terreno do templo.*

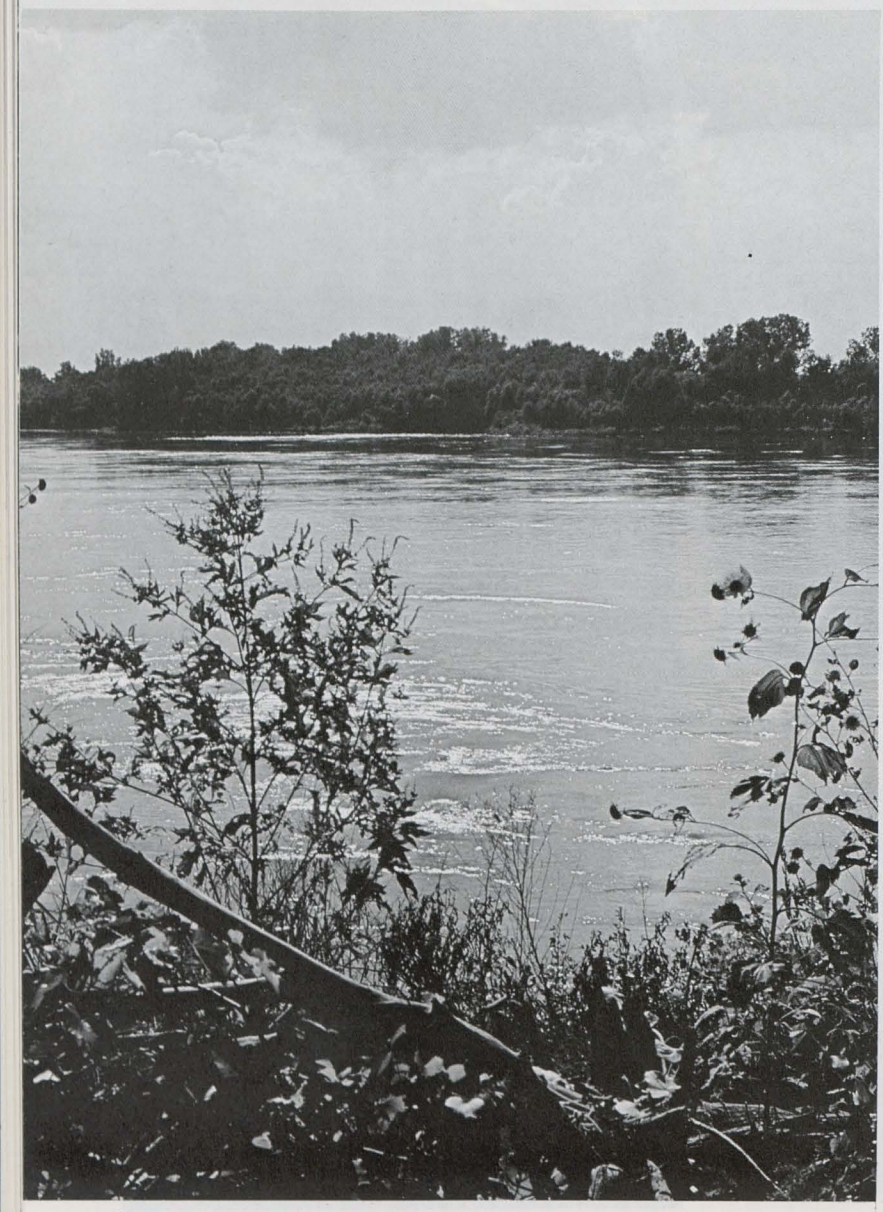
Alto à direita: *Uma escavação realizada em 1929, no terreno do templo de Independence, revelou este retângulo de pedra calcárea perto do proposto canto nordeste do templo, com a data — 1831 — gravada na superfície. É propriedade da Igreja de Cristo — Terreno do Templo.*

Embaixo, à direita: *Igualmente escavada no local do templo, esta pedra bruta traz a marca "S E C T 1831" significando "canto sudeste do templo".*



À esquerda: *Em 1838, os santos reuniram-se em Far West, Condado de Caldwell, Missouri. O Profeta Joseph Smith dedicou este campo relvado como terreno do templo; e D&C 118 instruiu os Doze a partirem em missão para a Inglaterra daqui. Apesar de os santos serem expulsos do estado pelo populacho, os fiéis apóstolos voltaram a este local, antes de encetarem sua viagem transoceânica. Vê-se aqui a pedra angular sudoeste destinada ao templo.*



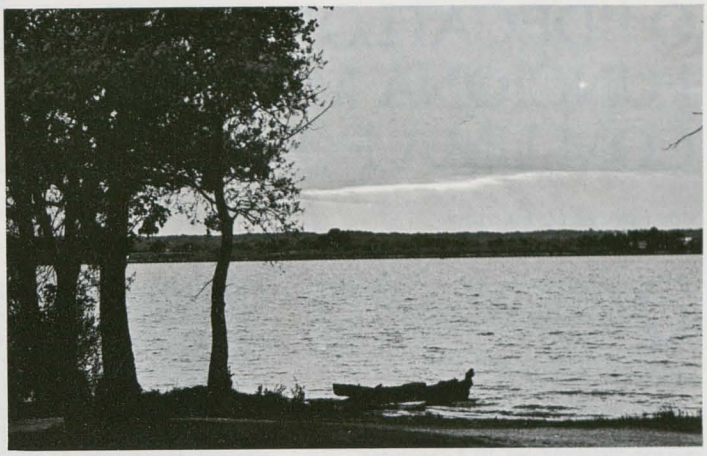


Acima: *Monumento de 1862, comemorando o primeiro prédio escolar em Kansas City; santos dos últimos dias assentaram a primeira tora das paredes, a 2 de agosto de 1831.*

À esquerda: *Escorraçados do Condado de Jackson, os santos abandonaram o Missouri, cruzando o Rio Missouri em balsas, partindo deste ponto ou de outros atracadouros próximos. Com centenas de pessoas empreendendo a jornada em pleno inverno, Parley P. Pratt descreveu a cena como "indescritível".*

À direita: *Vista de Montrose, Iowa, a partir do atracadouro de balsas de Nauvoo, na outra margem do Rio Mississipi. Aqui os pioneiros atravessaram o rio congelado, no inverno de 1846.*

Embaixo: *Todos os domingos realizavam-se duas reuniões neste bosque, a oeste do Templo de Nauvoo, Joseph Smith podia "participar" dos serviços pelas janelas abertas da casa de Edward Hunter, onde se encontrava escondido.*





O "DECATLO" GENEALÓGICO FUNCIONA MELHOR COM UMA EQUIPE FAMILIAR

por George D. Durrant

Quando eu era jovem, meu herói dos esportes era um atleta chamado Robert Mathias. Ele venceu o *Decatlo** nas Olimpíadas de 1948 e novamente nas de 1952.

Mathias percorreu os 100 m rasos em 10,9 segundos, e o vencedor cobriu a mesma distância em 10,4 segundos, cerca de meio segundo mais rápido que Mathias. Nos 400 m rasos, o tempo de Mathias foi de 50,2 segundos — bastante aquém dos 45,0 segundos obtidos pelo corredor da modalidade. No salto em altura, Mathias alcançou 2,3904 m, pouco mais de quinze centímetros abaixo da altura máxima atingida pelo vencedor. Conseguiu que seu dardo percorresse a distância de 59,21 m, bem menor que os 73,76 m alcançados pelo dardo do campeão que colocara todo o esforço nesta prova.

Bob Mathias não foi o primeiro classificado em nenhum evento específico, mas desempenhou-se tão bem em cada um deles, que, quando os pontos obtidos em cada prova foram somados, seu escore final classificou-o como campeão do decatlo.

A vida é bastante semelhante a um decatlo. Para tirarmos o máximo proveito de nosso próprio potencial e sermos úteis ao próximo, é necessário que participemos de muitos e variados acontecimentos. Se nos dedicarmos a bater os recordes em determinado evento, poderemos classificar-nos demasiado abaixo em alguma outra prova. E, se compararmos nossos esforços com os de algum especialista, é provável que nos sintamos ineficientes e até mesmo culpados por não nos desempenharmos melhor.

Em algum ponto entre os dois extremos — o de nos dedicarmos exclusiva e excessivamente, e o de não fazermos absolutamente nada — situa-se aquela gloriosa, embora impalpável, condição chamada *equilíbrio*. Somente encarando os diversos aspectos da vida com um apurado senso de equilíbrio, é que nos podemos tornar campeões no grande decatlo da vida.

Quando procuramos encaixar, nas atribuladas atividades da vida, os encargos genealógicos conforme os percebemos, sentimos, algumas vezes, como se fossem o evento mais difícil de realizar. Penso que nos sentimos dessa maneira, porque encaramos a genealogia mais como um evento especializado do que como um evento essencial numa competição de decatlo. Achamos que, para realizar esse trabalho de modo aceitável, devemos ter um volumoso livro de recordações, cópias de cada recenseamento que pudermos obter, e folhas de grupo familiar espalhadas por toda a mesa.

O questionário a seguir ajudará a esclarecer se você está ou não dentro de um bom equilíbrio. Despenda alguns minutos para responder, assinalando Certo ou Errado em cada questão.

QUESTÕES	Certo	Errado
1 - Gosto de Genealogia	☐	☐
2 - Estive no templo e recebi minhas bênçãos (ou gostaria de fazê-lo)	☐	☐
3 - Fui selado a minha família (ou gostaria de sê-lo)	☐	☐
4 - Realizo a Noite Familiar todas as semanas	☐	☐
5 - Tenho o registro de meus antepassados pelo menos até a quarta geração, e submeti os nomes para a obra vicária	☐	☐
6 - A maior parte de minha genealogia já está feita	☐	☐

Examinemos as respostas.

Primeira questão: Gosto de genealogia. Se sua resposta foi "certo", está ótimo. Se respondeu "errado", talvez seja porque não entendeu o significado da palavra *genealogia*. Genealogia *não* são folhas de grupo familiar, gráficos de linhagem, ou apenas enormes pilhas de artigos e registros genealógicos. Tudo isso não passa de ferramentas. A genealogia é o estudo da família de alguém, o estudo de nossos ancestrais, seu nascimento, infância, sonhos, casamento, ocupações, seus filhos, sua morte. E como essas coisas do passado têm impacto sobre o presente, num sentido real, a genealogia é o estudo da própria pessoa.

Imagino qual seria a minha situação atual, se meu bisavô Durrant não tivesse sido John Durrant mas uma outra pessoa. Eu não teria sido um oitavo diferente do que sou. Se o bisavô John tivesse feito escolhas diferentes das que efetuou, minha vida também teria sido diferente. Quando os missionários chegaram à Inglaterra, há mais de século, acreditou neles; do contrário, teria provavelmente permanecido na Inglaterra, e eu seria inglês. Portanto, quanto mais eu souber de meus ancestrais, mais saberei a meu próprio respeito.

À medida que você for conhecendo seus antepassados, irá desenvolvendo um profundo amor a eles e sentirá o desejo de assegurar-lhes as ordenanças do templo em seu favor. A genealogia é o instrumento que o capacitará a fazê-lo.

Se sua resposta foi "errado" gostaria de voltar atrás e mudá-la para "certo"? Se o fizer, sentirá uma onda de alegria invadir seu coração.

Segunda questão: Estive no templo e recebi minhas bênçãos (ou gostaria de fazê-lo). A sua resposta foi "certo", não foi?

A mais fundamental de todas as responsabilidades genealógicas e do templo é comparecer ao templo, para receber as suas próprias ordenanças e endowments. Mais templos estão sendo construídos em todo o mundo, para possibilitar a um número maior de membros o gozo dessas bênçãos, as quais são o cerne do evangelho, e as nossas bênçãos espirituais mais caras. Podemos torná-las acessíveis também aos nossos ancestrais falecidos.

Se você recebeu suas bênçãos do templo, retorne àquele local sagrado sempre que possível, para levar essas bênçãos a outras pessoas, recordar a si mesmo os convênios que fez. Caso ainda não tenha entrado no templo, prepare-se e mantenha-se digno para o dia em que puder fazê-lo.

Terceira questão: Fui selado à minha família (ou desejaria tê-lo sido).

Há alguns anos dirigi um estudo sobre o assunto "Noite Familiar" e sua influência sobre as crianças. Entrei em contato com algumas famílias que raramente ou nunca realizavam noites familiares e lhes perguntei se seriam capazes de efetuar uma noite familiar por semana durante um período de três meses.

Recordo-me da experiência de uma família. Ao transmitir-lhe o meu desafio o pai colocou de lado o seu cachimbo. Havia uma lata de cerveja aberta ao

N.T. **Decatlo* — Conjunto de 10 provas de atletismo, incluindo corrida (100 m, 400 m e 1500 m, além de 110 m com barreiras), salto em distância, em altura e com vara, e lançamento de disco, de peso e de dardo.

lado de sua cadeira. Ele aceitou o desafio, comprometendo-se a realizar uma reunião familiar a cada semana.

Após três meses, minha chegada foi saudada com calorosas boas-vindas e, quando perguntei se haviam cumprido o desafio, o pai olhou-me atentamente, e respondeu: "Não estou bem certo. Nós o fizemos em quase todas as semanas, mas, em uma delas, não tenho certeza se o que fizemos foi uma noite familiar ou não.

Respondi-lhes: "Digam-me o que fizeram e veremos." O pai replicou: "Nessa semana fomos ao templo para sermos selados como família eterna." Essa resposta inesperada pegou-me desprevenido, e a emoção quase me impedia de falar. Repliquei suavemente: "Sim, creio que podemos contá-la."

Perguntei ao pai o que ocorrera para operar tão poderosa mudança, e sua simples resposta foi: "A cada semana, reuni toda a família e realizamos a noite familiar. Eu via as crianças sentadas ali, perto de mim e de sua mãe. Sentiamo--nos todos tão bem e tão felizes... Decidi que era tempo de começarmos a mudar as coisas; falamos sobre ir ao templo para podermos ficar juntos por toda a eternidade. Conversamos com os mestres familiares e depois fomos ao bispo. Após algum tempo, o bispo sentiu que éramos dignos de entrar no templo". Pode-se ver, assim, que todos os que desejarem essas bênçãos, as receberão.

Quarta questão: Realizo noite familiar todas as semanas. Se você respondeu: "Errado", está desprezando a responsabilidade básica para a edificação de uma família eterna. Esta pode ser realizada até pelo mais ocupado dos ocupados. É a pedra angular de uma vida equilibrada dentro do evangelho.

Durante a dedicação do Templo de Oakland (Califórnia), o Presidente Harold B. Lee fez a seguinte observação significativa:

"O Presidente Joseph F. Smith e seus conselheiros prometeram aos membros da Igreja que, se eles reunissem os filhos em torno de si uma vez por semana e os ensinassem dentro dos princípios do evangelho, eles: não se afastariam da verdade."

"Serão vocês capazes de acreditar que a única época em que os pais devem preocupar-se em volver o coração aos filhos, e os filhos volverem o coração aos pais é após ultrapassarem o véu? Gostaria de que considerassem seriamente se os laços de ligação com vossas famílias terão qualquer segurança, se esperarem passar para o outro lado do véu antes que seus corações comecem a suspirar pelos filhos que deixaram de ajudar a orientar durante o caminho. Talvez seja tempo de começarmos a pensar em volver o coração dos pais aos filhos enquanto estão vivos, a fim de que, após a partida para o além, possa existir aquela ligação entre eles que perdurará após a morte. Penso que é um princípio muito real e devemos considerá-lo.

Tais experiências semanais podem ser o âmago das experiências familiares que criarão laços nesta vida os quais, quando conjugados aos selamentos do templo, prolongar-se-ão além do véu. Se você respondeu "errado" a esta questão, volte atrás, mude sua resposta para "certo", e passe a realizá-las.

Quinta questão: Tenho registro de meus antepassados pelo menos até a quarta geração e submeti os nomes para as ordenanças do templo. Se sua resposta foi "errado", pode ter sido porque completar os registros de quatro gerações é, algumas vezes, uma tarefa quase impossível. Se tentou honestamente, mas ficou bloqueado numa linha difícil, pode responder "certo". O espírito da designação já foi satisfeito. O envolvimento em tal esforço pode ser tão importante quanto a informação que pode ou não ter sido encontrada.

Se você conseguir completar registros de seus ancestrais cobrindo quatro gerações ou mais, estude cuidadosamente os registros originais e ficará mais familiarizado com seus ancestrais, e verificará a exatidão das informações. No Livro de Recordações da família, junte gráficos de linhagem, folhas de grupo familiar, e histórias pessoais e familiares, o que pode ser usado para ensinar à família sobre os seus ancestrais.

Sexta questão: A maior parte de minha genealogia já está feita. Se você respondeu "certo" fê-lo com honestidade, mas, provavelmente, está enganado.

É verdade que muitas linhas de ancestrais já foram traçadas tão longe no passado quanto os registros existentes o permitem. Ainda assim, será muito raro encontrar uma pessoa que não possa descobrir pelo menos umas poucas linhas que possam ser estendidas um pouco mais longe no passado. Você pode, usando uma quantidade equilibrada de seu tempo, envolver-se nessa empolgante busca. O curso de ação a tomar é simples. Entre os descendentes vivos de seus bisavós, existem provavelmente, alguns que gostariam de se envolver mais na obra genealógica. É possível que você já saiba de alguns parentes que têm interesse em genealogia. Escreva-lhes ou visite-os. Dois ou mais de vocês podem programar uma reunião familiar ancestral, a qual pode ter um presidente.

Façam com que essa pessoa, que pode ser você, lidere o desenvolvimento de uma proposta para determinar a situação da pesquisa familiar, o quanto vocês pretendem realizar, e como alcançar tal meta. Esse tornar-se-á o plano genealógico familiar.

Ao se reunirem com seus parentes, vocês descobrirão que alguns membros da família se mostram mais aptos à pesquisa genealógica que outros. Alguns podem pesquisar registros, outros escrever uma história familiar, outros datilografar gráficos de linhagem, folhas de grupo familiar e histórias. Alguns podem encarregar-se de levantar fundos, outros podem ser fotógrafos, outros executarão trabalhos de arte, outros ainda poderão estabelecer contato com outros membros da família e organizar encontros familiares e reuniões. Todos os talentos familiares podem ser usados, devendo todos sentir que estão contribuindo, e ninguém se achar sobrecarregado.

Cada família envolvida no plano genealógico pode utilizar o plano como parte dos debates da Noite Familiar. Você pode ficar tão entusiasmado, que desejará organizar ou participar de várias reuniões familiares ancestrais. Não o faça! Estaria envolvendo-se com mais trabalho do que poderia dar conta. O envolvimento ativo em uma ou duas será suficiente para manter sua vida evangélica equilibrada. Para expandir o esforço familiar, encoraje seu irmão a se envolver em uma organização familiar ancestral, em outra das linhas de sua família. Sua irmã poderia trabalhar numa outra linha. A sua genealogia não está toda feita. Ela aguarda os seus esforços. Um contato com um parente iniciará o seu avanço. Pode ser também que você seja um genealogista já capacitado e que disponha de tempo para fazer a pesquisa por si mesmo. Se assim for, ajude os parentes, tornando--os parte do time do "decatlo" genealógico.

"Eu sou a
ressurreição e
a vida;
quem crê em
mim, ainda que
esteja morto,
viverá."
(João 11:25.)